



Investigadores querem-se de falta de dados

“Assim, o crime ainda continua a compensar”

Mantém-se o fio que o prende à vida



A última «amarela» conquistada por Joaquim Agostinho, na Volta ao Algarve, poucas horas antes do acidente

A vida quase parou em Berjens e, um pouco por todo o País, a consternação é um dado adquirido. No Parlamento, manifestações de pesar e um requerimento ao Governo sobre as condições hospitalares da Região Sul. Enquanto isto, Joaquim Agostinho é considerado como «clínicamente morto» apesar de 60 pulsações por minuto e de uma tensão arterial de 10-5. Situação gravíssima mas estacionária, assim a definia ao fim da manhã uma fonte do Hospital da CUF, donde cerca das 10 horas foram proibidos de permanecer (no piso onde continua em coma profundo) os jornalistas e os amigos do ciclista. Ana Maria, a mulher, voltou ao hospital depois de passar a noite em casa. Vida presa por um fio, a do indito Agostinho, mas por um fio cada vez mais ténue.

Pág. 14

Acidente de Terronhos:

Relatório preliminar “pouco conclusivo”

Pág. 20

A lei e os transportes públicos

Barba feita e uniforme sem falta...

Os trabalhadores dos transportes públicos têm de apresentar-se ao serviço devidamente barbeados e uniformizados, nos termos de um acórdão do Tribunal Constitucional.

A questão foi suscitada a partir da autuação feita a um trabalhador pela GNR de Amares, em 1982, por ele não se apresentar com qualquer daqueles preceitos cumpridos. O diploma que serviu de base para a iniciativa da GNR é um Decreto-Lei de 1948.

O Tribunal Constitucional entendeu, agora, que aquela disposição se mantém em vigor, sem contradição com o preceito constitucional que concede ao cidadão o direito à sua aparência externa.



O Papa João Paulo II e o presidente Reagan conversaram ontem no aeroporto de Fairbanks, no Alasca: o primeiro de partida para a Coreia do Sul, o segundo de regresso a casa, após a sua visita à China. (Telefoto NP/DL)

Nem uma palavra sobre o país de Kim Il Sung

Papa já está na Coreia do Sul

Págs. centrais

Hoje: LER/ESCREVER

Ramalho Eanes em Estrasburgo para falar de política internacional

O Presidente da República estará no próximo dia 9 em Estrasburgo onde, no Conselho da Europa, fará um discurso sobre a actual situação internacional. A presença de Eanes, que corresponde a um convite que lhe foi endereçado nesse sentido, ocorrerá quatro dias depois da passagem do 35.º aniversário do Conselho da Europa. O Presidente, que deixará Lisboa no dia 8, terá, no dia seguinte, um programa intenso, onde se incluem encontros com personalidades europeias e com o secretário-geral do Conselho da Europa, além de visitas ao Palácio dos Direitos do Homem, onde também discursará, ao Centro Europeu da Juventude e à Câmara Municipal de Estrasburgo. Terá ainda um encontro com a comunidade portuguesa radicada naquela região de França. O regresso a Lisboa processar-se-á no dia 10. Trata-se da segunda vez que Eanes se desloca ao Conselho da Europa, tendo a primeira visita ocorrido em Novembro de 1978.

Encontro esta manhã em S. Bento

Craxi e Soares “no mesmo comprimento de onda”

Bettino Craxi disse esta manhã, aos jornalistas, no final de um encontro de 90 minutos na residência oficial de S. Bento entre as delegações portuguesa e italiana, ter sido «muito útil» a troca de impressões mantida com Mário Soares e Jaime Gama. «Estamos no mesmo comprimento de onda» — considerou o primeiro-ministro italiano, que referiu terem sido tratados quatro ordens de problemas: questões relacionadas com as relações bilaterais — sobretudo nos aspectos económico e cultural — a Europa comunitária e perspectivas futuras, a NATO e os problemas da Paz e as relações com África.

No tocante a África e ao interesse italiano numa cooperação trilateral com Portugal, Craxi considerou «muito interessante» a exposição de Jaime Gama (recém-chegado esta manhã da cidade do Cabo) acerca da situação na África Austral. De S. Bento, Craxi seguiu para a Gulbenkian e mais tarde para o Guincho, onde teve um almoço privado. Esta tarde vai ao Parlamento e à noite será obsequiado por Soares com um banquete em Sintra.

Pág. 4

PSD apostado em apressar remodelação ministerial

Pág. 4

O «DL» em Setúbal com o patrocínio

«TURISMO COSTA AZUL»

q opinião dos outros

Diário de Notícias

«(...) O apoio de Bettino Craxi à integração dos países ibéricos na Comunidade (e independentemente da concorrência que estes possam vir a fazer à agricultura italiana, uma vez que todos apresentam culturas idênticas) é, nesta óptica, sincero e efectivo. Não que o alargamento contribua para simplificar os problemas que a CEE enfrenta: o que está em causa, defende Craxi, é «o objectivo de longo prazo da solidariedade europeia, que ultrapassa» o egoísmo mercantilista dos interesses imediatos.

Não se esgota aqui a importância da visita de Craxi. Há, na verdade, um vasto campo de diálogo e cooperação, que no futuro se pode revelar extremamente frutuoso. Para o efeito, sem falsos idealismos, existem todas as condições: seja no domínio político, seja no terreno comercial, seja no campo da cooperação conjunta, particularmente com África (...)

Do Editorial
3-5-84

o diário

«O 1.º de Maio correspondeu a tudo o que, após as comemorações populares do 10.º aniversário do 25 de Abril, dele se esperava. Foi uma gigantesca jornada de luta.

Desta vez não houve festa. O povo, em todo o País, saiu à rua para protestar, para dizer o que pensa da política que aí está e daqueles que a praticam, para exigir a demissão do actual Governo.

As forças da contra-revolução sofreram uma enorme derrota que as deixa em situação bastante difícil. Porque a prova da relação de forças — decisiva para a continuidade de qualquer política — confirmou a existência de um grande desequilíbrio. A favor das massas e contra os ocupantes do poder; a favor do povo que contesta a política desenvolvida pelo Governo Soares-Pinto e contra aqueles que a concebem e executam (...)

Do Editorial
3-5-84

o País

«(...) Para terminar a descrição do mais recente folclorismo nacional em que vivemos, sendo que muito dele nos custa os olhos da cara, sublinhe-se o facto do vice-Primeiro-Ministro Mota Pinto, não querendo ficar atrás do chefe do Governo e tentando imitar a ânsia de ar livre que o responsável pelos Negócios Estrangeiros tem evidenciado por esse mundo fora, ter partido para uma visita à República Popular da China.

De facto, se Ronald Reagan lá tinha sido recebido, por que razão não tinha ele o mesmo direito, tanto mais que, como sucede sempre nestes casos, tinha sido convidado e não há nada de importante a resolver em Portugal?

Mas, fazendo embora um esforço para levar a sério toda a bagunça e irresponsabilidade que nos cerca, ainda sou levado a perguntar: será que os autores dos gestos, das palavras, das acções que aqui relatei e que constituem uma pequena parte do muito que haveria de sublinhar quanto ao que ocorreu na última semana, não sentem vergonha, perante os portugueses de hoje e face à História, pelo tão escandaloso exemplo que dão? (...)

Do Editorial
3-5-84

Tempo

O Governo prepara uma remodelação. O Ministério da Qualidade de Vida deverá ser extinto. Mas terá o Governo coragem para criar os Ministérios da Cooperação e dos Emigrantes e do Turismo, dos Desportos e dos Espectáculos? Terá coragem para extinguir o Ministério da Cultura (chamando o dr. Coimbra Martins, por exemplo, ao importante Ministério da Cooperação e dos Emigrantes) poupando milhões de contos por ano, integrando esta área no Ministério da Educação? Terá o Governo coragem para aplicar preços administrativos imediatos aos bens de consumo geral, no intuito de reduzir de forma drástica a inflação? Não é por acaso que jornais como o «Tempo» e outros semanários mantêm as suas tiragens mesmo quando o seu preço de capa sobe substancialmente. E que a população quer estar informada para decidir. A população sabe o que se passa no País. Ou este Governo se modifica e aplica as grandes reformas, ou este Governo está liquidado. No final do ano entrar-se-á na derrapagem: o Governo já não poderá tomar medidas porque estará à beira de novas eleições. Será tarde. Restará esperar o veredicto implacável e a punição também implacável do eleitorado. Entretanto, a desgraça nacional ter-se-á acentuado.

Do Editorial
3-5-84

DIÁRIO POPULAR

«(...) Jaime Cortesão pertence à legião enorme daqueles que morreram na clandestinidade. Desde um Presidente da República, Bernardino Machado, já reformado de professor catedrático e demitido, como aliás Afonso Costa e tantos mais, aos seus colegas do grupo dos Homens Livres, da Biblioteca Nacional e da «Seara Nova», Raul Prouença cujo centenário do nascimento ocorre no dia 10 deste mês de Maio, Aquilino Ribeiro, Câmara Reis, Mário de Azevedo Gomes, outros, pagaram grande tributo à sua fé democrática, à sua intervenção cívica. Não voltaram a ver o País livre. Exemplos vivos de grandeza de alma, compreensão e tolerância continuam a ser homens como João Sarmento Pimentel e Manuel Rodrigues Lapa.

No centenário de Cortesão, o historiador e o poeta têm de ser postos em relevo; mas a sua lição de civismo não é menor do que a do grande escritor que foi.»

De Raul Rego
2-5-84

Nicarágua: a «chavala» vai às urnas

Alice Nicolau

«Chavalos» são os garotos na Nicarágua. E de todos os garotos do país, o mais querido é uma rapariga, uma «chavala», de cinco anos e que é a revolução. Abundam os cartazes alusivos a essa «chavala» representada como uma garota decidida e sorridente, com sua saíinha curta, no gesto de quem caminha sabendo para onde quer ir. Ora bem: a «chavala» no próximo dia 4 de Novembro vai às urnas. Em disputa eleitoral estarão os cargos de presidente e vice-presidente da República e os 90 assentos do Parlamento. A «chavala» tem como candidatos à presidência e à vice-presidência dois dos seus progenitores respectivamente Daniel Ortega e Sérgio Mercado Ramirez.

A oposição dividida por lutas internas dentro de quase todos os seus partidos constitutivos e dividida por lutas entre os diversos partidos procura aliar-se numa coligação, único meio aparentemente susceptível de lhe proporcionar assentos que se vejam no Parlamento. Segundo todos os nossos interlocutores, a «chavala» vai ganhar as eleições, embora se tenha como certo que a oposição consiga fazer eleger alguns deputados.

As eleições foram uma promessa da Frente Sandinista e representam a necessidade de institucionalizar a vida pública nacional, depois deste interregno de cinco anos, lapso de tempo que muito naturalmente teve de decorrer entre o sismo insurreccional e o regresso à normalidade.

Até agora, a oposição não disse ainda se vai concorrer ou não às eleições. E a hierarquia da Igreja dispõe-se, segundo conseguimos apurar, a aconselhar o boicote às eleições. Conseguimos também saber que, se isso ainda não foi feito, é porque tal posição está longe de ser pacificamente aceite, mesmo pela corrente eclesiástica aliada da grande burguesia.

Os EUA, por sua vez, também não querem que a «chavala» vá às urnas. Porque, se houver eleições, Washington perde um dos seus argumentos para atacar o regime sandinista. Será impossível continuar a dizer que os dirigentes do país não têm legitimidade para governar, depois de eles terem sido sancionados pelo voto popular. Para lá de outros objectivos mais importantes prosseguidos pelo imperialismo na sua ofensiva contra a Nicarágua, o desejo de impedir a todo o custo a institucionalização do regime nicaraguense é um dos fins que se visam atingir.

Para quem não sofre da admiração fetichista pelas eleições, para quem tem o cérebro aparelhado de modo a admitir mais do que uma fórmula de existência democrática dos povos, a legitimidade do poder sandinista não merece dúvidas. Eles foram colocados no poder graças ao sangue de 50 mil mártires, graças à capacidade que tiveram, durante vinte anos, de encabeçar o grito de revolta contra Somoza e o imperialismo. Eles foram colocados no poder, porque se apresentaram ao povo portadores da promessa libertadora de Sandino e porque o povo confiou neles a ponto de arriscar a vida e morrer pela sua vitória. Mas isto é um tipo de raciocínio que não cabe em certas massas cinzentas. Aliás, os sandinistas recordam aos EUA que essa nação nasceu de uma insurreição armada e que levou 13 anos a encetar um processo eleitoral, depois de alcançar o poder. Isso aconteceu no século XVIII e pode até dar-se o caso de o presidente Reagan não ter conhecimento desses antecedentes da história do seu país.

O processo eleitoral na Nicarágua foi objecto de uma entrevista que fizemos com o presidente do Supremo Conselho Eleitoral, dr. Mariano Fiallos Oyanguren, filho de um dos homens ilustres dos tempos de Somoza: o dr. Mariano Fiallos Gil, que foi um dos grandes batalhadores pela autonomia universitária e que dirigiu a Universidade Autónoma de Leon, no qual estudaram muitos dos actuais dirigentes do país.

Pluralismo

Mariano Fiallos, de 50 anos, é doutorado em Direito, frequentou e foi assistente de escolas de Direito dos EUA, onde adquiriu os seus graus académicos, é autor de diversas obras jurídicas, exerceu altos cargos académicos durante a ditadura e é um homem conhecido e prestigiado nos meios universitários centro-americanos.

Recebeu-nos, com grande amabilidade, a uma jornalista norte-americana e a mim, ao mesmo tempo, no seu gabinete, sóbrio e confortável na Casa Ricardo Morales Avilez, sede do Conselho Supremo Eleitoral.

As perguntas são uma mistura das duas entrevistas: da da jornalista norte-americana e da minha. Suponho que ambas ganhámos com esta associação jornalística, que nos permitiu enriquecer o leque de assuntos abordados.

— Existe de facto pluralismo político na Nicarágua sandinista?

— Claro que existe. E esse pluralismo traduz-se na existência presentemente de nove partidos políticos que participam no Conselho de Estado. Destes nove partidos, sete encontram-se completamente legalizados e dois estão em processo de legalização — o Partido Social-Democrata e o Partido Comunista.

— Que Partido Comunista é esse?

— É uma das facções em que se dividiu o anterior Partido Comunista, cuja denominação oficial era Partido Socialista. Uma das facções desapareceu, outra manteve o nome de Partido Socialista e outra adoptou o nome de Partido Comunista, encontrando-se agora em fase de legalização.

— É esse o quadro partidário total?

— Há ainda dois partidos que anunciaram a possibilidade de pedir estatuto de partidos — o MAP — Movimento de Acção Popular — e o PSCA — Partido Social Cristão Auténtico, saído de uma cisão do Partido Social Cristão. Havia ainda o Movimento Democrático da Nicarágua (o Partido de Alfonso Robelo), que saiu do Conselho de Estado para ir para a contra-revolução armada.

— O sr. pertence à FSLN? E se pertence à FSLN como garante um papel independente no Conselho Supremo Eleitoral?

— De facto, pertence à FSLN na qual me integrei antes da revolução. A minha obrigação como membro da FSLN é cumprir as tarefas que me incumbem dentro do Conselho Supremo Eleitoral. Como sandinista, tenho que ser imparcial e dirigir um processo eleitoral livre, justo e honesto. Tenho que garantir que os resultados das primeiras eleições livres, justas e honestas da história da Nicarágua correspondam efectivamente à vontade dos eleitores.

— Quais as funções do Conselho Supremo Eleitoral?

— Organizar e dirigir todo o processo eleitoral. O Conselho organiza e superintende em todos os organismos que levam a cabo as inscrições de eleitores, a votação, o escrutínio e o anúncio dos resultados. Encarregamo-nos de organizar todo o processo de recenseamento eleitoral, de recolha, contagem e anúncio de votações.

Os eleitores inscritos recebem um cartão identificador, do-

cumento necessário para o acto de votar.

Número de eleitores

— Pode especificar melhor como vai processar-se a identificação dos eleitores?

— Para votar é necessário estar inscrito. As inscrições constarão de cadernos eleitorais. Em cada junta de recenseamento há dois membros do Conselho Supremo Eleitoral e um fiscal por cada partido político. O recenseamento eleitoral decorrerá por um período determinado e abrir-se-á numa data anterior pelo menos três meses à realização da consulta eleitoral. Cada junta de recenseamento abrangerá uma área de 400 eleitores em média. Cada cidadão inscreve-se na junta territorial que lhe compete. Estão elaborados cinco mil mapas para que cada cidadão saiba onde deve inscrever-se. As listas eleitorais serão afixadas durante dez dias para que todos os cidadãos possam verificar se foram inscritos se não.

Os cidadãos podem recorrer para o Conselho Supremo Eleitoral em caso de omissão ou erro de registo.

— O voto é obrigatório?

— Não. A inscrição é obrigatória. Mas o voto não. A única penalidade para quem não votar consistirá no impedimento no exercício de determinadas funções durante um certo tempo.

— Qual é o número de eleitores que se supõe virem a ser inscritos?

— A nossa população total é de três milhões e 200 mil pessoas. Supõe-se que haja um milhão e seiscientos cinquenta mil eleitores. Cerca de 200 mil serão eleitores de idades compreendidas entre os 16 e 18 anos.

Pessoalmente, não nos surpreendeu que aos 16 anos já se tivesse direito a votar na Nicarágua. Primeiro, porque a expectativa de vida se situa bastante abaixo dos 50 anos, depois porque a esmagadora maioria da população se situa na franja etária dos 14 aos 16 anos, e, por último, porque aos 16 anos naquele país já se morre de armas na mão. Tudo isto são razões para que se aceite essa idade de eleitor.

No entanto, a minha colega norte-americana levantou essa questão: porquê votar aos 16 anos?

E Mariano Fiallos respondeu: — É uma questão de tradição histórica do país. Desde 1893 que a idade mínima para se ser eleitor são os 16 anos. Anteriormente os cidadãos de 16 anos tinham que ser casados para votar. Agora alargou-se o voto a todos os cidadãos dessa idade.

— O senhor disse que estas seriam as primeiras eleições livres, justas e honestas na história do país. Porquê?

— A Nicarágua tem uma longa tradição de farsas eleitorais e nós não consentiremos que as eleições de Novembro sejam uma farsa. Serão a expressão honesta da escolha de um povo livre e é missão essencial do Conselho Eleitoral que assim aconteçam. As farsas eleitorais começaram aqui em 1912 e atingiram a sua máxima expressão com as eleições supervisionadas por um militar americano em cada junta e com outro militar dos EUA, McCoy presidindo à Junta Suprema Eleitoral. Isto em 1927. A última farsa ocorreu em 1978 com Somoza. Havia dois partidos em teoria, mas antes mesmo das eleições, Somoza e o partido da «oposição» distribuíam entre si os lugares: os «oposicionistas» tinham sempre garantido um terço dos assentos na Assembleia.

Boicote

— Se a oposição boicotar as eleições, acha que elas serão válidas?

— Claro que sim. Se o povo concorrer às eleições, é porque as aceita assim, mesmo com o boicote da oposição. Sendo assim, o resultado das eleições exprimirá a real vontade do povo.

— Estas eleições resultam de pressões internacionais ou estavam já previstas há muito?

— Antes do triunfo tinha sido dito que haveria eleições cinco anos depois da vitória. Essa promessa foi ratificada num decreto do ano de 1980 e a data das eleições foi marcada por decreto de Fevereiro deste ano.

— Em que circunstâncias poderão vir a ser canceladas as eleições?

— Só em caso de guerra generalizada, de uma intervenção maciça do exterior.

— Mas nas circunstâncias actuais com estado de emergência e censura à imprensa podem garantir-se eleições livres?

— O estado de emergência será suspenso, ficando apenas a vigorar nas zonas de guerra e deixando apenas abrangidos os aspectos estritamente necessários para a defesa militar e para ripostar ao boicote económico. A censura à imprensa será levantada e editar-se-á uma lei para os meios de Comunicação Social que regule a divulgação de informações sensíveis do ponto de vista de defesa. Essa lei, seguindo-se espera, será decretada antes do fim de Maio.

— E como será a campanha eleitoral?

— Isso competirá ao Conselho Supremo Eleitoral definir, depois de consultada a Assembleia de Partidos. Em princípio a campanha durará entre dois a quatro meses, tendo em atenção as vantagens e inconvenientes decorrentes de uma campanha demasiado curta ou demasiado longa, e auscultando os partidos, como a lei ordena. Os organismos eleitorais receberão 500 milhões de córdobas (1) do Estado, que ajudará cada partido com seis milhões de córdobas.

— E os partidos podem ter outros financiamentos?

— Podem receber fundos privados e até do estrangeiro. Mas têm de declarar esses fundos.

— Haverá campanha na TV e na rádio?

— Haverá 15 minutos diários (global para todos os partidos) na Televisão, em ambos os canais em simultâneo. Na rádio, 30 minutos por semana.

Mariano Fiallos esclareceu ainda que vai iniciar-se uma campanha de educação cívica para os cidadãos eleitores e um processo de treino para os funcionários envolvidos nas operações de recenseamento e contagem de votos. O escrutínio será manual (a Nicarágua não está ainda habilitada a servir-se dos computadores, que, recorde-se, foram mais um dos aspectos que cobriram as «eleições» de EL Salvador de ridículo).

Por fim, e a instâncias da minha colega norte-americana, Mariano Fiallos não excluiu a explicação de que a data marcada para as eleições na Nicarágua teve que ver com o processo eleitoral dos EUA. Recusando-se a pronunciar-se sobre isso, calou-se (logo consentiu) quando lhe foi sugerido que essa data se destinaria a tirar a Administração Reagan pretextos para agredir a Nicarágua, sobretudo no caso de Nicarágua ser reeleito.

A verdade é que a esmagadora maioria das pessoas com quem falámos na Nicarágua têm por certas duas coisas: a vitória eleitoral da Frente Sandinista e a intervenção directa, maciça e brutal dos EUA no país, caso Reagan seja reeleito. Alguns vão mesmo mais longe: a Administração Reagan intervirá na Nicarágua, de forma aberta e maciça, se «perder» EL Salvador antes das eleições dos EUA. Aliás, em Novembro passado essa intervenção esteve preparada até ao último pormenor. Mas venceu no Pentágono a corrente, segundo a qual os «gastos» políticos e até militares da intervenção eram demasiado elevados para que ela valesse a pena. Isso será tema de outro artigo.

Nota (1) — Ao câmbio oficial, 28 córdobas valem um dólar dos EUA.

Revolução e democratização

Fernando Piteira Santos*

1

A data de 25 de Abril de 1974 marca o início de um curso novo na vida política portuguesa. O governo fascista foi expulso do poder pelo acto revolucionário, planeado, decidido e executado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA). Militar e breve foi o acto revolucionário. Destas características resultariam no plano teórico (e, na prática, resultaram), inerentes limitações. E, também uma novidade, um carácter específico: o papel de vanguarda revolucionária foi assumido por um grupo de militares que não constituíam uma vanguarda política (porque o grupo era heterogéneo quanto à posição de classe, porque heterogéneo no que à orientação ideológica se refere). Mas esses militares, com a vitória militar alcançada, deram início a um curso novo (antifascista e anticolonialista). Historicamente, — no momento: «25 de Abril» —, foram a vanguarda revolucionária, a força de ruptura. Reconhecê-lo é violar esquematismos. Mas só o reconhecimento deste carácter específico do 25 de Abril permitirá a abordagem da questão: «qual a sua natureza de classe?».

Questão prévia, ao que se nos afigura, para avaliarmos com a suficiente aproximação, o verdadeiro significado do objectivo de democratização no programa dos promotores do acto revolucionário de 25 de Abril.

2

Os oficiais do «Quadro Permanente» não constituíam, em Portugal, uma casta de privilegiados. Na maioria eram oriundos da pequena burguesia. Raros eram os oficiais vindos da burguesia alta e média. Não havia oficiais oriundos da classe operária. Também os «Oficiais Milicianos» eram representantes (e/ou representativos) das camadas pequeno-burguesas. A natureza de classe do M.F.A. era pequeno-burguesa. E no movimento — considerado quer na sua expressão reivindicativa, quer na sua expressão organizacional pré-revolucionária — reflectiram-se contradições decisivas: a) entre os interesses, relativos à exploração colonialista, de uma burguesia média e pequena, e os interesses dos grandes grupos capitalistas; b) entre os interesses «portugueses» na exploração colonial, entre o «colonialismo português», e os interesses do imperialismo internacional na exploração dos territórios sob dominação colonial portuguesa.

Estas contradições foram determinantes para a tomada de consciência política e o pôr em causa de o regime fascista e do seu colonialismo. Não esqueçamos que faziam a guerra, nas fileiras das Forças Armadas, portugueses oriundos e representati-

vos de camadas sociais que não estavam efectivamente, ou directamente, ou exclusivamente, interessadas na exploração colonialista. A natureza de classe da movimentação socioprofissional e a natureza de classe da «tomada de consciência política» situam-se no horizonte de classe da pequena burguesia.

Devemos distinguir as situações dos «Oficiais Milicianos» e dos oficiais do «Quadro Permanente» no sistema de produção social. Aqueles, normalmente, mais directamente inseridos no mundo do Trabalho e/ou da Cultura. Sabemos que uns e outros não pertencem (em margem percentualmente significativa) às classes fundamentais (burguesia e proletariado). Nas limitações, hesitações e contradições do movimento (MFA), vêm reflectir-se os distintos níveis de consciência socioprofissional e sociopolítico de diferentes estratos da pequena burguesia, de camadas de intelectuais, de tecnocratas, de funcionários. O «Programa do M.F.A.» é um simples (e imediato) acordo tácito com vista a criar a base política e organizacional para desencadear a «operação militar». Politicamente não ia além do horizonte de classe da pequena burguesia.

3

O acto militar, tendo alcançado uma vitória rápida e fácil, podia ter sofrido as limitações inerentes a um «golpe de Estado militar» e ter sido recuperado pela hierarquia militar e pelo pessoal político dela afim. Foi a adesão espontânea, entusiástica e maciça do povo, dos trabalhadores, que lhe deu força social, eficácia política, potencial revolucionário.

Ao povo, aos trabalhadores, coube a iniciativa política; o movimento de massas antecipou-se a conquistar o que a Constituição, legislativamente, consagrou.

4

As orientações liberais do «Programa do MFA» foram confrontadas, no terreno da luta política de massas, com a aspiração socialista dos sectores mais conscientes das forças do Trabalho e da Cultura. A Constituição da República, elaborada pela Assembleia Constituinte participada pelos partidos do centro e do centro-direita, não se limitou a «garantir os direitos fundamentais dos cidadãos» e a «estabelecer os princípios basilares da democracia», abre «caminho para uma sociedade socialista». A Constituição é mais avançada do que o «Programa do MFA».

5

Se, derrubado o «poder não-democrático», elegemos como objectivo — democratizar, é necessário definir o conteúdo e o modo de prosseguir o processo de democratização a partir de uma análise de carácter e dos

mecanismos do poder no regime não-democrático. Se esse poder revestia um carácter ditatorial de classe, se era o poder-de-Estado de um certo capitalismo, a democratização não poderá ignorar esse aspecto específico. A democratização não poderá ser puramente formal, terá que atingir a essência do regime fascista: o seu carácter de poder-de-classe de um certo capitalismo.

6

A democratização, nas circunstâncias revolucionárias de Abril, apresentava-se, e solicitava-nos, no plano da intervenção e da vivência políticas, como um curso novo que abraçava a democracia e o socialismo. Não se limitando a democracia aos esquemas da liberdade política sem igualdade; não se cingindo a um formalismo constitucional sem conteúdo socioeconómico. A fronteira tinha-nos sido fixada: não existe democracia sem socialismo, nem socialismo sem democracia.

Foi o que ficou consignado na Constituição da República, Art. 2.º: «A República Portuguesa é um Estado de direito democrático, baseado na soberania popular, no respeito e garantia dos direitos e liberdades fundamentais e no pluralismo de expressão e organização política democráticas, que tem por objectivo assegurar a transição para o socialismo mediante a realização da democracia económica, social e cultural e o aprofundamento da democracia participativa.»

7

A criação de uma ordem constitucional democrática é uma tarefa essencial, mas de sua essência diferente da tarefa da democratização das estruturas do Estado e do tecido social esclerosado por 48 anos de opressão ditatorial fascista. Criou-se, formalmente, o «Estado democrático», não se democratizou a sociedade portuguesa. Definuiu-se a Democracia como plural (o que era redundante, porque óbvio) e participativa. O Art. 48.º da Constituição, N.º 1, diz: «Todos os cidadãos têm o direito de tomar parte na vida política e na direcção dos assuntos públicos do país, directamente ou por intermédio de representantes livremente eleitos». Mas, este direito sofreu limitações; a participação cívica ficou, na realidade, condicionada à actividade em «associações» ou «partidos políticos aos quais se reconheceu a vocação e a função de «concorrer democraticamente para a formação da vontade popular e a organização do poder político» (Art. 51.º).

Conferiu-se a este princípio uma extensão exagerada que atingiu as autarquias. As próprias eleições autárquicas — após 48 anos de opressão dita-

torial fascista e de asfixia da vida pública — foram partidárias. Partidarizada a vida nacional com o prejuízo de se constituírem clientelas a todos os níveis, a todos os níveis se verificando favoritismos, selecções e promoções facciosas.

A Democracia com partidos, converteu-se em Democracia dos partidos. Estes disputaram e ocuparam (alternativamente) o Estado; mas não o democratizaram.

As iniciativas populares, embora consequentes com o espírito de Abril, e de harmonia com os princípios na Constituição inscritos, foram consideradas incómodas para os diferentes titulares do novo poder-de-Estado.

Este, em relação à Revolução de Abril, instalou-se como contra-revolução, como ordem, como estabilidade. Desistindo da democratização do Estado, temeroso do processo de democratização da sociedade portuguesa.

A democratização, como impulso popular, como iniciativa de massas, assumiu formas tais como: comissões de iniciativa, comissões de moradores, comissões de trabalhadores, comissões culturais, comissões de mulheres, comissões de jovens, cooperativas de várias índoles. Este movimento de massas não só não foi apoiado, como foi contrariado.

8

A Constituição refere que «Os partidos políticos concorrem para a organização e para a expressão da vontade nacional...» (Art. 10.º N.º 2). Diz-se que concorrem; deixou-se, portanto, em aberto, a necessidade de outros veículos e meios de «organização» e «expressão» da vontade popular.

Obviamente os «partidos» não preenchem o «espaço político», algumas vezes confundido — e supomos que com grossa margem de erro — com «espaço ideológico». Menos ainda ocupam o «espaço eleitoral». Os efectivos partidários são diminutos em relação aos eleitorados directos ou indirectamente influenciados pelos partidos. Reservar aos partidos a actividade política e a capacidade de intervenção eleitoral — com a excepção da eleição para o cargo de Presidente da República — é um processo redutor da prática democrática plural e participativa.

Não é via de democratização da prática política; é uma metodologia redutora da democratização.

9

Os mecanismos da Democracia parlamentar não são a única forma que a Democracia pode adoptar, e são compatíveis com formas que corrijam os seus desvios e as suas limitações. No caso particular português, a representação parlamentar tem-se distanciado da base social de

apoio dos partidos que constituem maiorias de governo. Por outro lado, a actividade parlamentar tem desconhecido o movimento popular a iniciativa política popular, (mesmo a das bases ou das organizações juvenis dos partidos em situação de governo) o movimento reivindicativo dos trabalhadores, a organização e as iniciativas das populações. Convertendo-se, de facto, em obstáculo à expressão democrática profunda. Retardando, a este nível, a democratização.

10

A criação de novos partidos tem defensores. Mas não se revelaram os promotores, os dirigentes, os activistas, dos novos partidos. Novos partidos poderiam contribuir para a caracterização pluralista de Democracia, aprofundarem formas de intervenção cívica, alargarem a participação dos cidadãos na vida pública, sob condição de não serem dependentes de fontes estranhas de apoio e de financiamento.

Mas, também, seria necessário que os novos partidos fossem portadores de uma nova concepção de democracia política e social. Não se impõe a disputa de terreno aos partidos existentes, ou ocupar espaços interpartidários ou as margens de correntes ideológicas já implantadas no espaço político nacional, mas criar uma nova prática da vida política, criar novas formas de intervenção cívica eficaz.

11

Não se oponha, simplesmente, à Democracia dos partidos, a Democracia aprofundada dos activistas cívicos; criem-se novas formas de vida democrática e rompa-se com o bloqueio partidário da vida política, o que implica, necessariamente, a reforma da legislação eleitoral. Reconheçam-se as formas de participação directa dos cidadãos. A democratização terá que concretizar-se horizontalmente e verticalmente. O processo de desconcentração do «Estado burocrático» terá que se consumir simultaneamente com o processo de descentralização (administrativa e política).

A desconcentração (burocrática), a descentralização (administrativa e política), não se poderão limitar a uma transferência do centro para as periferias, da capital para as regiões, das estruturas burocráticas herdadas do fascismo. Regionalizar, por outro lado, não é satisfazer clientes eleitorais, caciquismos, ambições locais, é democratizar. Transferir o poder para a base — criar democracia na base.

12

A democracia na base, terá que evoluir para a democracia de

base. A democratização, sendo um processo de destruição do «Estado fascista»; de desconcentração (burocrática) de descentralização (administrativa e política), terá que institucionalizar-se como prática e estruturação de democracia de base. Dissolvendo, como deverá ser o caso, o que subsiste de «Estado fascista», concentrado, centralizado, burocratizado, mediado pelo voto no representante distante e do eleitor não dependente, na participação directa, convertendo-se o militância cívica em factor da dinâmica social a política de democratização da sociedade portuguesa.

13

A tradição democrática profunda em Portugal, é a das comunidades locais. A criação democrática popular mais importante depois de Abril, foi a das comissões de base (no local de residência, no local de actividade, na empresa).

Por aí — pelo reforço das comissões de base, pela dinamização e pela responsabilização, das comunidades locais, das autarquias, do poder popular, passa o processo de democratização. Mas, não se poderá perder de vista que o derrubamento do poder político-fascista, não eliminou as raízes económicas e sociais do Estado fascista. A Revolução de Abril — democrática, antifascista e anticolonialista — só poderá dizer-se concluída com a destruição do «Estado fascista». Só se destrói, verdadeiramente, o que se substitui. Destruição, em política, é construir a alternativa. A Revolução democrática terá que levar por diante o processo de democratização. Esta é política e social. Não existe liberdade política, sem igualdade social, sem segurança económica. O conteúdo económico da Democracia tem o nome de socialismo. A garantia política do socialismo tem o nome de democracia. Tais são as metas de Abril. A Revolução renova-se, e continua-se, prosseguindo a democratização.

Democratização do Estado, dos partidos velhos, dos novos partidos, da vida pública a todos os níveis. Democratização das mentalidades. Só a democratização da mentalidade poderá dar nascimento ao homem democrata, ao cidadão do «País Novo» que o 25 de Abril prometeu.

A promessa dos «capitães de Abril» é hoje, dez anos após o acto militar revolucionário, um desafio a todos nós, um desafio aos democratas de Portugal.

* Notas para uma intervenção, sobre o tema Democratizar, no Seminário «25 de Abril — 10 Anos Depois». O carácter destas notas destinadas a apoiar uma exposição oral, não impede que aos leitores sejam apresentadas como propostas de reflexão pessoal. F.P.S.

tem a palavra o leitor

O 30 de Fevereiro

Tomem-se dez retornados desigualmente subsidiados e dedicando-se hoje, em outras tantas vilas e aldeias, a outros tantos comércio e sem loja; cinco emigrantes regressados de França e da Alemanha, e construindo nos seus torrões de origem as suas casas «tipo maison»; dois casais jovens — um deles com dois filhos — ocupando partes de casa de sogros e de pais; um indiano financiado até à terceira falência pela comunidade ismaelita; um militar; um padre; um pai de família de meia-idade que trabalha sem salário; um cabo-verdiano alugando um quarto com mais sete; quatro velhos, um deles vivendo dos juros de um depósito e os outros amarrados por reformas que não lhes deixam nem sair de casa; um moço desempregado que quer partir para África; e dois profetas, um recitando o velho do Restelo e o outro anunciando o rei Sebastião.

Agita-se tudo num «shaker» e serve-se à temperatura

ambiente. E Portugal em 1984, Portugal celebrando o 30 de Fevereiro, Portugal contando os anos que o separam do levantamento militar de 25 de Abril de 1974 e da sua consagração popular do 1.º de Maio desse ano.

Já não é africano, ainda não é europeu e todos os dias lhe dizem que gasta mais do que ganha. Protesta contra os partidos mas vota massivamente neles: tomou-lhes o gosto e não quer ser mandado senão através deles.

Nas fronteiras terrestres vê televisão espanhola. Nas marítimas mal se afasta das praias. Calcorreia pouco as estradas porque a gasolina está pelos olhos da cara. Não pode adoecer porque morreria à falta de cuidados, embora o Estado lhe diga que há médicos de mais. Tem de pagar do seu bolso a sua segurança, porque apesar de ser alta a relação entre o número de polícias e o de cidadãos, lhe dizem que não há meios suficientes para bem policiá-lo.

Dizem-lhe que tem de trabalhar mais, muito mais, mas por ora não, porque é pouco oportuno: antes está na hora do crescimento negativo.

Dizem-lhe que mais lhe valia trabalhar para exportar, mas por horas não, que os mercados também lá estão mal, fora. Que meio milhão de desempregados ainda não é tão mau como nos países de que o querem fazer sócio.

Todos lhe falam do que mudou, mas ninguém sabe quantas vacas há mais, quantos médicos, quantos professores e escolas, quantas casas, quantos empregos se perderam e ganharam, para onde foram muitos dos dinheiros emprestados, quanta terra foi pela primeira vez cultivada, quantos operários especializados se formaram, quantas indústrias novas se fundaram e ao que se dedicam, e porquê. Se deita contas à vida e quer saber para onde o levam gritam-lhe que não seja pessimista e que vamos para a CEE. Se pergunta por outra maneira de se governar acusam-no de querer a anarquia e nandam-lhe a Polícia.

Ele vai à fábrica de manhã, cava na horta à tarde, pede emprestado ao compadre que tem loja aberta e paga com biscates de electricista. Lá estará a votar nas próximas eleições, e será gabado por isso. Não me interpretem mal: ele quer votar. Há muitos anos já que ele queria votar e não podia. Mas nessa altura ele pensava que, votando, passaria a mandar em si e no que é seu. Agora, no Ano Dez das suas grandes esperanças, fizeram-lhe do voto o que lhe fizeram ao carrito que comprou: tem-no à porta. Tem carro e não pode andar nele. Já vota mas não manda na sua própria casa.

Eduarda C. da Silva, Lisboa

Remodelação ministerial: PSD quer urgência

A remodelação governamental, de que se vem falando desde Dezembro do ano passado, poderá concretizar-se nas próximas semanas. Esta, pelo menos, a disposição do PSD que transpareceu na reunião de ontem da sua Comissão Política. Não está mesmo excluída a hipótese de se verificar antes de Junho, dado que o PSD poderá escolher os dias 2 ou 3 para a reunião do seu Conselho Nacional e pretender que a remodelação ocorresse antes.

Da parte de Mário Soares parece não haver grande impedimento quanto a datas, já que para o Primeiro-Ministro a questão que se punha era apenas a de que a remodelação não ocorresse antes do 25 de Abril e do 1.º de Maio, para não dar ideia de uma cedência.

Nas últimas semanas, com o avolumar das tensões em sectores governamentais como os do Trabalho, Agricultura e Ensino, entre outros, o processo conducente à remodelação terá sido acelerado, designadamente sob pressão do PSD.

Ontem, num intervalo da Comissão Política dos sociais-democratas, o seu secretário-geral, Antunes da Silva, diria precisamente que o PSD insiste numa remodelação ministerial «tão breve quanto possível», acrescentando

que «a ideia não é acabar com a coligação» mas fazer o Governo funcionar de forma «mais efectiva e eficaz». Ninguém quer desfazer golpes na coligação, salientou.

Antunes da Silva garantiu, contudo, que ainda não havia sido tomada qualquer decisão e que só poderia chegar-se a uma resolução depois do regresso de Mota Pinto da China.

Nessa altura, o PSD tenciona obter a realização de uma cimeira PS/PSD na qual poderá ficar assente a amplitude e natureza da remodelação. Esta cimeira terá de efectuar-se com a urgência possível, dado ser do interesse dos sociais-democratas que todo este processo esteja concluído antes do seu próximo Conselho Nacional, no início de Junho.

Ângelo Correia está preocupado

À margem desta reunião da Comissão Política, mas na linha das preocupações que vêm sendo manifestadas por dirigentes do PSD, Ângelo Correia, numa entrevista à Rádio Renascença dizia, entretanto, estar «preocupado com a situação de indefinição e paralisação por parte do Executivo». «Em certos domínios o Executivo manifesta uma certa que-

bra na esperança que os portugueses tiveram», sublinharia o antigo ministro da Administração Interna.

«Esta situação, que não é vantajosa nem para a coligação nem para o PSD, carece de uma terapêutica rápida», disse Ângelo Correia que frisou ser necessário não só uma remodelação ministerial como uma remodelação da política que o Governo pratica.

«Há que dar ao Executivo uma imagem nova, mais realista porque um governo não serve apenas para tapar uma situação política difícil», observou.

Ângelo Correia, que renunciou recentemente ao cargo de responsável pelo pelouro da Comunicação Social do seu partido, acrescentou que considerava «mais fácil» a posição que tomou porquanto «não acredita na política de Comunicação Social que o Governo está a fazer».

Considerou, ainda que, caso aceitasse aquele cargo no seio do PSD, «teria que transmitir permanentemente ao Executivo as suas preocupações, angústias e discordâncias» pelo que optou por não aceitar o cargo proposto.

Ângelo Correia afirmou, ainda, que a Comissão Política do PSD «começa a sentir que é preciso não só uma remodelação do Governo como uma remodelação da própria política do Governo».

Soares e Craxi reuniram em S. Bento

“CEE não tem amplitude para grandes políticas”

— considera o PM italiano

«Vai ser uma boa ocasião para aprofundar as já excelentes relações existentes entre os dois países» — considerou o primeiro-ministro italiano, Bettino Craxi, à sua chegada a noite passada a Lisboa, referindo-se à visita oficial de dois dias a Portugal, que hoje tem início.

Aguardado no aeroporto por Mário Soares, o chefe do Governo de Itália confirmou que irá debater com o seu homólogo português os pontos quentes da situação internacional e analisar a situação da CEE, tendo em conta as previstas integrações de Portugal e da Espanha.

As delegações dos dois primeiros-ministros reuniram já esta manhã, a partir das 10 horas, na residência oficial de S. Bento. A agenda da reunião, embora não revelada, prevê — eventualmente no âmbito da presença de Portugal na CEE — a colaboração dos dois países em iniciativas de cooperação técnica e económica nos países africanos de expressão portuguesa.

Admite-se também que Soares insista na realização, em Julho próximo, de um encontro em Lisboa sobre a Nicarágua, promovido pela Internacional



Craxi à chegada a Lisboa

Socialista. O dirigente português, que é também vice-presidente da IS, terá em Craxi um interlocutor mais «compreensivo» quanto aos objectivos dessa cimeira, encarada com frieza por Madrid, Paris e Bona, que contestam os pontos de vista de Reagan sobre a Nicarágua e El Salvador.

Em declarações, entretanto, ao «DN», Craxi considera, o propósito da situação brasileira, que «no continente latino-americano, a roda começou a girar no sentido da democracia, no sentido mais livre e mais vivo. Agora é só uma questão de tempo».

Interrogado sobre as contradições Norte-Sul no seio da CEE, o dirigente italiano frisou que «as fontes de que dispõe a Comunidade Europeia não têm a amplitude suficiente para permitir o apoio a grandes políticas. Eu penso que muitas coisas deverão mudar na vida da CEE se realmente se quer o seu alargamento e o seu desenvolvimento».

A.R. e Belém

Esta tarde, a partir das 17 horas, Craxi participa numa sessão de boas-vindas no Parlamento, seguindo-se uma visita ao Instituto Italiano de Cultura e um banquete no Palácio da Vila em Sintra, oferecido por Soares.

Amanhã está prevista uma audiência em Belém com o Presidente da República, Ramalho Eanes, seguida de uma conferência de imprensa, às 12 horas, no Palácio Foz. Craxi regressa depois, durante a tarde a Roma.

Situação de Macau não foi tratada na visita de Mota Pinto à China

«Não há nenhuma razão para que se modifique um esquema satisfatório para todos» — afirmou em Pequim o vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Mota Pinto referindo-se ao estatuto de Macau, como território chinês sob administração portuguesa.

Mota Pinto afirmou à EFE-ANOP que a situação de Macau «não foi abordada em nenhum momento», frisando que a sua visita à China — iniciada segunda-feira — tem por objectivo o estreitamento das relações entre Lisboa e Pequim e a troca de opiniões sobre a estratégia mundial e a defesa internacional.

A China está a negociar ac-

tualmente com a Grã-Bretanha a recuperação da soberania e administração de Hong-Kong em 1997, ano em que caduca o contrato de arrendamento de grande parte dos territórios dessa colónia britânica.

Mota Pinto assegurou que «1997 não tem significado algum para Macau» enclive sobre o qual a China exerce a soberania e Portugal a administração, nos termos da Constituição portuguesa de 1976.

«Essa administração — prosseguiu o vice-primeiro-ministro — é exercida com eficácia e está ao serviço da estabilidade e prosperidade do território, que é o que interessa à China, a Portugal

e à população residente.

«Convergências»

O vice-primeiro-ministro português considerou, entretanto, «muito útil» as trocas de opiniões dos últimos dias com os dirigentes chineses, durante o jantar que ofereceu ontem em honra do ministro chinês da Defesa, Zhang Aiping.

Mota Pinto disse esperar que a cooperação bilateral continue a melhorar nos campos político, económico e outros.

Pela sua parte, Zhang Aiping salientou que, embora geograficamente distantes, a China e

Portugal partilham opiniões idênticas ou semelhantes sobre as questões internacionais.

Ambos os países — frisou — desejam o incremento das relações de amizade entre os seus povos e exércitos.

Ao banquete assistiram o embaixador de Portugal em Pequim, Costa Lobo, e o vice-chefe do Estado-Maior general do exército chinês, entre outras individualidades.

Durante a tarde, Mota Pinto acompanhado pelo vice-comandante da Região Militar de Pequim, Wang Yang, visitou uma divisão de tanques, onde foram saudados por oficiais e praças.

«Podemos ver por esta demonstração que a vossa capacidade combativa é forte e a vossa tecnologia perfeita» — declarou Mota Pinto, que também visitou, ontem, a Grande Muralha e os túmulos Ming.

Mota Pinto disse que as suas conversações com Zhang Aiping puseram em evidência «muitos pontos de convergência» na política internacional.

«A China compreende a necessidade de alianças fortes e com credibilidade para se poder impedir a concretização das ameaças» — sublinhou o ministro da Defesa, referindo-se à NATO.

O vice-primeiro-ministro português e a sua delegação

avistam-se hoje com o ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Wu Xueqian, antes de iniciarem uma viagem pelo interior do país, no regresso da qual serão recebidos pelo primeiro-ministro, Zhao Ziyang.

Mota Pinto, sob cujo governo se estabeleceram, há cinco anos, as relações diplomáticas entre os dois países, exprimiu o seu desejo de estreitar a cooperação bilateral nos campos tecnológico, científico e cultural, bem como os intercâmbios comerciais que passaram de inexistentes em 1978 a milhões de dólares em 1983, com uma balança praticamente equilibrada.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

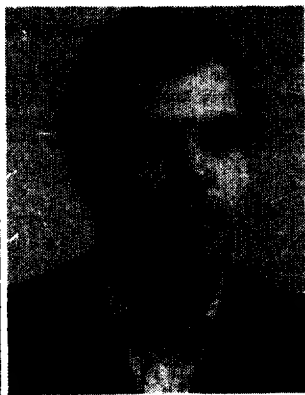
ENCONTRO NACIONAL SOBRE O PODER LOCAL E O ENSINO

5 DE MAIO DE 1984 — 10 Horas

Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal

ASSUNTOS A SEREM DEBATIDOS

- 1 — Lei do Orçamento Geral do Estado para 1984. Lei de Delimitação — Decreto-Lei n.º 77/84.
Novas competências e sua regulamentação para a área do ensino. Medidas a tomar
- 2 — A autarquia e escola na perspectiva da ligação escola-meio.
- 3 — Rede escolar, a gestão das escolas e condições de trabalho.



«O VAZADOURO DOS DEUSES» EM SEGUNDA EDIÇÃO

O último romance de Helder de Sousa vindo a público em Janeiro, mereceu pronta aceitação dos leitores, tendo-se esgotado a primeira edição num mês.

Esta é a quarta obra de um autor original e, no dizer da crítica, «quase marginal», que soube ir ao encontro das grandes ansiedades que paralisam e dominam os jovens de hoje.

Pelo «Vazadouro dos Deuses» é escarpelizada a sociedade portuguesa, o anúncio dos primeiros impulsos sensuais nos orfanatos de rapazes à sombra dos desejos que dia-a-dia se vão antevendo pela força intimista de um escritor singular, seguro e rigoroso, de uma modernidade que todos lhe reconhecem.

Por isso o público correu ao encontro do romancista, e a crítica dispensou-lhe os mais rasgados elogios, com programas inteiramente dedicados a este romance «diferente», cujo primeiro volume constitui já um êxito.

ENGENHEIROS ENGENHEIROS-TÉCNICOS

REMUNERAÇÃO ANUAL 2400 contos/ano

Conceituada empresa, bem implantada em Angola, pretende contratar Engenheiros ou Engenheiros-Técnicos, por um período de 2 anos (eventualmente renovável), para o exercício de funções inseridas no âmbito da Formação de Pessoal para as seguintes áreas:

- Laboratório de Física Ref.º 10/84
- Laboratório de Química Ref.º 11/84
- Pessoal Metalúrgico de Operação Ref.º 12/84
- Manutenção Mecânica Ref.º 13/84

As funções a desempenhar implicam, para além de qualificação técnica adequada, bons conhecimentos de Inglês.

Os candidatos seleccionados terão de estar disponíveis para efectuar na Áustria um estágio de 2 meses, antes de iniciarem a sua actividade na RPA.

As condições oferecidas incluem, para além do vencimento remunerado, outras regalias — alojamento, alimentação e transportes.

Os interessados poderão contactar até 4/5/84, pelo telefone 36 31 81, extensão 284, ou por escrito, à atenção da Dr.ª Fátima Vale, na Calçada do Duque, n.º 20, em Lisboa, apresentando «curriculum» detalhado. Asseguramos rigorosa confidencialidade.

"25 de Abril 10 anos depois"

Do crédito universal da Revolução aos meandros da descolonização

Os 10 anos do 25 de Abril, nas três vertentes definidas no Programa do MFA — Descolonizar, Desenvolver, Democratizar — estão em debate na Gulbenkian, desde ontem, no Seminário que ali está a decorrer, organizado pela Associação 25 de Abril. Um e que muito variado de personalidades dá a sua contribuição a esta iniciativa e, para já, através das intervenções já ouvidas e das

múltiplas declarações produzidas, ressaltam dois aspectos: o primeiro é que, pela primeira vez, se faz uma abordagem globalmente séria e isenta, a partir de um grupo heterogêneo de pessoas; a segunda é que, os males de que o País está a sofrer, não são uma consequência do 25 de Abril, mas antes de Abril não se ter cumprido.

Isso mesmo salientou Vasco Lourenço, na sessão inaugural, com a presença do general Ramalho Eanes, ao afirmar que «na sua velha sabedoria, o povo português sabe que os efeitos da crise que actualmente se vive em Portugal não resultam de Abril, mas sim do facto de Abril estar cada vez menos presente na condução desse mesmo povo».

Vasco Lourenço reconhece que «os dez anos da Revolução não trouxeram justiça e dignidade ao povo português, apesar das enormes transformações que resultaram directamente do 25 de Abril de 1974.»

Esta questão, a de saber porquê, como e através de quem foram espoliados ao povo português as esperanças de Abril, de saber quem e por que via está a restaurar o passado, seria aliás uma dominante nas intervenções de muitos participantes e nos debates já efectuados.

Crédito universal do 25 de Abril

Medeiros Ferreira, relator da área Democratizar, referiu-se no início da sua intervenção a «uma parte dos nossos intelectuais (bem-pensantes), que se distanciam do tratamento de temas políticos ou nos capricham nas cedências a um criticismo serdido, em lugar de exercerem um esforço analítico sobre as transformações ocorridas em Portugal durante estes dez anos».

Afirmou que, «recusando o esforço analítico, esses pensadores, que se desdobram em declarações e entrevistas, tornam-se mesmo os porta-vozes dos que nunca os deixaram falar no passado, insistindo nas visões apocalípticas mais arredadas do espírito científico de que às vezes se reclamam».

Salientou ainda o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros que, «seduzidos pelos caprichos de um sector da opinião pública superficial e, no fundo, inculta, esses pensadores abdicaram do magistério da responsabilidade cívica».

Medeiros Ferreira congratulou-se com a iniciativa

Afinal quem mandava bombardear a Frelimo depois do 25 de Abril?

No debate ontem realizado sobre o tema descolonizar, várias vezes foram postas em destaque as contradições deste complexo processo.

A certa altura um dos presentes, ao que parece militar em Moçambique nesse período agitado referiu que, mesmo depois do 25 de Abril, «continuávamos a receber os pides, que tínhamos de transformar em elementos dos Serviços de Informações Militares e continuávamos a receber ordens para prosseguir os bombardeamentos».

A surpresa parece ter sido geral.

No final da sessão tivemos a oportunidade de colocar a questão ao marechal Costa Gomes, na altura CEMGFA. A sua resposta foi imediata e directa: «Não tenho conhecimento de quaisquer ordens para prosseguir com bombardeamentos em Moçambique. Posso assegurar que se tais ordens existiram não foram dadas através dos canais normais das Forças Armadas».

A pergunta é oportuna e seria interessante obter para ela uma resposta: «Quem mandava bombardear a Frelimo depois do 25 de Abril? Se não eram as FA's através dos canais normais de comando nem o MFA, quem poderia ter sido, onde se encontrava mais outro centro de poder?»

da Associação 25 de Abril e citou o facto de várias universidades estrangeiras promoverem também por ocasião do X aniversário do 25 de Abril uma série de conferências, seminários e colóquios, «o que só demonstra o conteúdo universal da história de Portugal nesta década».

Grande parte da intervenção deste orador foi dedicada às Forças Armadas, tendo sublinhado que «uma das características da condução do processo político desencadeado pelo MFA, foi a revelação de uma elite militar de proveniência variada, mas, dotada de pensamento estratégico sobre a resolução dos grandes problemas nacionais (Democratizar, Descolonizar e Desenvolver) e sobre a própria instituição militar». Salientou também que essa elite se viria a manter de acordo para considerar o regime democrático pluralista como o mais adequado à afirmação do Estado Português e à sobrevivência das Forças Armadas.

«A intervenção histórica do MFA — aqui encarada como metamorfose da instituição militar — caracterizou-se pois pela ruptura com a indiferença secular das FAs face ao tipo de regime político interno e pela revelação de uma nova elite militar com origem e curriculum diversos».

Descolonização

A descolonização foi um tema a suscitar grande interesse e reuniu um significativo número de participantes de reconhecido prestígio intelectual, entre eles Aquino de Bragança, conselheiro do Presidente Samora Machel, que seguiu com a maior atenção os trabalhos de ontem.

Entre as várias participações destaca-se a intervenção do brigadeiro Pezarat Correia, que historiou com profundidade alguns aspectos dos bastidores da descolonização.

Esta intervenção é um documento importante e que vale a pena ser conhecido na íntegra.

Pezarat Correia diz a certa altura que as estruturas mais responsáveis do MFA em Angola, cedo se compenetraram de que a independência total seria irreversível.

«Mas um dos problemas graves com que desde logo se confrontou foi o da hostilidade entre os três Movimentos de Libertação. Não só tinha de se dispersar num diálogo tripartido, como muitas vezes era a única ponte possível do diálogo entre os vários Movimentos».

Estas divisões tiveram ainda o demérito de favorecerem o surgimento de inúmeros movimentos e partidos oportunistas, artificialmente formados depois do 25

de Abril, que abusivamente apareciam a reivindicar o direito de participarem no diálogo da descolonização».

Com um papel importante no MFA em Angola, e conhecedor de todo o processo desenvolvido, Pezarat Correia foca a acção dos movimentos e grupos que se formaram para combater o MFA e revela que eles «encontraram cobertura em Spínola quando, na sequência dos seus encontros com Nixon, nas Lajes, e Mobutu, no Sal, pretendeu conduzir pessoalmente a descolonização de Angola, e no governador entretanto nomeado, Silvério Marques, que assim procuravam contrariar o peso determinante dos Movimentos de Libertação?»

Império colonialismo descolonização

Foi este o título da intervenção do dr. Piteira Santos, faz uma abordagem histórica e coloca várias questões para reflexão, como esta de que «descobertas as Índias, feito o Brasil, descolonizada a África, o português enfrenta o desafio de encontrar emprego, finalmente, no seu próprio País».

Na opinião de Piteira Santos «a investigação histórica sistemática, e sistematicamente crítica, da ideologia do colonialismo português, exige um minucioso inquérito às posições de partidos, grupos políticos, homens políticos, grupos de interesses, homens de acção, hierarquia da Igreja e missionários, historiadores ficcionistas e poetas».

«Uma pesquisa sumária da evolução do discurso político colonialista e do seu reflexo no direito positivo, apresenta-se como necessária, mas é insuficiente».

Segundo o orador, «a análise da mitologia do Império e a própria evolução conceptual do colonialismo, terão de ser feitas, tendo, evidentemente, em atenção, os caminhos da evolução da ideologia colonialista, mas à luz da descolonização».

Augusto Vilela

Assembleia da República

Três projectos aprovados

Referendos locais vão ter regulamentação

A Assembleia da República aprovou ontem três projectos-de-lei sobre referendos locais. Os projectos baixaram à Comissão do Poder Local, por 60 dias, para aí adquirir forma definitiva um diploma sobre a matéria.

UEDS, PS-PSD e CDS foram os proponentes dos projectos e o Partido Comunista foi o único que se opôs às novas disposições. (o MDP votou contra os textos do PSD e do CDS).

Incentivar a democracia participativa foi o principal objectivo da apresentação dos projectos, conforme afirmou no decorrer da sessão o deputado Lopes Cardoso.

Divergências entre os projectos residiam fundamentalmente sobre a entidade que poderia desencadear o referendo — Assembleia ou Câmara Municipal — e o carácter do mesmo — deliberativo ou meramente consultivo. É ponto assente, no entanto, que o referendo só poderá incidir sobre as matérias de exclusiva competência das autarquias, admitindo-se apenas uma excepção, que irá ser ponderada na respectiva Comissão Parlamentar — a criação de novas autarquias.

O PCP enquadrava a discussão dos projectos na ofensiva contra o Poder Local porque responsabiliza o Poder Governo. Pela voz do deputado João Amaral, afirmou: «Colocada no quadro e no momento de uma contundente operação contra a autonomia e eficácia do Poder Local, este debate assume, devemos dizê-lo, o carácter bizantino da discussão do sexo dos anjos quando o império está a arder».

«O referendo, acrescentou, «não é intrinsecamente democrático ou antidemocrático. Pode ser uma coisa e outra. Depende das condições em que é efectuado, depende da iniciativa da matéria, do modo, das circunstâncias, da garantia, da campanha, do controlo».

Outras críticas dos comunistas dirigiram-se ao facto de não se ter realizado um debate aprofundado com o Poder Local para amadurecer a matéria.

Carlos Lage, quando apresentou o projecto do seu partido, e do PSD (que assinou apenas por cortesia, segundo disse Fernando Condoso), salientou que «as consultas directas da população encerram o risco de subversão plebiscitária da própria democracia política», explicando assim as cautelas, nesta matéria dos referendos locais, adoptada pelo legislador constitucional e, também segundo afirmou, pela coligação no Poder.

224 contos para o Presidente

Para hoje está agendada a discussão de um projecto do PSD sobre a situação patrimonial do Presidente da República.

Se for aprovado, e não for mais tarde vetado por Eanes, o diploma fará com que o lugar de inquilino de Belém seja mais apetecível, ou, pelo menos, implique menos sacrifícios.

O Presidente passará a auferir um vencimento de 160 mil escudos mensais, acrescidos de um abono para despesas de representação no valor de 40 por cento do vencimento. Ou seja, um total de 224 contos será entregue mensalmente ao Presidente.

Em caso de morte, 60 por cento destas subvenções transmitem-se ao cônjuge, filhos menores ou incapazes e ascendentes do falecido. Quando abandonar as suas funções e desde que não renuncie ao mandato, não seja destituído, nem a perda do cargo declarada pelo Tribunal Constitucional, o ex-Presidente irá receber 80 por cento do vencimento — 128 contos — acrescidos de ajudas de custo iguais às do Primeiro-Ministro.

Terá ainda direito a automóvel do Estado, com motorista e combustível, um gabinete de trabalho e o apoio de um assessor e de uma secretária-dactilógrafa. Poderá ainda usar passaporte diplomático nas suas deslocações ao estrangeiro.

Jaime Gama sobre Cahora Bassa

“Não queremos lucros, mas prejuízos também não”

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, chegou esta manhã a Lisboa depois de uma visita ao Zimbabwe, Moçambique e África do Sul. Não prestou declarações à saída do aeroporto da Portela. Na África do Sul, última etapa da sua viagem, o chefe da diplomacia portuguesa assinou um acordo relativo à barragem de Cahora Bassa e, na cidade do Cabo, foi recebido pelo primeiro-ministro sul-africano, Pieter Botha.

Durante essa reunião, que durou 90 minutos, Gama discutiu com Pieter Botha a visita que este efectuará a Portugal, o acordo de Nkomati, relações com Moçambique e Angola e o debate interno na África do Sul sobre o fim do «apartheid».

O ministro português teve também contactos com membros dos partidos Federalista e Republicano, da oposição.

Nem lucros, nem prejuízos

Na cerimónia da assinatura do acordo, que decorreu ontem na Cidade do Cabo, Jaime Gama afirmou: «De Cahora Bassa não queremos lucro. Só não queremos prejuízo, nem queremos continuar a assistir ao absurdo e ao escândalo de uma barragem completamente equipada, que Portugal tem vindo a pagar com custo, de que ninguém afinal beneficia».

Nessa cerimónia, além do ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano, Pieter Botha, e do ministro moçambicano do Plano, Mário Graça Machungo, que, com Gama, assinaram o documento, estiveram ainda presentes os negociadores que durante três meses efectuaram reuniões em Lisboa, Cidade do Cabo e Maputo — o secretário de Estado português do Tesouro, António Almeida, o vice-ministro sul-africano dos Negócios Estran-

geiros, Louis Le Neil, e o ministro moçambicano da Indústria e Energia, António Branco.

Nos termos deste acordo é estabelecida uma nova tarifa base de 1,10 rands (a anterior era de 0,5). No entanto a fórmula em contradição — e não explicada no contacto esta manhã estabelecido com a Hidroelétrica de Cahora Bassa — é de 0,75 mais 0,35 rands por quilovatio. No acordo foram revogadas todas as penalizações a que Portugal estava sujeito sempre que o fornecimento de energia era interrompido e foi aceite, o princípio da revisão anual da tarifa e do prémio a pagar a Moçambique, o que acontece pela primeira vez.

Noutro ponto do acordo os governos de Moçambique e da África do Sul comprometem-se a «tomar medidas imediatas para assegurar a protecção das linhas de transporte e a salvaguardar o pessoal responsável pela manu-

tenção das mesmas, sendo os custos dessas operações suportados pelos dois países».

Voltando a Jaime Gama e às suas declarações: ele disse que, ao subscrever este acordo, Portugal se torna protagonista de clima de confiança regional e da dinâmica de segurança e do paz que ultimamente se desenvolve na região.

«Respeite-se o acordo de Nkomati, cumpra-se o acordo da Cidade do Cabo, e o sinal estará dado para uma nova era de tranquilidade e de evolução pacífica para todos os que vivem na África Austral e querem construir na solidariedade o seu futuro» — disse.

RAS condena terrorismo

O ministro Pik Botha, por sua vez, afirmou que o acordo abre «uma nova era de estreita cooperação económica e de desenvolvimento».

Considerou que o acordo be-

neficia indubitavelmente todas as partes e que «pode contribuir significativamente para a paz e prosperidade na África Austral», bem como para o desenvolvimento económico e bem-estar dos seus povos.

Sublinhando a rapidez com que o acordo fora conseguido, Pik Botha deplorou, no entanto, «os recentes actos de terrorismo em Moçambique», os quais «tínham como objectivo sabotar as linhas de transmissão de energia de Cahora Bassa».

Acrescentou que tais acções «servem apenas para mostrar ao povo de Moçambique os benefícios que se esperam do projecto», realçando que é esse povo quem mais sofre por causa dessas acções de terrorismo.

«A África do Sul condena sem reservas o terrorismo e o apoio ao terrorismo, seja onde for que ele se verifique e seja qual for a sua forma. Acreditamos que Moçambique e Portugal se juntam a nós nesta condenação» — concluiu Roelof Pik Botha.

Os inimigos

Mário Machungo, ministro moçambicano do Plano, discursando na ocasião, lembrou que a assinatura do

contrato sobre Cahora Bassa exige dos contratantes um «profundo empenho».

Por outro lado, sublinhou que o acordo «tem inimigos» — os que «sofrem de complexos de viver em igualdade e coexistência, aqueles que se opõem à criação de um clima de respeito pela soberania e integridade territorial dos Estados da região».

Adiantou que esses inimigos irão tentar efectuar várias acções para travar os acordos de Nkomati e da Cidade do Cabo.

Gama suspende visita à China

A visita oficial de Jaime Gama à República Popular da China foi suspensa, de acordo com uma fonte oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A partida do ministro para Pequim estava programada para o próximo dia 12, mas já na passada semana fora aventada a sua suspensão.

A visita foi adiada, segundo a mesma fonte, devido ao curto período que mediaria entre a presença de Jaime Gama na China e a actual estada do vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Carlos Mota Pinto.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A NICARÁGUA E PELA PAZ NA AMÉRICA CENTRAL

— Lisboa, 3-6 de Maio de 1984 —

SESSÃO PÚBLICA INAUGURAL DA CONFERÊNCIA 3 DE MAIO (QUINTA-FEIRA) — 21 HORAS TEATRO MARIA MATOS LISBOA

Oradores: Professor Henrique de Barros, Dr. Perez Esquivel, Prémio Nobel da Paz
Mónica Baldolano, Comandante Guerrilha, Ministro da Coordenação Regional do Governo da Nicarágua

Promovida pela Comissão Internacional Preparatória: Associação Internacional dos Juristas Democráticos, Associação Internacional contra a Tortura, Comissão das Igrejas para os Assuntos Internacionais do Conselho Mundial das Igrejas, Congresso do Povo Árabe, Conselho Internacional do Tratado Índio, Conselho Mundial da Paz, Federação Democrática Internacional das Mulheres, Federação Mundial das Cidades Geminadas-Cidades Unidas, Federação Mundial dos Estudantes Cristãos, Federação Mundial da Juventude Democrática, Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos, Federação Sindical Mundial, Frente Continental de Mulheres contra a Intervenção na América Latina, Liga Internacional para os Direitos e a Liberdade dos Povos, Liga Internacional das Mulheres pela Paz e a Liberdade, Movimento Internacional dos Jovens e Estudantes para a Cooperação com as Nações Unidas, Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina, Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos, União Internacional de Estudantes, Comissão Nacional Portuguesa da Conferência.

Com a presença de personalidades internacionais: Hortensia Allende (Chile), Monsenhor Mendes Arce (Bispo Católico, México), Miro Teixeira (Secretário-Geral do PMDB, Brasil), Mme Nguyen Thi Binh (Ministre da Educação Vietnam), Julie Christie (atriz), Mikis Theodorakis (compositor).

COMÍCIOS/SESSÕES CULTURAIS

PROMOVIDAS PELA COMISSÃO NACIONAL, COM A INTERVENÇÃO DE PERSONALIDADES DA NICARÁGUA E DE OUTROS PAÍSES

4 DE MAIO (SEXTA-FEIRA) — 21 HORAS

5 DE MAIO (SÁBADO) — 21 HORAS

Porto

Prégo dos Aliados

Intervenção de Fernando Cardenal Padre Jesuíta, Vice-Secretário Geral dos Comitês de Defesa Sandinistas

Participação Artística do cantor Mejia Godoy e do conjunto musical «Os Palacaguina», da Nicarágua.

Lisboa

Voz de Operário

Intervenção de Fernando Cardenal Padre Jesuíta, Vice-Secretário Geral dos Comitês de Defesa Sandinistas.

Participação Artística do cantor Mejia Godoy e do conjunto musical «Os Palacaguina», da Nicarágua.

A COMISSÃO NACIONAL PORTUGUESA

Presidente

Professor Henrique de Barros, ex-Presidente da Assembleia da República.

António Arnest, Advogado e ex-Ministro dos Assuntos Sociais.

Emílio Guevara

Fernando Amaral (PSD), Vice-Presidente da Assembleia da República.

Fernando Lopes Graça, Musicólogo.

José Magalhães Godinho, Juiz do Tribunal Constitucional, ex-Provedor de Justiça.

José Vitoriano (PCP), Vice-Presidente da Assembleia da República.

Ruy Luís Gomes, Professor Universitário, Reitor Honorário da Universidade do Porto.

Mário Neves, Embaixador.

Miller Guerra, Professor Universitário.

Vasco da Gama Fernandes, ex-Presidente da Assembleia da República.

DEPUTADOS DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Anselmo Aníbal (Independente); António Gonzalez (Os Verdes); António Lopes Cardoso (UEDS — Presidente); César de Oliveira (UEDS); Eurico de Figueiredo (PS); Hasse Ferreira (UEDS); Helena Cidade Moura (MDP/CDE — Vice-Presidente); Joaquim Miranda (PCP); Manuel Lopes (Independente); Marcelo Curto (PS); Margarida Marques (PS).

PADRES CATÓLICOS E PASTORES PROTESTANTES

António Augusto Tavares, Padre Católico; António Caetano, Padre Católico; António José Pacheco Gonçalves, Padre Católico; António Pinto Sousa, Padre Católico; Arcindo de Magalhães, Padre Católico; Armando Araújo Martins, Padre Católico; Bernardino Queirós Alves, Padre Católico; Constantino Alves, Padre Católico; Dimas de Almeida, Pastor Protestante, Director do Seminário Teológico Evangélico; Idalino Simões, Padre Católico, director do Instituto Justiça e Paz; João Taltarull Seguí, Padre Católico; José Leite, Pastor Protestante; José Lopes Baptista, Padre Católico; José Neto, Pastor Protestante; José Salvador, Pastor Protestante; José Sila Alves Coelho, Padre Católico; José Torres Maia, Padre Católico; Luís Martins, Padre Católico; Luís Ribeiro de Oliveira, Padre Católico; Manuel Francisco Coelho, Padre Católico; Manuel Marques Dias, Padre Católico; Manuel Pereira Cristóvão, Padre Católico; Manuel Villas Boas, Padre Católico; Maria Clara Lucas, Irmã Dominicana; Michael Knock, Pastor Protestante; Pedro Lima, Padre Católico; Serafim Ferreira da Ascensão, Padre Católico; Sousa Fernandes, Padre Católico; Telles Sampaio, Padre Católico; Rolando dos Prazeres Simões, Padre Católico.

DIRIGENTES DE ASSOCIAÇÕES, MOVIMENTOS E OUTRAS PERSONALIDADES POLÍTICAS

António Bellini Jara, ex-deputado do PCP; António Ferreira Guedes, ex-deputado da UEDS; António Gonçalves, Associação Portuguesa de Deficientes; António Marques, GSAL (Grupo de Solidariedade com a América Latina); Aquilino Ribeiro Machado, ex-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa (Com. Pol. do PS); Artur Cunha Leal, ex-deputado da ASDI; Aurélio Santos, Comité Central do PCP; Beja Santos, Comissão Nacional do PS; Caldeira Rodrigues, ex-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa; Carlos Candal, Comissão Nacional do PS; Carlos Vilhena, Coronel (reformado); Celeste Vieira, Cristãos em Comunidade de Base; Dieter Dellinger, ex-deputado do PS; Emílio Martins, Presidente da LOC (Liga Operária Católica); Emílio Campos Lima, URAP (União dos Resistentes Antifascistas Portugueses); Fernando B. Correia Cruz, Director da Cooperativa; Fernando Loureiro, Comissão Nacional do PS; Gualter Basilio, ex-deputado do PS; Isaura Vieira, MDM (Movimento Democrático das Mulheres); João Cunha Serra, Inspector Superior dos CTT, membro da Assembleia Municipal de Lisboa; Jorge Sá Borges, ex-Ministro dos Assuntos Sociais; José Bernardino, Comité Central do PCP; Justino Moraes, Associação Portuguesa de Arquitectos; Luís Francisco Rebelo, Sociedade Portuguesa de Autores (Presidente da Direcção); Luís Moita, CIDAC (Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral); Luísa Amorim, MDM (Movimento Democrático de Mulheres); Luísa Irene Dias Amado, URAP (União de Resistentes Antifascistas Portugueses); Manuel Alves Costa, Cristãos em Comunidade de Base; Maria da Conceição Neuparth, Movimento Libertar; Maria José Ribeiro, MDM (Movimento Democrático de Mulheres); Mário Bernardo, ACNUP (Associação para a Cooperação com as Nações Unidas em Portugal); Melo Biscaia, ex-Secretário de Estado da População e Emprego; Natália Correia, ex-deputado do PSD; Orlando de Carvalho, ex-Ministro da Educação; Nuno Grande, Comissão Coordenadora do MAD; Paulo Bárcia, GSAL (Grupo de Solidariedade com a América Latina); Silas Cerqueira, CPPC (Conselho Português para a Paz e a Cooperação); Teresa Barata Salgueiro, (Comissão Coordenadora do MAD); Teresa Santa Clara Gomes, (Comissão Coordenadora do MAD); Virgínia Moura, Engenheira.

MAGISTRADOS E JURISTAS

Alcina Bastos, Aníbal Aquilino Ribeiro, Aníbal de Castro, Carlos Araújo Sequeira, Carlos Manuel Matos Neves Pessoa, Eugénio Ramos, Florindo Madeira, Duarte Vidal, Jaime Gralheiro, João Correia, Joaquim Roseira de Figueiredo, José Simões, Júlio Almeida Carrapato, Laura Lopes, Luís Azevedo, Manuel Campos Lima, Manuel Macista Malheiros, Maria Elvira Barroso Gonçalves, Maria Manuela Moraes Cunha, Pedro Borges, Rui Namorado, Vasco de Castro, Vitor Garrido.

AUTARCAS

António Augusto Pereira, António José Martins Cabral, Carlos Alberto Gomes, Daniel Branco, Ferrelino Rosado, Fernando Caeiro, Fernando Maria Guerreiro Cruz, Fernando Jorge Painho Ferreira, Fernando Romão Martins da Silva, Florinda Engrácia António, Francisco Lobo, Jaime Tiago Melo Relvas, José António Brito Apolónia, José das Neves Godinho, José Vieira, Manuel Vieira, Maria Alice Aleluia, Maria Alzira Ribeiro da Rocha, Maria Clementina Mota Dinis, Maria Vilar Diógenes, Miguel Boeiro, Orlando Almeida, Renato Aguiar, José Martins Jorge, José Pereira da Cunha.

SINDICALISTAS

Álvaro Rana, CGTP-IN; António Teodoro, Federação Nacional dos Sindicatos dos Professores; Carlos Moreira, Sindicato dos Professores da Grande Lisboa; Francisco de Sousa, Federação Nacional dos Sindicatos dos Professores; José Linhares de Castro, Sindicato dos Professores da Região Centro; José Luís Judas, CGTP-IN; Júlio dos Santos Ribeiro, Sindicato dos Bancários do Norte; Kalidas Barreto, CGTP-IN; Manuela Esteves, Sindicato dos Professores da Grande Lisboa; Manuel Souto Teixeira, Sindicato da Função Pública; Maria da Conceição Gonçalves, Sindicato dos Operários de Calçado de Aveiro e Coimbra.

PROFESSORES, MÉDICOS, QUADROS TÉCNICOS E ECONOMISTAS

Abílio Hernandez Cardoso, Professor Universitário; Alexandre Campos Romeiras, Engenheiro; Alfredo Esteves Belo, Economista; Álvaro António Dias Pereira, Técnico de Produtos Químicos; Álvaro José Camilo Rodrigues, Engenheiro; Américo Mata, Oficial de Marinha, Professor Universitário; Ana Abel, Médica; Ana Augusta Batista, Professora; Aníbal Bendeira, Arquitecto; António Branco Filipe, Sociólogo; António Fonseca Ferreira, Engenheiro; António Francisco Nunes Godinho, Médico; António José dos Santos Gonçalves, Engenheiro; António Matos Ferreira, Professor; António Portugal, Professor; Armando de Castro, Professor Universitário; Avelãs Nunes, Professor Universitário, ex-Secretário dos Desportos; Barahona Fernandes, Professor Universitário; Bo-

ventura Sousa Santos, Professor Universitário; Corino de Andrade, Médico; Dolores Batista Alves Pereira, Professora; Dulce Pizarro, Professora; Dulce Rebelo, Investigadora Científica; Fernandes Fonseca, Professor Universitário; Fernando Glória Batista Saraiva, Técnico de Contas; Fernando Moraes Cabral, Economista; Fernando Vale, Médico; Francisca Calado Caeiro, Professora; Francisco Agostinho de Jesus Silva, Engenheiro; Gilberto Batista Estêvão, Engenheiro dos CTT; Gisela Marques de Castro, Professora; Helena Bastos, Professora Universitária; Henrique Onofre Moreira, Professor Universitário; Inês Fontinha, Socióloga; João Arsenio Nunes, Inspector Geral das Obras Públicas (aposentado); Joaquim F. Silva, Capitão da Marinha Mercante, Professor Universitário; João Falcato, Médico; João Praia, Professor Universitário; Joaquim Jacobetti Rosa, Professor, Jorge Leite, Docente da Faculdade de Direito; Jorge Manuel de Melo Martins, Técnico de Gestão de Pessoal dos CTT; Jorge Soeiro Alves, Sociólogo; Jorge Veiga, Professor Universitário; Vice-Reitor da Universidade de Coimbra; José Gaspar Teixeira, Engenheiro; José Manuel de Oliveira Antunes, Engenheiro Técnico; José Rafael Botelho, Arquitecto; José Zaluar Basílio, Professor Universitário; Laginha Serafim, Professor Universitário; Isaura Arminda Duarte Carvalho, Professora Universitária; Ludgero Pinto Basto, Médico; Luís Albuquerque, Professor Universitário; Luís Almeida Henriques, Médico; Luís Monteiro Batista, Médico; Manuel Ernesto Pacheco, Engenheiro; Manuel Ribeiro Carmo, Capitão da Marinha Mercante e Professor Universitário; Margarida Gralheiro, Professora; Maria Alcina Rodrigues Coelho, Professora; Maria Constança Fernandes, Professora; Maria Elisa Macedo, Professora; Maria da Glória Padrao, Professora Universitária; Maria Helena Mateus, Professora Universitária; Maria João Seixas, Licenciada em Filosofia; Maria José Estanco, Arquitecta; Maria de Lurdes Ferreira, Professora; Maria Manuel Bourbon, Engenheira Agrónoma; Maria do Rosário Santos, Técnica de Serviço Social; Mário Dionísio, Professor Universitário; Mário Teles, Professor Universitário; Moradas Ferreira, Médico; Natércia Fogaça Duarte, Professora; Nelson Lopes Ramalho, Professor; Olga Fernandes Essa, Professora; Oscar Lopes, Professor Universitário; Otília Melo e Faro, Professora; Pinto Correia, Professor Universitário; Piteira Santos, Professor Universitário; Regina Marques, Psicóloga; Rodrigo Rego Santos, Médico; Rosália Ferreira, Médica; Rui Carrington da Costa, Professor Universitário; Rui Grácio, Pedagogo; Sérgio Carvalho Duarte, Médico; Teresa Alegre, Professora; Teresa Eliseu, Professora; Ulpiano Nascimento, Economista; Vasco Magalhães Vilhena, Professor Universitário; Vasco Pinto Leite, Engenheiro; Vital Moreira, Professor Universitário.

ESCRITORES E ARTISTAS

A. Garibaldi, Escritor; Alexandre Babo, Escritor; Alexandre Cabral, Escritor; António Capelo, Actor; Aristides Teixeira, Escritor; António Trindade, Escultor; Assis Pacheco, Actor; Carlos Porto, Escritor; Carlos Wallenstein, Actor; Carmen Santos, Actriz; Correla Tavares, Escritor; Eunice Muniz, Actriz; Fausto, Cantor; Fernando Lopes, Cineasta; Hélder Costa, Encenador; João Abel Manta, Pintor; Joaquim Lagoeiro, Escritor; Joaquim Namorado, Escritor; José Afonso, Cantor; José António Chocolate Contradanças, Poeta; José Cardoso Pires, Escritor; José Carretas, Actor; José Saramago, Escritor; Leonor Santa Rita, Escritora; Lídia da Fonseca, Escritora; Lúcia Maria Martins, Encenadora; Maria Alice Tavares Chico, Musicóloga; Maria do Céu Guerra, Actriz; Maria Teresa Horta, Escritora; Mariana Vilar, Actriz; Mário Viegas, Actor; Mendes de Carvalho, Escritor; Modesto Navarro, Escritor; Nuno Bragança, Esfritor; Orlando da Costa, Escritor; Pedro Osório, Músico; Rogério Paulo, Actor; Tílio Espanca, Escritor; Urbano Tavares Rodrigues, Escritor; Virgílio Domingues, Escultor; Vitorino, Cantor; Wanda Ramos, Escritora.

JORNALISTAS

António Amaral, Adelino Gomes; António Cerejo; António Macedo; António Santos; António Viana; Cáceres Monteiro; Carlos Gil (Repórter Fotográfico) Clara Viana; Dulce Varela; Emílio Rangel; Fausto Correia; Francisco Louçã; João Paulo Guerra; José Carlos Vasconcelos; José Cruz; José Galvão; Maria Helena Neves; Norberto Lopes; Ribeiro Cardoso.

ASSOCIAÇÕES CÍVICAS, SINDICAIS, RELIGIOSAS E OUTRAS

Assembleia Freguesia de Sarilhos Grandes; Associação dos Amigos dos Países Árabes; Associação de Amizade Portugal — Cabo Verde; Associação de Amizade Portugal-Cuba; Associação de Amizade Portugal-Moçambique; Associação para a Cooperação com as Nações Unidas em Portugal; Associação de Estudantes da Escola Secundária da Ameixoeira; Associação de Estudantes da Escola Secundária n.º 1 de Loures; Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa; Associação de Estudantes do Instituto Superior de Economia; Associação dos Inquilinos Lisboenses; Associação Portuguesa de Deficientes; Câmara Municipal da Chamusca; Câmara Municipal da Moita; Câmara Municipal de Moura; Câmara Municipal de Santiago do Cacém; Câmara Municipal de Sines; Centro Ecuménico de Reconciliação; Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral (CIDAC); Centro de Jovens Católicos «Verdade e Vida»; Comissão Intersindical dos Trabalhadores da Sorefame; Comissão Juvenil da Freguesia de Carnide; Comissão da Paz de Setúbal; Comissão de Trabalhadores da Setenave; Comissão de Trabalhadores da Sorefame; Comunidade Católica Juvenil de Bem Canta (Coimbra); Comunidade Cristã de Reflexão e Acção de Coimbra; Coordenadora das CT's e dos Seguros; Conselho para a Paz e Cooperação (CPPC); Cristãos em Comunidade de Base; Cristãos Solidários com a América Latina; Federação das Colectividades de Cultura e Recreio; Federação Nacional dos Professores; Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Farmacéuticas de Portugal; CGTP-IN Intersindical Nacional; Grupo de Solidariedade com os Povos da América Latina; Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal; Juventude Operária Católica (JOC); «Libertar»; Movimento Democrático de Mulheres (MDM); Movimento de Escritores Novos; Movimento Unitário dos Reformados e Idosos (MURPI); Sindicato da Construção Civil do Centro; Sindicato das Indústrias Eléctricas do Centro; Sindicato dos Médicos; Sindicato dos Metalúrgicos de Coimbra; Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local; Sindicato dos Operários Corticeiros do Norte; Sindicato dos Professores da Grande Lisboa; Sindicato dos Professores da Região Centro; Sindicato dos Rodoviários do Centro; Sindicato dos Têxteis do Centro; Sindicato dos Trabalhadores de Aviação e Aeroportos; Sindicato dos Trabalhadores da Cerâmica, Construção e Madeiras de Aveiro; Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, Madeiras Metalúrgica e Metalomecânica de Trás-os-Montes e Alto Douro; Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública; Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Construção Civil e Oficinas Correlativas do Distrito de Setúbal; Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Corticeira do Sul; Sindicato das Indústrias Eléctricas do Norte; Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgica e Metalomecânica de Lisboa; Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgica e Metalomecânica do Sul; Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Mineira do Norte; Sindicato da Indústria Química do Sul e Oficinas Correlativas do Distrito de Setúbal; Sindicato dos Trabalhadores de Vestuário, Lavandarias e Tinturarias do Distrito do Porto; União Coordenadora Nacional dos Organismos dos Deficientes; União dos Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP); União dos Sindicatos de Coimbra; União dos Sindicatos do Distrito de Setúbal; União dos Sindicatos de Leiria (Departamento Juvenil); União dos Sindicatos de Lisboa; União dos Sindicatos de Sines e Santiago do Cacém.

ACTIVIDADES VÁRIAS

Abel Cerqueira de Almeida, Afonso Peixoto, Alexandre Miguel Cordeiro Magrinho, Alexandrina Maria O. Carocinho, Amália Fernandes Luísa Martins, Américo Alves, Ana Cristina Ferreira, Ana Cristina Ferreira de Oliveira, Anabela Mendes Rodrigues, Anabela Pires Pereira, Aníbal José Gonçalves, Aníbal Manuel O. Carocinho, António Afonso Brás, António Augusto Costa Figueiredo, António Augusto Santos Soares, António Augusto Silva César, António Batalha B. Machado, António Goulão Valadares, António Inverno Pato Vale, António José Antunes Craveiro, António José Martinho, António José da Silva Marques, António José Tremoco, António Luís Dolores, António Manuel S. Luís, António Maria Paulo Lourenço, António Marques Ramalheiro, António Martins Vilão, António Mesquita Meireles, António Paulo Travassos, António da Silva Dias Pereira, António da Sousa Nunes, Armando Lopes, Armando Monteiro da Silva, Armando Pinto Esteves, Arménio Augusto Pinto Moreira, Armindo Fernando Piedade Fonseca, Artur Baptista, Artur Ramalho Garcia, Augusto Silva Carreto, Carlos A. Mendes Pauleta, Carlos Alberto Costa, Carlos Alberto G. Monteiro, Carlos Alberto da Silva Martins, Carlos Fábilo, Carlos Monteiro, Casimiro Santos Moutinho, Cristina Isabel N. Gregório, Cristina Maria Saavedra Torres, David Armando Guerreiro Nobre, Domingos Gonçalves Chaparro, Domingos Martins Carvalho, Ermelinda Semão G. Monteiro, Ernesto António Cavaco, Ernesto Joaquim Miranda Pires, Fernando Almeida, Fernando Jorge de Sá Ferreira, Fátima Andrade dos Santos, Fernando Campos Guerra, Fernando Manuel da Silva Fonseca, Fernando Silva Nunes, Fernando Sousa Campos, Filomena Maria Oleiro Carocinho, Francisco Pereira Fija, Francisco da Conceição Mendes, Francisco Manuel Martins Ramalho, Francisco Maria Pereira Pacheco, Francisco Rafael Almeida, Gaudino Borges Gonçalves, Georgino de Almeida, Guilherme Mendonça, Henrique Jorge Ruas Nobrega, Henrique Pinto Gonçalves, Horácio Alves Dias Mendes, Humberto Fernando Simões dos Santos, José Ferreira, J. Ferreira Carrilho, Jacinto Manuel Penque, Jacinto Ribeiro de Abreu, João Aguardel, João Augusto Lopes Machado, João Bernardino, João Cabral Fernandes, João Duarte de Pinho, João Franco Teodoro, João Luís Machado Teixeira, João Pedro Guerreiro Nobre, Joaquim Correia, Jorge Soeiro Alves, Jorge Gaspar Gestor, Jorge Paulo Gonçalves Grave, José António Aurélio Castilho, José Augusto Pinheiro Miranda, José da Conceição Alves Madeira, José Domingues G. Lopes, José Luís Pinto Gonçalves, José Marques da Costa, José Miguel Teixeira Saraiva, José Manuel Machado Freire, José Manuel Marques Vilão, José do Nascimento, João Paulo Caetano Gonçalves, José Pedro de Campos, José Teles, Joaquim António Carneiro, Jorge Humberto Martins Tomás, Jorge Ramalho Leão, José Manuel Ramalho Candeiro, José Neves, José Pais Cabal, José Silvério Mata, José TB Viegas, Juvenal José Moscas, Laureana Maria Pereira Teodoro Rocha, Lino Carlos Pereira Alves, Lourenço da Costa, Lucrecia Carneiro da Silva, Luís Filipe Cardoso, Luís Filipe Santos Conceição, Luís Manuel Baptista, Luís Maria Guerreiro, Luís Rui Alves dos Reis, Luís Tavares Mendes Chasqueira, Manuel Coutinho Raposo, Manuel Domingos Alenquer, Manuel José Rosa Frade, Manuel Eduardo Freitas da Rocha, Manuel Francisco Lopes Cardoso, Manuel Luís Gonçalves, Manuel Maria Tremoco, Manuel Pires, Manuel Raimundo Quintino Moreira, Maria Alice Semão Guerreiro Nobre, Maria Ana da Silva Moura Ramos, Maria Clélia Pereira, Maria Clara Sousa Lopes, Maria Delícia Lopo Semão Rebelo Baptista, Maria de Fátima Amaral, Maria da Graça Lima Martins, Maria Isabel Gualberto Gomes Ribeiro Martins, Maria Helena Serafim, Maria Irene Lopes Cardoso Coutinho Lopes, Maria Graciete Melinares Gradil, Maria João Pereira Teodoro Rocha, Maria José Ferreira Jordão, Maria de Jesus Soares, Maria João Pereira Teodoro Rocha, Maria João Cid Casellas Mendes, Maria Júlia Pereira Teodoro Rocha, Maria Luísa Ramos, Maria de Lurdes Lopes dos Santos, Maria Paulo Belo, Maria do Rosário Henriques Amado, Maria do Rosário Santos, Miguel Gonçalves Horta, Moacyr Teixeira Lobo, Octávio José Caserio Augusto, Olga Areosa Feio, P. Ferreira, Paulo Alexandre Valério Lúcia, Paulo Fernandes, Paulo Jorge Caserio Simões, Paulo Jorge Ribeiro Leão, Paulo Manuel Santos Farinha, Pedro Manuel Pereira, Pedro Manuel Ramos Rodrigues, Pedro Manuel Rodrigues, Rita Rodrigues, Rogério Luís Tavares Rui Cunha, Sebastião da Silva Carrilho, Sofia Torrado da Silva, Teresa de Fátima Gregório Ascensão, Vasco Costa Santos, Venâncio Manuel Silva, Vitor Manuel Lima Simões, Vitor Manuel de Matos, Vitor Manuel Sanfona, Zulmira Galvão Santos.

Falência iminente na Automecânica da Beira

O Sindicato dos Metalúrgicos de Castelo Branco responsabilizou o Governo e a gerência da Automecânica da Beira pela crise financeira da empresa.

Em comunicado, o sindicato afirma que o Governo não teve «capacidade de aplicar uma política industrial condizente com a real situação do País e da região».

Acrescenta que a responsabilidade do Governo pela referida situação se deve ainda «à falta de vontade política de resolver de imediato os problemas sociais dos trabalhadores».

O Executivo é acusado de se preocupar em «resolver os problemas dos empresários, mas não das empresas nem das pessoas que lhe dão vida».

Os trabalhadores da Automecânica da Beira, com sede em Castelo Branco, não recebem salários há quatro meses, enquanto a empresa se encontra paralisada devido «à falta de verbas para compra de matérias-primas», segundo a gerência.

O Sindicato dos Metalúrgicos salienta a propósito que «há fome e miséria em casa dos operários da Automecânica».

A gerência da fábrica é responsabilizada de ter deixado chegar a empresa à actual situação e «não ter tido capacidade de resposta à deterioração social da empresa nem capacidade de previsão de uma situação que se podia evitar».

Segundo a ANOP, que cita uma fonte laboral que a declaração de falência da empresa poderá ser tomada nos próximos dias.

O encerramento da empresa, com 160 trabalhadores, pode, segundo o sindicato, trazer ins-

tabilidade e graves consequências sociais e económicas para Castelo Branco e na região.

A Automecânica da Beira fabrica material pesado e mecânico.

Tentativa de aplicação do «lay-off» na Femsa

As comissões intersindical e de trabalhadores da multinacional Femsa, com uma fábrica na Guarda, acusou a administração de pretender aplicar a lei do «lay-off» para concretizar despedimentos e não para viabilizar ou criar condições de rentabilidade da empresa.

A acusação é feita num comunicado onde os ORT's afirmam que é «tempo do Governo actuar», referindo o autodespedimento de 11 trabalhadores da fábrica, que receberam indemnizações entre 600 e 800 contos.

A fábrica, propriedade do grupo Robert Bosch possui actualmente 179 trabalhadores contra 223 em 1982.

Sobre a aplicação do «lay-off» as comissões intersindical e de trabalhadores da Femsa afirmam que a notificação da recepção do requerimento para aplicação da referida lei foi efectuada 47 dias fora do prazo estipulado legalmente.

O requerimento foi remetido ao Governo em 23 de Janeiro e a recepção foi confirmada em 19 de Março.

Uma fonte sindical disse que a produção de Março correspondeu à facturação de 60 mil contos dos quais 20 se destinaram à exportação.

A Femsa, situada em Vila Cortes do Mondego, na periferia da Guarda, produz material electromecânico.

Pessoal da Siderurgia ainda em luta contra discriminação salarial

Os trabalhadores da Siderurgia Nacional paralisaram durante o dia de ontem e concentraram-se junto à tesouraria e portaria na fábrica do Seixal.

Um porta-voz dos trabalhadores assinalou que estão em luta «contra a discriminação salarial» e o não pagamento do salário de Abril a mais de cinco mil dos cerca de seis mil trabalhadores da empresa, tendo também paralisado a fábrica da Maia.

Desde 17 de Abril que os trabalhadores da Siderurgia ligados aos sindicatos da CGTP paralisam a actividade no horário de funcionamento da tesouraria, para protestar contra o pagamento do aumento salarial de 18,4 por cento só aos trabalhadores filiados nos sindicatos UGT, que subscreveram novo acordo de empresa, situação

que a COTRA considera de discriminação salarial.

A COTRA acusa o CG de não pagar os salários de Abril aos trabalhadores das fábricas do Seixal e Maia, processando no entanto os vencimentos dos trabalhadores da sede e dos que recebem pelo banco.

Citando dados do conselho de gerência, um porta-voz da comissão de trabalhadores afirmou que desde o início desta luta a Siderurgia sofreu prejuízos que ultrapassam um milhão de contos.

Greve nas farmácias

Os associados do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas cumprem desde ontem uma greve de 48 horas.

Os trabalhadores do sector reivindicam desde Agosto de 1983 alterações ao CCT e

acusam, em comunicado, a Associação Nacional das Farmácias de «boicote sistemático» às negociações com «a cobertura» do Ministério do Trabalho.

Saliente-se que o vencimento mínimo mais elevado das tabelas salariais em vigor para um técnico auxiliar de farmácia é de 22 mil escudos, com um subsídio de refeição diário de 40 escudos.

O comunicado sindical adianta que, apesar de o patronato ter visto concretizada «a sua reivindicação, que era a anulação dos descontos que as farmácias eram obrigadas a fazer ao Estado» sob a alegação de que a mesma «possibilitaria um melhor nível de remuneração do pessoal das farmácias», o certo é que se manteve «a sua prática habitual de boicote à contratação colectiva» agora agra-

vada «pela cobertura que o Ministério do Trabalho lhe tem proporcionado».

Ormis

Também os trabalhadores da Ormis, de Olhão, encetaram ontem uma greve que se prolongará até amanhã contra o encerramento da empresa e o pagamento do salário de Abril e do 13.º mês.

De acordo com uma informação da União dos Sindicatos de Faro foi distribuído um comunicado aos trabalhadores e à população no qual «se pede a compreensão para a luta encetada e se chama a atenção para as consequências catastróficas que teria para o concelho de Olhão e para o sector das conservas do Algarve caso a unidade fosse encerrada».

A visita do ministro espanhol

A revisão e ampliação de acordos entre a Espanha e Portugal em matéria de segurança e a intensificação das relações bilaterais são os principais temas da visita que o ministro espanhol do Trabalho hoje inicia a Lisboa.

«Trata-se da primeira reunião entre os dois ministros e departamentos da área de trabalho e segurança social e pretende, nos estabelecidos uma linha de cooperação», afirmou o ministro Joaquín Almunia, em declarações prestadas à ANOP.

Com esta visita, Joaquín Almunia pretende iniciar um sis-

tema de contactos regulares entre os dois departamentos.

O ministro espanhol chega hoje a Lisboa, acompanhado pelo subsecretário do Trabalho, Segismundo Crespo, e director-geral do Instituto Nacional de Segurança Social, Bernardo Fernandez.

Manterá duas reuniões de trabalho com o seu homólogo português e será recebido pelo Primeiro-Ministro Mário Soares, regressando a Madrid amanhã à tarde.

«Não há problemas concretos nesta área entre Espanha e Por-

tugal» — afirmou Joaquín Almunia. Admitiu que «em alguma zona pode haver alguma irregularidade, mas será uma situação provisória, que, em todo o caso, corrigiremos no primeiro momento de sua confirmação».

Almunia disse que não existem problemas para a autorização de trabalho a emigrantes portugueses, pois estão na mesma situação dos cidadãos de outros países ibero-americanos.

Na opinião do ministro, «o facto de a comunidade portuguesa em Espanha estar estabe-

lecida, na sua maior parte, há muitos anos, diminui as tensões».

Afirmou que no seu Ministério «não são conhecidos casos de importância de clandestinidade» e comentou que desde 1977 têm diminuído os pedidos de autorização de trabalho de portugueses.

Joaquín Almunia disse que «provavelmente, se os trabalhos técnicos terminarem a tempo, durante a visita a Lisboa, poderão ser assinados protocolos com a ampliação das relações em matéria de trabalho e segurança social».

comunicação social

Eanes defensor da TV privada

Uma preocupação que tem a ver «exclusivamente com a democracia e o seu correcto funcionamento» ditou a defesa da Televisão privada feita pelo Presidente da República em Braga — esclareceu uma fonte de Belém.

O mesmo informador, que se referia às declarações de Rama-

lho Eanes em defesa da Televisão privada, proferidas segunda-feira durante a visita à Agro-84, considerou que em Portugal «importa que, independentemente dos governos e das administrações nomeadas, a objectividade e o pluralismo interpretativos possam ser assegura-

dos.» «Mostra a experiência — adiantou — que esse objectivo poderá ser mais eficazmente atingido com a existência de mais do que uma Televisão.»

A fonte de Belém disse ter sido esta, «e só esta preocupação, que tem a ver com a democracia

e o seu correcto funcionamento, que ditou a afirmação do Presidente da República ao dizer-se defensor da Televisão privada.»

Referiu por outro lado que «não há verdadeira liberdade informativa sem uma Comunicação Social objectiva na interpretação»

— e que esse facto «assume maior relevância» no caso da Televisão, que é hoje «o meio de maior impacto na opinião pública».

Quer a ANOP, quer a NP, fazem-se eco destas declarações.

Tito de Moraes presidente

do CG da ANOP

João Tito de Moraes foi eleito presidente do Conselho Geral da ANOP, tendo como secretário Garcez Palha e vice-secretário Jorge Wemans.

O resultado da eleição foi estabelecido por unanimidade pela mesa do conselho geral da empresa.

Aquele conselho escolheu, também, para seus membros, na área do sector cultural, como definido pelos estatutos, o padre António Rego e a historiadora Clara Junqueiro.

O Conselho Geral da ANOP, após primeiras trocas de impressões sobre o «perfil mais adequado» do futuro director-geral da empresa, entendeu deixar a decisão para a próxima reunião, a realizar amanhã, da qual, provavelmente, sairá o nome escolhido, dada a manifesta necessidade de «acelerar o processo» por parte dos membros já empossados do Conselho Geral da empresa.

“Primeiro de Janeiro” pode paralisar

Os trabalhadores do matutino português «O Primeiro de Janeiro» ameaçam paralisar no próximo dia 8 se, até lá, o Conselho de Administração da empresa não liquidar integralmente os vencimentos referentes ao mês de Abril. A decisão partiu de um plenário realizado anteontem e foi aprovado por unanimidade.

No penúltimo dia do mês de Abril, o Conselho de Administração de «O Primeiro de Janeiro» informou a Comissão de Traba-

lhadores de que só poderia liquidar os vencimentos por fracções, a pagar nos dias 7, 15 e 22 do corrente. Perante tal situação, que, segundo a CT, se vem repetindo há já alguns meses (recorde-se que o CA ainda não pagou metade do 13.º mês, nem os retroactivos de 16 meses), os trabalhadores decidiram realizar um plenário.

Para além da paralisação já referida, os trabalhadores de «O Primeiro de Janeiro» aprovaram

ainda o seguinte: a realização de uma conferência de imprensa amanhã para denunciar a situação junto do público, através de um comunicado a elaborar conjuntamente pelo Sindicato dos Gráficos, Imprensa e jornalistas; acção judicialmente a empresa por incumprimento sistemático das obrigações contractuais; mandar, até ao dia 21 do corrente, «ata limite para o pagamento do débito referente ao 13.º mês» negociar e

assinar com o CA um protocolo de trabalhadores, prazo esse que, em algum caso, deverá exceder o dia 31 de Dezembro do corrente ano; e dar conhecimento destas deliberações ao Presidente da República, presidente da Assembleia da República, Primeiro-Ministro, ministro do Trabalho, secretário de Estado do Emprego, Grupos Parlamentares e Comunicação Social.



O ‘boneco’ dos que fazem ‘bonecos’

Todos os anos, pelo 1.º de Maio, os repórteres-fotográficos da nossa Imprensa têm a sua reunião de amistos confraternização.

Desta feita, os homens e mulheres que captam os «bonecos» que diariamente nos prendem a atenção no papel impresso, tiveram o seu encontro no Monte dos Condes, em Bena-

vente, que é uma quinta «com todos», do jornalista «capitalista» (isto é, de «A Capital») Helder Pinho.

Depois de opípara refeição, os nossos camaradas de profissão (talvez para que pudessem fazer a digestão) tiveram de tomar uma vaca, lançada assim como quem não quer a coisa... Um dia bem passado, eco-

lógico, com anedotas à mistura, histórias de serviço, etc., etc., etc. Depois...

Bem, depois foi o dia seguinte, os dias seguintes — e os homens e as mulheres das máquinas, os repórteres-fotográficos, lá voltaram ao trabalho, mais este «boneco», mais aquele «boneco»...

Para registo, aqui ficam os «bonecos» que são todos eles.

de ontem para hoje

Dezassete feridos no despiste de uma camioneta da RN

O motorista da camioneta que ontem se despistou perto de Vieira do Minho, de cujo acidente resultaram dezassete feridos, estava esta manhã sob observação médica no Hospital de S. Marcos, em Braga. Severino Luís Gonçalves, o ferido mais grave do acidente, deverá ainda hoje ser transferido para os serviços de ortopedia do mesmo estabelecimento hospitalar, o que significa que o despile não teve, felizmente, as consequências que inicialmente se receava. O acidente ocorreu em Cerdelirinhas, naquele concelho. Só Severino Luís Gonçalves, de 53 anos, foi transportado para o Hospital de S. Marcos, os outros feridos foram socorridos no Hospital de Vieira do Minho.

Montargil tem falta de um hotel

A barragem de Montargil está a atrair cada vez mais visitantes que se ressentem, também cada vez mais, da falta de um hotel, uma pousada, um motel. É nesta terra do Alto Alentejo, na zona de transição com o Ribatejo, que se efec-

tuam diversas provas desportivas ao longo do ano, facto que torna Montargil mais carecido desse serviço — já que, quanto a restaurantes, segundo o correspondente do «DL», não há problemas de maior.

GF apreende 456 cabeças de gado

A Guarda Fiscal do Sabugal apreendeu, por presunção de contrabando de importação, 340 cabeças de gado ovino e 116 de gado caprino — anunciou ontem o Comando-Geral daquela corporação. A apreensão ocorreu na quinta do Passarinho, em Sabugal, tendo sido atribuído o valor de 3100 contos ao gado, que foi entregue à Junta Nacional dos Produtos Pecuários para o matadouro da Guarda. Uma nota do Comando-Geral da Guarda Fiscal refere terem sido apreendidas nas regiões de Caneças, Alcanena e Golegã seis máquinas de jogo, no valor de 2250 contos. Também a Guarda Fiscal do Casarão (Campo Maior) apreendeu 456 peças de vestuário (camisas, blusões e calçado), mercadoria avaliada em cerca de 1100 contos.

Valy Mamede preside à Comunidade Islâmica

Suleiman Valy Mamede foi reconduzido pela quarta vez consecutiva no cargo de presidente da direcção da Associação da Comunidade Islâmica de Lisboa. Na lista de Valy Mamede figuravam como presidente da Assembleia Geral e Conselho Fiscal, Mussa Omar

e Mohamed Ikbil Vakil, respectivamente, tendo o primeiro sido derrotado por Karim Boabdellah. Seiscentas e treze pessoas votaram nas eleições para os cargos da Comunidade Islâmica de Lisboa — informou a Associação.

Varela Crujo em «coma vigil»

O acidente fatal do campeãoíssimo Joaquim Agostinho trouxe à memória de muitos portugueses o que aconteceu ao cavaleiro taurumático Varela Crujo, gravemente colhido em 11 de Agosto do ano passado, no Campo Pequeno. Encontra-se, quase nove meses depois, em estado de coma. José Varela Crujo, 27 anos, que desde Novembro se encontra no Hospital Distrital de Beja, para onde foi transferido depois de internado no Hospital da Cruz Vermelha, em Lisboa, está desde essa altura em estado de coma vigil — acrescentou. O coma vigil significa em termos clínicos que o doente, embora sem consciência, tem «acessos delirantes de agitação», que traduzem a existência de uma certa actividade psíquica. Varela Crujo apresentou-se pela primeira vez em público em 1970, na Praça de Moura, e recebeu a alternativa sete anos depois, em 10 de Abril, precisamente no Campo Pequeno, das mãos de David Ribeiro Teles.

Ilha das Flores sem combustíveis

A ilha das Flores encontra-se pela quarta vez, este ano, sem combustíveis — revelou à ANOP o presidente da Câmara das Lajes. As bombas existentes no concelho das Lajes esgotaram há vários dias o gasóleo e a gasolina, o mesmo se passando no outro concelho da ilha, Santa Cruz.

Encontra-se também esgotado na ilha, o gás butano. De acordo com as afirmações de Albino Gomes, a situação tem-se agravado dado que os reabastecimentos regulares à ilha não têm sido de molde a satisfazer o consumo.

Um morto e cinco feridos em Aveiro

Um morto e cinco feridos é o balanço de um embate frontal entre dois veículos ocorrido ontem à noite próximo de Aveiro, na estrada que liga esta cidade a Gafanha. Desconhecem-se, por enquanto, as causas do acidente, mas presume-se que fosse motivado por despiste de uma das viaturas. A vítima maior do acidente foi o comerciante José Alberto Fidalgo Caçoi, de 29 anos, que residia na Gafanha da Nazaré e teve morte instantânea.

Entretanto, nos outros 33 acidentes ocorridos nas últimas horas, ficaram feridas 55 pessoas.

Doze viaturas salvas do fogo

O incêndio que ontem deflagrou ao princípio da noite, numa garagem da Rua Pascoal de Melo, foi considerado extinto às 21 horas disse o comandante dos bombeiros que combateram o sinistro. Na garagem, localizada no n.º 3 da

Rua Pascoal de Melo, estavam, na altura em que o incêndio começou, 12 viaturas que nada sofreram. O incêndio foi combatido por cerca de 40 homens e cinco viaturas do Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa.

Feira do Ribatejo vai dar prémios

A direcção da Feira Nacional de Agricultura, também chamada Feira do Ribatejo (sua designação original), atribuirá prémios para as duas melhores reportagens sobre o certame, a publicar até 10 de Junho, último dia da Feira deste ano. O 1.º prémio é de 50 mil escudos e o 2.º de 20 mil. O tema será, obviamente, a Feira Nacional da Agricultura em Santarém. Qualquer dos premiados terá ainda um troféu. A iniciativa tem o apoio do Banco Português do Atlântico que de resto a patrocina há dois anos.

Presidente da Câmara questionado

Compartes dos baldios de Viseu continuam luta pelos seus direitos

O Secretariado dos Conselhos Directivos dos Baldios do distrito de Viseu exigiu do Governo o respeito absoluto pelas leis 39 e 40 de 1976 que regulam a administração dos baldios.

Em carta aberta dirigida aos órgãos de soberania, reclamam também o reconhecimento de todos os conselhos directivos de baldios eleitos depois de 1979.

Reivindicam, ainda, a prestação de apoio económico, técnico e jurídico por parte dos serviços florestais e manifestam-se contra a eventual aprovação pela Assembleia da República do Projecto de Lei 281/III.

Segundo afirmam na carta aberta, aquele projecto de diploma é «infame e antinatural» e o seu principal objectivo seria «revogar a Lei dos Baldios e roubar aos povos a posse e administração dos mesmos».

O Projecto de Lei 281/III, cujo conteúdo é contestado pelo Secretariado dos Conselhos Directivos de Baldios do Distrito de Viseu, prevê entre outros pontos, a passagem da posse e administração dos baldios para as Juntas de Freguesia.

«Retirar os baldios da administração dos povos e entregá-los às Juntas de Freguesia numa primeira fase e, numa segunda fase, alugá-los ou passá-los ao domínio privado, destruindo-os como baldios, empurrará de novo as populações mais pobres para uma situação de miséria e abandono verdadeiramente criminoso» — afirma-se ainda na carta aberta.

Campo e Bassar guerra com Viseu

O Conselho Directivo de Compartes de Baldios de Campo e Bassar anunciou que deu entrada no Tribunal de Viseu uma acção contra a Câmara Municipal, visando obrigá-la ao reconhecimento do limite do terreno presentemente ocupado pelo Bairro Norade.

Trata-se, aqui, de mais um caso de cedência de terrenos que os compartes consideram baldios, por parte da Câmara Municipal, à Igreja Evangélica, para que esta instale uma capela no referido bairro.

«O senhor presidente da Câmara, fingindo esquecer a existência do conselho directivo dos respectivos compartes, resolveu remeter o requerimento à entidade por ele tida como competente, a Junta de Freguesia do Campo» — acusa o conselho directivo.

Um comunicado divulgado a propósito deste diferendo contesta o direito a que «o senhor presidente da Câmara negue o respeito que deve pela História e pela Lei».

E explicam os compartes: «Pela História, pois que os baldios de Campo e Bassar datam do princípio da nacionalidade e como tal foram conservados, apesar do período obscuro mas meramente transitório e curto em que o célebre Estado Novo optou, tal como agora o senhor presidente da Câmara, por esbulhar as populações, suas únicas e verdadeiras donas e possuidoras».

Quanto à lei, comentam que o autarca demonstra com o seu comportamento, não gostar dos Decretos-Leis n.ºs 39 e 40, de 29 de Janeiro de 1976, completamente em vigor ainda hoje.

Ainda um salto ao passado com um aviso ao presidente da Câmara de Viseu, feito pelo conselho directivo: «O senhor presidente não vai poder repetir hoje o que nos anos 30, a força das baionetas da GNR do tempo fez aos baldios do Monte de Santa Luzia, dos quais há documentos comprovativos de já existirem em meados do século XIII a favor dos compartes».

Trabalhadores dos transportes: nem de barba, nem de tanga...

Já um homem não pode andar como lhe apetece?

Já um homem não pode andar como lhe apetece?

Não, diz o Tribunal Constitucional, aplicando a negativa ao caso concreto de trabalhadores que tenham estreitas ligações com o público. Ainda mais estritamente, o acórdão refere-se a motoristas, revisores e vendedores de bilhetes de transportes públicos.

O Tribunal Constitucional foi chamado a pronunciar-se sobre o caso de um cobrador de um autocarro, autuado pela GNR de Amares em 17 de Novembro de 1982. Motivo: não se apresentava devidamente barbeado e uniformizado.

António Machado, o cobrador, acabaria por ser condenado no primeiro julgamento, por um juiz que achou ter havido violação do Decreto-Lei 17272, de 1948. O delegado do Ministério Público, no entanto, recorreu para o Tribunal Constitucional.

O acórdão ontem publicado no «Diário da República» faz o contraponto entre o referido decreto de 1948, que obriga os empregados dos transportes colectivos a apresentarem-se uniformizados e barbeados, e os preceitos constitucionais vigentes, nomeadamente o artigo 26, 1.º que consagra o direito dos cidadãos à sua própria personalidade e à aparência externa.

Só que, entende o TC, o prin-

cípio de barba feita diariamente e uniforme da empresa, não ofende a liberdade pessoal consagrada na nossa lei fundamental.

E António Machado vai agora ser presente a segundo julgamento.

E assim fica feito um aviso a muitos trabalhadores de muitas empresas que contactam directamente com o público....

«Seria impensável reconhecer como exercício de um direito de personalidade o de um revisor de caminho-de-ferro ou de arrumador de casa de espectáculos se apresentarem a executar o seu serviço apenas com uma tanga» — entende o Tribunal Constitucional.

Espera família, no hospício...

Portuguesa enlouqueceu entre Gijon e Madrid

Uma jovem portuguesa da Madeira (Funchal), até há três dias atrás empregada doméstica numa casa dos arredores de Gijon, nas Astúrias, foi internada num hospital psiquiátrico, após um ataque de loucura registado num comboio que a transportava para Madrid.

Maria de Fátima Branco Rodrigues, é este o seu nome, que aparenta 30 anos, chegou a Espanha há cerca de duas semanas, contratada por uma agência de colocações. Quando começou a apresentar presumíveis sintomas de demência providenciaram o sentido de a enviar para Madrid para que a «Aucer» assumisse a

responsabilidade pelo seu caso.

No comboio, Maria de Fátima Rodrigues teve um «grave ataque de loucura» que provocou o seu internamento imediato no hospital psiquiátrico de Gijon.

As autoridades consulares portuguesas contactaram a agência de Colocações que negou a sua colocação no repatriamento da jovem portuguesa, que não fala espanhol.

A agência limitou-se a informar que Maria de Fátima Rodrigues tinha sido contratada através de uma cozinheira da Embaixada do Brasil, que também não conhece nem a família nem o lugar de residência da empregada doméstica.

O Hospital Psiquiátrico de Gijon está a tentar encontrar alguma entidade que possa enviar a doente. O repatriamento terá de ser feito de ambulância com a assistência permanente, de um enfermeiro o que implica algumas dificuldades económicas.

O drama dos portugueses em Espanha teve anteontem, em Gijon (área em que a maioria dos nossos emigrantes chegou a estar sob a ameaça de expulsão, na carne e no espírito de Maria de Fátima Branco Rodrigues, um novo episódio. Os problemas multiplicam-se e, mais que desinteresse, parece enraizar-se no íntimo de alguns espanhóis uma veia de racismo face aos portugueses.

Mais uma inauguração de Jardim

Faz-se luz na Madeira

A nova subestação de energia eléctrica das Virtudes, com capacidade para abastecer sozinho toda a cidade do Funchal, foi ontem inaugurada pelo presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim.

A subestação, um dos maiores empreendimentos dos últimos anos no domínio da distribuição de energia eléctrica na região, si-

tua-se em S. Martinho, arredores do Funchal, e cobre todas as áreas a Oeste da cidade, incluindo a maior parte da zona hoteleira.

Considerada há vários anos como absolutamente necessária dado o envelhecimento e saturação das duas subestações existentes na área urbana, a construção da nova subestação foi iniciada em Fevereiro de 1983.

O processo desta empreitada iniciou-se em Março de 1982 com o lançamento do respectivo concurso público, a que concorreram cinco empresas da especialidade, e em Janeiro de 1983 foi adjudicada por 120 mil contos a uma daquelas firmas.

Abecasis à procura da 'Gertrudes'

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa encontra-se em Bordéus à procura do «Gertrudes». Não se alar-me o município — que ele foi a convite do «maire» seu par, levou um vereador e o que o faz «voar» é um computador. Explicamos-nos: toda a gente sabe que vamos mal de trânsito, em Lisboa, apesar do preço da gasolina. Soluções têm sido tentadas muitas, há coisas evidentes que continuam por fazer. Mas é sabido nos meandros do município que o computador de trânsito actual já deu o que tinha a dar.

A explicação está, portanto, à vista. Em Bordéus, os problemas de circulação urbana foram resolvidos, ao que dizem por aí, com o tal computador que dá pelo nome de «Gertrudes». É coisa de tecnologia fina: avalia intensidades de tráfego, abre corredores de trânsito em caso de emergências e... sabe-se lá mais o quê(?)

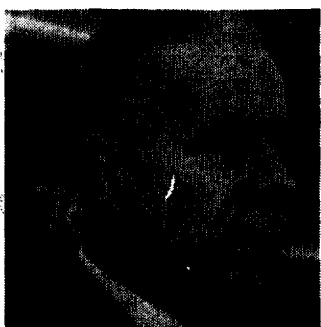
Claro que quanto ao preço é o silêncio. Esse vai ser problema que se conhecerá depois. Talvez como no caso dos parquímetros de que tanto se falou mas que acabaram por ficar reduzidos ao nosso artesanal sistema de fiscais com um livro de senhas.

Por isso, não falta, mesmo na Câmara, quem diga que se calhar ainda vamos ter uma época de sinais de luvá branca, gesto farto e apito na hora.

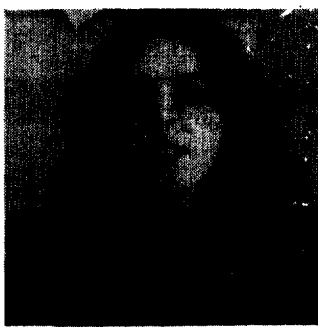
VENDE-SE ANDAR NO CACÉM

Bom preço. Escritura rápida. MOTIVO MUITO URGENTE. Alentejo com 3 ancas, grande chassi, corredor, despensa, roupeiro e telefone. A 100 metros da estação. Contactar o proprietário pelos telefones: Durante a semana: das 9 h às 18 h 87 01 05/6 A partir das 20 h e fins-de-semana 834 47 00

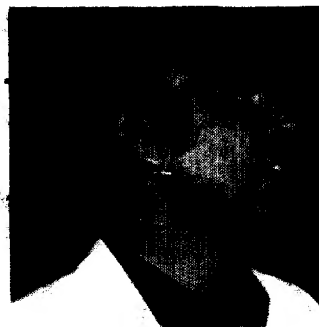
DE

CA-
RAS

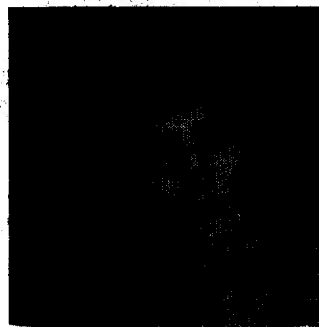
Por atingir no próximo dia 8 o limite de idade, o **general Altino de Magalhães** vai abandonar o cargo de director do Instituto de Defesa Nacional e passar à reserva. O vice-almirante Coutinho Lanhoso será o novo director do Instituto, admitindo-se que o seu vice-director venha a ser o brigadeiro Rocha Viera.



A secretaria de Estado da Segurança Social, **Leonor Beleza**, divulgou ontem em conferência de imprensa que o Governo decidiu institucionalizar o dia 8 de Maio como jornada nacional da Segurança Social. De acordo com aquele membro do Governo tal data servirá para revelar os serviços a que o público tem direito.



Carlos do Carmo volta esta noite aos palcos lisboetas após uma digressão que o levou por França e pela Alemanha Federal. Será no Pavilhão do Restelo, pelas 21h30m, que Carlos do Carmo dará um espectáculo cuja receita reverterá na íntegra para as escolas de Andebol da colectividade do Restelo.



Linda de Suza voltou a Portugal para começar nos claustros do Museu Machado de Castro, em Coimbra, as filmagens para um programa co-produzido pela RTP e ORTF. As filmagens realizadas em Coimbra compreendem a gravação da canção «Coimbra», de Rui Ferrão, de uma serenata e de alguns exteriores da cidade.



O vocalista dos Rolling Stones, **Mick Jagger**, participará no novo álbum de Michael Jackson que começará a ser gravado no segundo semestre do corrente ano. Jagger cantará em dueto com Jackson em pelo menos um dos temas. Esta dupla, depois da experiência entre Jackson e Paul McCartney, está a animar a indústria musical.

Afirma o procurador-geral da República

Luta contra o crime : “o saldo não podia deixar de ser negativo”

O crime em Portugal já ultrapassou a fase ruralista mas a investigação criminal não foi dotada dos meios para acompanhar a evolução — afirmou ontem em Lisboa o procurador geral da República, na abertura de um seminário sobre investigação criminal promovido pela Procuradoria Geral da República. Arala Chaves sustentou que existe um «desfasamento dos meios legais e institucionais relativamente à transformação qualitativamente operada no submundo do crime».

Este quadro explica que «os índices de eficácia da investigação criminal «se situem frequentemente em planos alarmantes» — acrescentou.

«Os delinquentes — disse — são menos atinantes a tabus religiosos e morais, frequentemente colaboram entre si, actuam organizados e em grupo, aprendem técnicas sofisticadas, por si e por lhe serem abundantemente ministradas em filmes, na televisão, e na descrição escrita de outros crimes cometidos, obtiveram armas».

«O saldo não podia deixar de se revelar negativo» — concluiu.

O procurador geral da República sublinhou que «não se menosprezam as garantias de legalidade, nem a salvaguarda de direitos fundamentais» e que «se impõe um lúcido meio termo entre esses importantes valores e os que importam à defesa do comum dos cidadãos e da sociedade».

«Não está minimamente em causa limitar as liberdades individuais consagradas constitucionalmente» mas de reforçá-las no quotidiano, «segundo a máxima de que pouco valerão as liberdades declaradas na lei se as pessoas viverem permanentemente preocupadas com a insegurança da sua integridade física e dos seus bens pessoais» — acrescentou.

Tranquilidade é do passado

«Quem tem já vivida uma longa vida — disse — não pode deixar de evocar a tranquilidade e segurança (relativas sempre, mas muito altas) com que em anos passados se percorria Lisboa, de dia e de noite, para registar que, também já nesta cidade, se não pode afoitar tranquilamente durante as noites, e de dia sem pelo menos estar atento e olhar de soslaio».

Arala Chaves citou o ministro da Administração Interna quando referiu que «a criminalidade, e em particular a criminalidade organizada, é um fenómeno complexo das sociedades do mundo livre que apresenta frentes culturais, socioeconómicas e políticas de difícil combate nos termos mais próximos».

«Quem não saberá que é assim? Quem duvidará que o desemprego, as muitas dificuldades em múltiplos aspectos do viver, explicam e multiplicam o acréscimo de actividade criminosa? Quem haverá que ponha em causa que numa primeira linha do combate à criminalidade está precisamente a eliminação das causas?» — prosseguiu.

Mas — acrescentou — «se não basta fazer o diagnóstico do mal, também não é admissível uma atitude passiva de espera que a conjuntura se modifique para que o mal desapareça».

Arala Chaves referiu propostas apresentadas à comissão de revisão constitucional pela Procuradoria Geral da República e Polícia Judiciária e que «o mais importante e relevante de quanto foi proposto ficou sem consagração».

Outra iniciativa referida por Arala Chaves foi um «documento de análise e alarme» para os ór-

gãos de soberania que resultou de encontros periódicos entre comandos das forças policiais promovidos pela Procuradoria Geral da República.

A Procuradoria Geral da República — prosseguiu — tem denunciado sucessivamente a insuficiência dos esquemas legais para a prevenção criminal e investigação frutuosa, o «erro do esquema institucional orgânico para a investigação criminal» e «as carências em meios técnicos e humanos dos organismos investigatórios».

Juízes de Instrução não funcionam

Por sua vez, Marques Vidal, vice-procurador geral da República, diria que «a investigação criminal em Portugal tem-se caracterizado por certa ineficácia que resulta do sistema processual penal vigente». E observou, que a responsabilidade da investigação em última instância compete ao Ministério Público «mas isso não tem funcionado».

São as polícias que realizam grande parte da investigação, «mas se a Polícia Judiciária está preparada para isso, as outras não» — acrescentou.

O vice-procurador-geral da República preconizou «um sis-

tema em que a investigação criminal passe a ficar efectivamente sob uma direcção em termos actuantes do Ministério Público, com corpos policiais especificamente preparados para isso».

Sobre a actual situação, Marques Vidal referiu que, «por razões complexas, os Juízes de Instrução Criminal não funcionam» e que nos Tribunais de Instrução Criminal encontram-se paralisados centenas de processos, «referentes precisamente aos crimes de maior gravidade».

«Os Tribunais de Instrução Criminal, com excepção de Lisboa e Porto, praticamente quase apenas se debruçam sobre os casos de réus presos» pelo que os outros processos, de que deu como exemplo casos de violações, roubos e espancamentos, «ficam parados».

Marques Vidal sublinhou que «só muito recentemente é que os Tribunais de Instrução Criminal começaram a ser dotados de juizes de carreira», pois «até ao momento viveram com a nomeação de estagiários de advocacia sem experiência».

Estas questões — disse — vão ser objecto de debate no Seminário que a Procuradoria Geral da República está a promover em Lisboa sob os temas «o pre-

sente e o futuro no processo criminal, investigação criminal, técnicas e processo, posição institucional e atribuições do Ministério Público e das polícias».

Os objectivos do seminário — acrescentou — são o «aperfeiçoamento da investigação criminal, a interligação das polícias e a sua coordenação com o Ministério Público nesta área tão delicada do combate à criminalidade».

Entre os conferencistas encontra-se o tenente fiscal do Tribunal Supremo de Espanha, Cândido Conde-Pumpido Ferreira, a cuja presença Marques Vidal aludiu como «seguro indicativo de que Portugal e Espanha não podem caminhar de costas voltadas nos rumos da ciência jurídica, pois têm problemas idênticos para reflectir e solucionar».

São também conferencistas o presidente e dois elementos da Comissão de Revisão do Código de Processo Penal, respectivamente Figueiredo Dias, Castro e Sousa e Cunha Rodrigues, os procuradores-gerais adjuntos Lopes Rocha e Borges de Pinho, e os procuradores da República e dirigentes da Escola da Polícia Judiciária Ferreira Antunes e Dias Borges.

“Haxe”
o deu,
JIC o levou

O operário têxtil Filipe Augusto Ferreira da Silva, de 19 anos, residente na Travessa do Corim, em águas Santas, Maia, foi condenado ontem, à tarde, em 18 meses de prisão, no 1.º Juízo Criminal do Porto, onde respondeu sob a acusação de se dedicar ao tráfico de haxixe.

O referido operário têxtil encontra-se detido desde a noite de 29 de Janeiro, altura em que foi surpreendido por uma brigada do Pelotão de Segurança da PSP, na Rua de D. Afonso Henriques, em Rio Tinto, com 2,47 gramas de haxixe e 4270 escudos, produto da venda do mencionado produto.

Em Tribunal, o acusado tentou defender-se dizendo que o haxixe era para seu próprio consumo e que jamais vendera es-tu-facientes. O certo, porém, é que os agentes da PSP não tiveram dúvidas e garantiram aos magistrados que o Filipe Augusto da Silva estava rodeado de vários indivíduos e procedia à venda do haxixe quando foi surpreendido.

Para além do tempo de prisão, o operário têxtil terá ainda de pagar 25 contos de multa e os mínimos de imposto de justiça e procuradorias, perdendo também a importância que lhe foi apreendida.

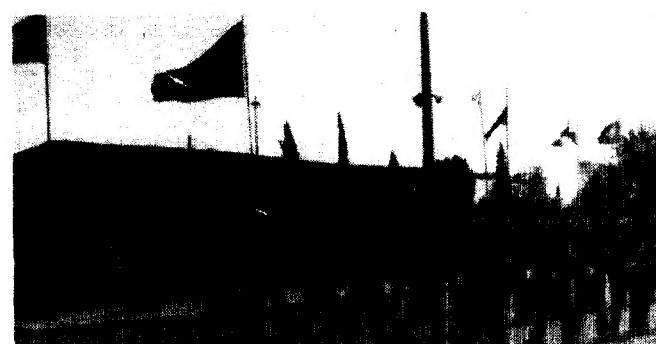
GNR em força no Porto

Quartéis comemoram hoje o 73.º aniversário da corporação

Dezasseis mil homens da GNR comemoram hoje em todos os quartéis do País, desde o comando-geral ao mais pequeno posto, o 73.º aniversário da corporação, um corpo especial de tropas com missão de segurança pública, manutenção da ordem e protecção da propriedade, criado em 3 de Maio de 1911 com a designação de Guarda Nacional Republicana.

As comemorações deste ano centram-se no Porto e têm a presença de representantes de idênticas corporações de Espanha (Guarda Civil), Itália (Carabinieri) e RFA (Polícia de Fronteira). Na capital nortenha, as cerimónias do 73.º aniversário da GNR prolongar-se-ão até ao próximo domingo, com um vasto programa festivo e cultural.

O general Tomé Pinto participou esta manhã no Batalhão do Porto, com o ministro da Administração Interna, na principal cerimónia do aniversário da GNR que foi a leitura da sua mensagem, como comandante-geral da corporação. A mensagem foi lida, sensivelmente à mesma hora, em todos os quartéis do País. As comemorações constaram, fundamentalmente, do içar da bandeira nacional, formatura geral, leitura da men-



sagem do general comandante e imposição das condecorações.

Tomé Pinto recebeu, antes do início das comemorações, os representantes da Comunicação Social, aos quais apresentou as boas vindas da GNR, indicando-lhes depois o local em que decorrerá uma reunião-exposição sobre a Guarda Nacional Republicana, actual e futura.

Amanhã, realizar-se-á no Palácio de Cristal, no Porto, um sarau musical a que assistirá, entre outros, o comandante-geral da GNR, nele actuando diversos agrupamentos musicais totalmente constituídos por militares da GNR. Entre outros agrupamentos, estarão no sarau, o Grupo de Cantares Alentejanos

(Batalhão de Évora) e o Grupo de Música de Grândola (Batalhão de Lisboa). No sábado, no Estádio do INATEL, ainda no Porto, haverá um festival militar tipo «tattoo». Entretanto, no Palácio da Bolsa, decorrerá uma exposição de trabalhos do concurso de fotografia, artesanato e pintura, inaugurada esta manhã pelo titular do MAI e o comandante da GNR.

Pela primeira vez a cidade do Porto assistirá, no domingo, à cerimónia do render da guarda que no terceiro domingo de cada mês se efectua no largo fronteiriço ao Palácio de Belém. A cerimónia decorrerá na Praça General Humberto Delgado.

Agressores da locatária
conheciam-lhe os hábitos

Por terem pronunciado o seu nome, a septuagenária Cremilde Maria Ramos da Silva Mariano, residente na Rua José Oliveira Raposo em Paço d'Arcos, abriu a porta a dois indivíduos que, depois de a agredirem e anestesiarem, roubaram as jóias cujo esconderijo conheciam.

Foi de dia, cerca das 14 horas. Esperava um jovem electricista para consertar um candeeiro o que a fez esquecer as habituais cautelas, tanto mais que perguntavam pela dona Cremilde.

Franqueada a entrada logo seria agarrada pelo pescoço e lhe aplicavam um anestésico que a deixou sem sentidos. Ao recuperá-los verificou a falta de várias das melhores jóias, algumas bastante antigas, recordações familiares reunidas ao longo dos seus 77 anos de vida.

Para além do cuidado na escollha dos artigos preciosos que se encontravam escondidos atrás de um espelho, onde os assal-

tantes se dirigiram sem qualquer hesitação ou busca preliminar, retiraram de uma pequena bolsa 10 dos 14 contos ali guardados, bem como se desinteressaram por mil e quinhentos escudos que se encontravam à mão.

A vítima, que ficou bastante magoada, nomeadamente os olhos pisados, boca e pescoço com lesões da acção violenta, terá resistido aos assaltantes, a um dos quais terá mordido.

Viúva, vivia sozinha e apenas uma mulher de limpeza a ajudava periodicamente a tratar da casa.

A descrição física de um dos assaltantes, que a vítima pôde fornecer aos investigadores da Judiciária: um jovem alto, de óculos e cabelo ruivo. Com outros elementos recolhidos, bem como o facto de ser evidente o conhecimento dos hábitos e da casa, levam a crer que em breve os autores do assalto estejam a prestar contas à justiça.

“Jogou” mal, foi condenado

Devido a dificuldades económicas, o revendedor de lotaria Adão Moreira Cunha, de 47 anos, residente na Rua da Bainharia, nesta cidade, gastou em proveito próprio o apuro do jogo que lhe fora confiado em Janeiro de 1982, no montante de 97 contos. Por isso, foi agora julgado no 2.º Juízo Criminal do Porto,

tendo sido condenado em um ano de prisão e em três meses de multa à taxa diária de 100 escudos, mais no pagamento de 120 contos, a título de indemnização ao ofendido. Por força da aplicação da lei da amnistia, o cauteloso ficou com a pena de prisão reduzida à metade.

24 horas

Foram salvos

Os 47 ocupantes de um helicóptero britânico que pousou de emergência no mar do Norte foram salvos, anunciou em Londres o ministério da Defesa. O helicóptero «Chinook», da British Airways, transportava trabalhadores de regresso de uma plataforma petrolífera, quando o piloto disse estar em dificuldades e pousou o aparelho no mar, disse um porta-voz do ministério.

Selos

Selos avaliados em 17,5 milhões de pesetas foram roubados da Exposição Universal de Filatelia em Madrid, anunciou a polícia espanhola. Um porta-voz policial confirmou que o furto ocorreu na passada segunda-feira, pouco antes do encerramento das salas de exposição para o almoço. Um porta-voz po-

licial confirmou que o furto ocorreu pouco antes do encerramento das salas de exposição que, em sua opinião, foram «insuficientes», principalmente por estarem expostos selos da série azul das Ilhas Maurícias, dois dos exemplares de maior valor filatélico do mundo.

Acabar com as drogas

O presidente Belisário Betancur jurou ontem acabar com o tráfico de drogas na Colômbia, depois do funeral do ministro da Justiça do Governo de Bogotá, assassinado segunda-feira. Ao funeral do ministro Rodrigo Lara Bonilla assistiram todos os membros do Governo, parlamentares e as mais altas autoridades militares, civis e religiosas. «Juro por Deus» que o Governo cumprirá o seu dever «lutando energeticamente contra as «máfias» do tráfico de estupefacientes e aplicando a lei com todo o rigor» — afirmou o presidente Betancur.

Polisário

A Frente Polisário libertou 10 dos seus prisioneiros marroquinos e entregou-os hoje à Cruz Vermelha Internacional, no Sara Ocidental, anunciou a agência noticiosa argelina APS. Foi a primeira vez, em oito anos de guerra no Sara Ocidental, que as guerrilhas da Polisário, que lutam pela independência do território, libertaram prisioneiros marroquinos. A aps disse que os prisioneiros foram entregues a Carlos Bauverde, delegado da organização internacional da Cruz Vermelha de GNEBRA, em Haouza, a «futura capital» do independente estado Saraui.

«Emergência suspensa no Brasil

O presidente João Baptista Figueiredo, do Brasil assinou um decreto que suspende, a partir das zero horas de hoje, as medidas de emergência impostas em 18 de Abril na área de Brasília com vigência prevista de 60 dias. Essas medidas de excepção davam ao governo o poder de re-

visitar domicílios, censurar a Rádio e a Televisão efectuar detenções sem mandato judicial e suspender os direitos de reunião e manifestação Brasília e dez outros municípios do Estado de Goiás.

SERGEI KOSLOV

A União Soviética protestou contra o tratamento dado pelos Estados Unidos a um matemático soviético, convocou o embaixador Arthur Hartman ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e qualificou o incidente de «grande provocação». Um porta-voz da Embaixada norte-americana em Moscovo confirmou que Hartman foi chamado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde conferenciou com um alto funcionário. O porta-voz recusou-se a revelar o que foi dito ou a discutir o tom geral da reunião. A agência soviética TASS anunciou que Hartman foi informado de que o matemático soviético Sergei Koslov estava nos Estados Unidos ao abrigo de um programa de permuta e que devia já ter regressado ao seu país por razões de saúde.

SAHEL

Os recentes cortes na ajuda ao desenvolvimento, em parte atribuídos aos EUA, provocaram o caos económico e talvez o colapso na região do Sahel afectada pela seca, afirmou hoje a organização de assistência britânica Oxfam. Pelo segundo ano consecutivo não choveu em muitas áreas do Sahel, como de 1967 a 1973, período considerado de desastre e durante o qual morreram milhares de pessoas, informa um relatório da OXFAM.

Guerrilha sudanesa

Os guerrilheiros do sul do Sudão afirmam-se dispostos a receber armas da Líbia se este país as oferecer, disse hoje um dirigente do Movimento de Libertação do Povo Sudanês (MLPS).

pediu armas aos governos da Grã-Bretanha, Suécia, Alemanha Federal e França, mas todos recusaram.

Formado em Julho do ano passado, o MLPS pretende derubar o presidente Gaafar Nimeiri e estabelecer um Sudão socialista unificado.

Nimeiri pretende colocar a população do sul do país, maioritariamente cristã, sob o domínio do norte, de maioria muçulmana, disse o dirigente rebelde.

A oposição no sul do país aumentou quando Nimeiri dividiu a região, onde vive um terço dos sudaneses, em três sub-regiões e especialmente quando impôs a lei islâmica em todo o país.

A delegação, acrescentou,

Após «encontro de trânsito» com Reagan no Alasca

O Papa está na Coreia do Sul

O Papa João Paulo II, iniciando uma viagem de dez dias à Ásia como «apóstolo de paz», chegou hoje a Seul, beijando o solo sul-coreano ao sair do avião.

O jacto «DC-10» da Alitalia transportando o Papa aterrou no aeroporto «Kimpoo» de Seul pouco depois das 6.10 horas de Lisboa, na primeira escala da sua visita à Coreia do Sul, Papua Nova-Guiné, Ilhas Salomão e Tailândia.

A viagem asiática do Papa é a vigésima primeira que efectua ao estrangeiro em cinco anos e meio como líder dos 780 milhões de católicos romanos.

O Papa foi recebido no aeroporto pelo presidente sul-coreano Chun Doo Hwan e pelo cardeal Stephen Kim, arcebispo de Seul e dirigente dos 1,7 milhões de católicos da Coreia do Sul.

A ida para Seul, o avião do Papa seguiu a mesma rota que o jacto comercial das linhas aéreas coreanas abatido no ano passado por caças soviéticos. O Papa, a propósito rezou uma oração pelas 269 pessoas que perderam a vida no incidente ainda hoje por clarificar cabalmente.

«Rezo para que a vossa pátria, tragicamente dividida em duas há mais de uma geração, seja reunificada numa família, não através da confrontação e hostilidade, mas através do diálogo, confiança mútua e amor de irmãos» — afirmou o Papa à sua chegada a Seul.

A reunificação da península da Coreia «dará nova vida ao mundo, cada vez envolvido em desconfiança, ódio e violência das armas» — acrescentou João Paulo II.

João Paulo II elogiou os coreanos como um «povo orgu-

lhoso e resoluto» e disse que era seu desejo visitar a Coreia do Sul desde que foi investido como papa há cinco anos.

Por seu turno, o presidente sul-coreano, Chun Doo Hwan considerou a visita papal «uma ocasião histórica e de alegria» para todo o povo coreano.

Recordou também o incidente registado em 1983 com um avião sul-coreano e um alegado atentado bombista na Birmânia, atribuído por ele à Coreia do Norte, que matou 17 dirigentes sul-coreanos.

«Apesar da gravidade da injustiça, do perigo da violência e do nosso grande sofrimento, procuraremos o diálogo em vez da confrontação, a reconciliação em vez da vingança e o caminho da paz em vez da guerra» — acentuou o ditador sul-coreano.

Dirigindo-se ao Papa, Chun declarou: «Pedimos as vossas orações e coragem para que possamos encontrar-nos com o Norte num espírito de amor e reconciliação e conseguir a reunificação, pôr fim à confrontação e divisão, para que possamos desempenhar o nosso papel em todos os campos.

«Rezai também pelos nossos irmãos no Norte, que, sob o reino do totalitarismo, não têm liberdade de religião e nem sequer podem manifestar a sua fé em privado» — adiantou Chun, o ditador sul-coreano.

O Papa salientou que o bicentenário da Igreja Católica na Coreia lhe deu oportunidade de «proclamar que a fé em Jesus Cristo pode enriquecer verdadeiramente a cultura, a sabedoria e a dignidade do povo coreano».

«Hoje, a Coreia é conhecida e admirada por todos pela sua coragem, a sua indústria e a sua vontade de construir uma nação modelo a partir das cinzas» —

afirmou — «A trágica divisão de um povo em tempos pacíficos imposta do nada, as profundas feridas do conflito coreano e as tragédias dos últimos anos — tudo isto não pode, porém, diminuir ou pôr fim à nossa vontade de superar os obstáculos e reunificarmos-nos numa família feliz». Ao povo da República da Coreia do Norte, como integrando uma nação dilacerada também pela divisão, João Paulo II não fez, em concreto, qualquer referência.

Encontro Reagan-Papa no Alasca

O presidente norte-americano Ronald Reagan, acolheu ontem em Fairbanks, Alasca, o Papa João Paulo II, elogiando a sua «luta pelos Direitos Humanos e pela paz no mundo».

João Paulo II fez escala no Alasca a caminho de Seul, enquanto Reagan, que chegou ontem a Fairbanks, regressava a Washington proveniente da China.

Reagan, que seguiu para o seu país, após um encontro de 20 minutos com o Papa, disse ainda que «pode-se conseguir muito mais com simples orações, do que com todos os chefes de Estado e Exércitos do mundo».

Em resposta, João Paulo II apelou para um diálogo franco e aberto entre os diferentes povos.

«Uma abertura constante» é essencial para solução dos problemas mundiais e para a conquista da «harmonia e concórdia», acentuou.

O Papa apelou para «um coração aberto, uma disposição em aceitar diferenças e para uma capacidade de ouvir os pontos de vista de outrém sem preconceitos».

Interrogam-se defensores dos direitos do homem

Uruguai: o fim do pesadelo?

As Forças Armadas do Uruguai desmantelaram, deliberada e minuciosamente, o sistema democrático do país durante os últimos 16 anos, denunciou um grupo defensor dos direitos do homem nos Estados Unidos.

«Desde a instauração do estado de sítio, em 1968, os governantes, militares acabaram com o sistema democrático, orgulho desse país, com estudada intenção e efeitos precisos», afirma o comité de juristas para os direitos humanos internacionais, com sede em Nova Iorque, num relatório intitulado «Uruguai: o fim do Pesadelo?».

«Os militares, não aceitando mais as limitações democráticas à sua campanha anti-subversiva, encerraram o congresso em 1973», acrescenta o estudo, de 85 páginas.

Em Dezembro de 1983, o comité enviou uma delegação de investigação àquele país sul-americano, chefiada por Patricia Derian, a funcionária de mais alta patente do Departamento de Estado em matéria de Direitos Humanos.

«Outros pilares da Democracia foram sistematicamente destruídos na última década», afirma o comité.

«O avançado sistema judicial uruguayi jaz hoje em ruína, os sindicatos foram ilegalizados, os partidos políticos proibidos, e a imprensa, que dantes era livre, é alvo permanentemente da censura», acrescenta.

Após uma década de ditadura militar, «o Uruguai transformou-se numa terra de prisões». «Cerca de 800 presos políticos vão mirrando nas prisões do país, número este que representa um dos mais elevados índices de prisioneiros, em relação à população», afirma os juristas. Após serem detidas, as pessoas são invariavelmente alvo

de torturas, acrescentam.

«Os detidos são espancados, pendurados pelos joelhos, pulso e tornozelos, são mergulhados em tanques de águas putridas, são forçados a permanecer montados sobre barras de madeira ou de ferro, são alvo de choques eléctricos são frequentemente e por longos períodos submetidos à tortura do sono».

Uma vez transferidos para prisões militares, «a tortura física torna-se menos frequente, mas estimula-se uma permanente agressão contra a personalidade dos detidos, de acordo com uma política de destruição da mesma», assegura o estudo.

«Esta política é levada a cabo mediante o isolamento, humilhação, despersonalização e experiências médicas».

«Utilizam-se drogas para controlar os prisioneiros e para experimentar medicamentos», afirma o comité, citando informações largamente divulgadas, e denunciando «a participação de médicos» na direcção destas actividades.

«Utilizam-se drogas para controlar os prisioneiros e para experimentar medicamentos», afirma o comité, citando informações largamente divulgadas, e denunciando «a participação de médicos» na direcção destas actividades.

De acordo com o comité, também participam médicos nas sessões de tortura.

«Estes doutores efectuem um estudo completo e obtêm um historial médico detalhado sobre quem vai ser torturado, para que os torturadores, possam saber quais são os seus pontos fracos», assinala o relatório.

«Durante a sessão de tortura, os médicos tomam o pulso da vítima a fim de garantir que não morra».

Apesar das precauções, 98

personas morreram desde 1973 durante a sua detenção, acrescenta o comité.

Os juristas também analisam o significado dos planos do Governo uruguayi de efectuar eleições nacionais em Novembro, as primeiras em 13 anos.

«Após o bem sucedido regresso da vizinha Argentina à democracia, as eleições são portadoras de uma promessa de esperança de acabar com o prolongado período de obscurantismo que o Uruguai tem vivido», assinalam.

Os juristas criticam também os Estados Unidos por terem virado as costas aos democratas uruguayios.

«Envolvida com o manto da diplomacia discreta, a Embaixada dos Estados Unidos em Montevideo está «assombrosamente desinformada» sobre as violações dos direitos humanos e isolada dos grupos que velam pela sua observância».

Não há alternativa europeia

— afirma o chanceler Kohl

Uma união de defesa europeia ocidental ressuscitada não poderia constituir uma alternativa à Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) — declarou ontem o chanceler alemão federal Helmut Kohl, de visita a Oxford, Grã-Bretanha.

Referindo-se a uma proposta francesa para a reanimação da União Europeia Ocidental (UEO), grupo de sete nações criado em 1954 para promover a colaboração económica, política e de defesa, Kohl disse que «a

Segunda volta das «eleições»

Escolher d

Napoleon

Os «eleitores» de El Salvador próximo uma escolha entre «promete» encontrar uma solução a uma guerra civil e um homem que a guerrilha.

A segunda volta das eleições apadrinhadas pelos EUA, entre o tão moderado José Napoleón Duarte e o radical Roberto D'Aubuisson, detentor do país como o futuro dos Estados Unidos, segundo agência citadas pela «NP».

Muitos congressistas norte-americanos têm afirmado que se oporão ao envio de fundos para um governo chefiado pelo fascista D'Aubuisson, que tem sido acusado, com provas, de ligações com os «esquadrões da morte».

A maioria dos observadores políticos considera que Duarte deve vencer com facilidade, dado que na primeira volta das «eleições», a 25 de Março, obteve 43,4 por cento dos votos contra 29,7 por cento para D'Aubuisson. O candidato da direita, que ficou em terceiro lugar, Francisco Guerrero, não deu o seu apoio a D'Aubuisson. Por enquanto.

Duarte, de 59 anos, tem dirigido o Partido Democrata-Cristão desde a sua fundação, em 1960. Estava prestes a ganhar as «eleições» presidenciais de 1972, quando o Exército interveio e colocou no poder o seu favorito, o coronel Arturo Amado Molina.

Duarte regressou do exílio da Venezuela para dirigir uma Junta civil-militar entre 1980 e 1982, ano em que foi «eleita» uma Assembleia Constituinte e Álvaro Magaña nomeado presidente provisório.

D'Aubuisson, de 40 anos, ganhou notoriedade quando o seu partido, a «Aliança Republicana» (Arena), venceu as eleições de 1982 para a Assembleia. É um antigo major da «Guarda Nacional» e fundou a Arena em 1981, tendo ganho apoios imediatos entre os oficiais do Exército de direita e os opositores às chamadas «reformas» de Duarte.

Napoleon Duarte espera conseguir, com o apoio de Washington, uma solução negociada para a guerra civil de quase cinco anos contra a guerrilha de esquerda, proposta que D'Aubuisson classifica de «entrega aos comunistas».

D'Aubuisson defende uma vitória militar completa sobre os guerrilheiros, alegando que «não se pode confiar nos comunistas» pelo que não negociará com a guerrilha.

A campanha de Duarte tem tirado partido do receio público face ao alegado envolvimento de D'Aubuisson com

os «resp
assa
1979
bispi
Co
Dua
cert
que
nas
tém

Napc

gad
buis
tarn
D
dize
Est
bor
visi
Uni
a
Wa
mai
C
ram
lare
nón
dor
der
miu
N
ma
nh
gu
bui

a p
Sov
con
mer
M
vers
em
cor
mis
Eur
mai
Na
na
C

eleições" em EL Salvador

do mal o menos: n ou D'Aubuisson?

Salvador enfrentam do-
a entre um homem que
poluição negociada para
m que procura esmagar

eleições presidenciais,
entre o «democrata-cris-
on Duarte e o ultra-di-
n, determinará não só o
das suas relações com
do agências ocidentais

os «esquadrões da morte»,
responsáveis por milhares de
assassinios políticos desde
1979, entre eles o do arce-
bispo Óscar Romero.

Como é óbvio, a vitória de
Duarte parece ser tida como
certa pelos Estados Unidos,
que o apoiaram abertamente
nas «eleições» de 1982 e não
têm feito segredo duma ale-

Nacional (FMLN) e o Con-
gresso norte-americano
tem-se mostrado relutante em
aceder aos pedidos do go-
verno para mais ajuda aos go-
vernantes fascistas.

Seja qual for o vencedor das
eleições de domingo, ele en-
frentará a oposição da guerri-
lha, que considera Duarte um
instrumento de Washington e
prometeu continuar a lutar en-
quanto não tiver uma partici-
pação no governo.

«A única alternativa viável
para conseguir a paz e a de-
mocracia em El Salvador é a
proposta da FMLN de um go-
verno provisório de base
ampla, incluindo dirigentes
guerrilheiros» — afirmava um
comunicado recente da guerri-
lha.

**Nicarágua: CIA
não desistiu**

A Nicarágua afirmou ontem

vítimas ou prejuízos.

**Washington adverte
o Panamá**

A Administração norte-ame-
ricana advertiu veladamente
os militares panamianos para
que respeitem o resultado das
eleições presidenciais de do-
mingo próximo.

Na subcomissão para os
«Assuntos Hemisféricos» da
Câmara dos Representantes,
o secretário adjunto de Estado
Langhorne Motley, disse que
os Estados Unidos ficariam
«muito decepcionados se for
deturpado o «processo demo-
crático» no Panamá.

Citando afirmações de líde-
res militares panamianos de
que «permitir-se-á que o pro-
cesso democrático siga o seu
curso», Motley disse que a
Casa Branca não crê que haja
golpe militar no Panamá, caso
o vencedor das eleições não

Novo governo do Líbano defronta dificuldades

O novo Governo libanês
confrontou-se ontem com uma
grave crise, motivada pela au-
sência na sua sessão plenária de
três ministros e pela captura de
três diplomatas israelitas alega-
damente perpetrada pela Síria.

Os três diplomatas foram cap-
turados em território libanês, o
que coloca o executivo de Bei-
rute em grandes dificuldades.

Em Jerusalém, o Governo is-
raelita indicou que considerava o
Líbano como responsável pela
captura dos seus três diplomatas
e pediu aos norte-americanos e
franceses para ajudarem a
libertá-los.

A França e os Estados Unidos
ainda não reagiram a este pe-
dido.

Entretanto, o comando militar
israelita afirmou que as suas tro-
pas abateram um guerrilheiro e
feriram outro quando tentavam
colocar uma bomba na estrada
costeira que liga à cidade portu-
ária de Tiro.

Testemunhas oculares decla-
raram, ainda, que os soldados
descobriram um depósito de
munições próximo do sul da ci-
dade de Nabatiyeh.

A Rádio Damasco confirmou a
captura dos três diplomatas is-
raelitas e qualificou-os como
«um trio de terroristas que ten-
tava infiltrar-se na área contro-
lada pelas forças sírias no norte
do Líbano».

A Síria ainda não se pronun-
ciou sobre o paradeiro dos três
diplomatas.

Conduzindo uma viatura
norte-americana os três, aparen-
tamente, entraram numa zona
controlada pelos sírios, 64 qui-
lómetros a norte da capital.

Arafat no Cairo

Advertindo que o mundo árabe
está balcanizado em linhas sec-
tárias, Yasser Arafat pediu que o
Egipto seja reintegrado de vez
no seu estatuto original árabe,
anuncia o jornal «Al Ahram» na
sua edição de hoje.

Numa entrevista publicada
pelo jornal, o líder da OLP, afirma
que, numa comunidade sectária
de cantões, «a única entidade
forte é Israel e a capital é Tela-
vive».

Arafat afirma: «A primeira
coisa a fazer é reintegrar o
Egipto no mundo árabe para que
este assuma o seu papel do qual
tem estado ausente, porque o
seu regresso significa o o equilí-
brio da comunidade, que foi per-
turbado».

Também pediu que se ponha
fim à guerra Irão-Iraque, assim
como aos problemas no norte de
África.

Arafat disse que a balcaniza-
ção do mundo árabe era uma
conspiração israelo-norte-
americana que recebeu a apro-
vação «de algumas partes ára-
bes».

O presidente palestino decla-
rou que esta balcanização já lhe
havia sido «transmitida» em
1974 pelo presidente jugoslavo,
Josip Tito, que tivera conversa-
ções com o então secretário
norte-americano de Estado,
F. J. Kissinger.

Este disse-lhe que a admissão
da OLP na cimeira de Rabat
«aborrecera» os EUA.

Pouco depois, começaram os
incidentes no Líbano e, em 1983,
Israel invadia este país.

Comissão multipartidária para unificar a Irlanda

Uma comissão multipartidária
irlandesa propôs a criação de um
novo Estado na ilha que integre o
norte e o sul e acabe com a ac-
tual divisão e o «terrorismo»,
(linguagem de Londres).

A comissão propôs três fórmu-
las para conseguir este objec-
tivo: criar um Estado unitário com
um governo e um parlamento
para toda a ilha, dois estados
federados ou confederados, ou
uma administração conjunta
irlandesa-britânica na Irlanda do
Norte.

A comissão é integrada pelos
três principais partidos da Re-
pública da Irlanda e os Partidos
Social-Democrata e Trabalhista
da Irlanda do Norte, que em con-
junto representam três quartos
da população da ilha.

A opção favorecida é a consti-
tuição de um Estado unitário com
uma lei fundamental que garanta
as liberdades cívicas e religiosas
para todos os cidadãos.

Os protestantes boicotaram a
comissão e os grupos que pre-
endem alcançar aqueles objec-
tivos de forma violenta foram ex-
cluídos.

O «foro para uma nova Irlan-
da» título oficial desta comissão
expõe no relatório hoje divul-
gado, a necessidade de uma
acção urgente para a regulamen-
tação do problema e a resolução
da situação por parte da Grã-
Bretanha que agora tem res-
ponsabilidade directa sobre a Ir-
landa do Norte.

O relatório tenta convencer os
protestantes do norte de que os

seus interesses serão protegi-
dos e que poderão manter a ci-
dadania britânica juntamente
com a irlandesa numa «nova Ir-
landa».

Considera que o conflito da Ir-
landa nasceu da «arbitrária divi-
são do país» em 1920 e da «ne-
gação, aos nacionalistas do
Norte da expressão política da
sua identidade irlandesa e de
uma eficaz participação nas insti-
tuições do governo».

Os nacionalistas do Norte vi-
veram durante cinquenta anos
«sob um sistema de poder e privi-
légio exclusivos dos unionistas
(protestantes) e sofreram uma
discriminação sistemática que
ainda hoje perdura».

O «foro» critica a Grã-
Bretanha pela sua política
«imobilista e de curto alcance
baseada em administrar as si-
tuações de crise mas sem ter em
conta as causas fundamentais
do problema».

«O pensamento britânico
baseia-se no temor de que os
riscos de fazer alguma coisa
sejam maiores do que os de não
fazer nada» — acrescenta o rela-
tório.

Ao analisar os efeitos do «ter-
rorismo», sublinha que este «es-
timula novas medidas de segu-
rança que alienam o sector na-
cionalista da comunidade da Ir-
landa do Norte, obscurece o
problema político e reforça a re-
sistência dos unionistas extre-
mistas ao diálogo e convivência
com os nacionalistas.»

Teste a Margaret Eleições regionais hoje na Grã-Bretanha

Eleitores de várias regiões da
Grã-Bretanha escolhem hoje
novos governos, ao mesmo
tempo que se realizam eleições
parciais para preenchimento de
três vagas no Parlamento.

Será o primeiro grande teste à
popularidade do governo de
Margaret Thatcher, desde as úl-
timas eleições gerais em Junho
de 1983.

É quase certo que o Partido
Conservador da primeira-
ministra vai assegurar a eleição
de dois novos deputados em cir-
culos da Inglaterra tradicional-
mente dominados pelos conser-
vadores.

O Partido Trabalhista, a prin-
cipal força da oposição, deverá
eleger o terceiro deputado no
circulo do País de Gales.

Mas são as eleições locais
que estão a atrair as atenções
dos observadores.

Depois da vitória das eleições
de Junho do ano passado, os
conservadores passaram por di-

ficuldades que parecem ter ul-
trapassado nos últimos meses.

As mais recentes sondagens
de opinião colocam o Partido
Conservador de novo à frente
com uma considerável vantagem
sobre os trabalhistas e com a
Aliança Social-Democrata-Libe-
ral, em terceiro lugar.

Nos últimos anos, as campa-
nhas eleitorais regionais têm
sido feitas com base nos gran-
des temas de actualidade poli-
tica britânica.

Os resultados dão habitual-
mente ideia clara da populari-
dade do governo, mas esta regra
poderá sofrer algumas altera-
ções nas eleições de hoje.

Observadores admitem que
alguns conservadores votarão
contra o governo como forma de
protesto contra os planos gover-
namentais para reorganizar o
Poder Local, extinguindo-se al-
gumas autarquias e diminuindo a
autonomia das restantes.

A corrida armamentista “Crescente inquietação” de cientistas dos EUA

Os membros da Academia
norte-americana de Ciências
tem vindo a revelar uma «cres-
cente inquietação» relativa-
mente à corrida armamentista e
pretendem reatar os contactos
com os seus colegas soviéticos
para discutir o assunto — foi
ontem revelado.

A revelação foi feita em Was-
hington pelo presidente da Aca-
demia, Frank Press, que enca-
beça uma delegação de cientis-
tas dos Estados Unidos que se
deslocam dentro de um mês à
capital soviética para estudar a
possibilidade do reatamento dos
contactos congelados há quatro
anos.

Frank Press afirmou que reu-
niões a diferentes níveis dos
1400 membros da organização
revelaram «uma contínua e cres-
cente inquietação» sobre as
questões do controlo armamen-

tista e da guerra nuclear».

O cientista norte-americano
considerou que «chegou a hora
de o presidente Reagan fazer
pressões com vista a conseguir
fortes reduções nas armas nu-
cleares com o fim de diminuir o
perigo da guerra atómica».

«Na nossa qualidade de cien-
tistas com conhecimento espe-
cial da natureza e efeitos das
armas nucleares, inquieta-nos o
estado actual das questões
mundiais com as suas terríveis
implicações», acrescentou num
discurso pronunciado na reunião
anual da Academia.

As negociações sobre redu-
ção de armas nucleares — euro-
mísseis e armas estratégicas —
entre os Estados Unidos e a
URSS, foram suspensas por
Moscou em finais do ano pas-
sado, como protesto pela insta-
lação dos primeiros mísseis
atómicos norte-americanos

Europeia à NATO

a proposta da NATO à União
Soviética para a retomada as
conversações sobre desarma-
mento e controlo do armamento.

Moscou abandonou as con-
versações sobre desarmamento
em Novembro, quando a NATO
começou a estacionar novos
mísseis norte-americanos na
Europa Ocidental, nomeada-
mente na Grã-Bretanha, na Ale-
manha Federal e na Itália.

**Não aos mísseis
na Holanda**

O ministro holandês dos Ne-

gócios Estrangeiros, Hans Den
Broek, reafirmou ontem que o
seu país esperará até Junho
para tomar uma decisão sobre a
instalação de 48 mísseis de
«Cruzreiro» da NATO.

O ministro exprimiu esta posi-
ção durante uma reunião com o
seu homólogo italiano, Giulio
Andreotti, na cidade italiana de
Tarquinia.

O plano da NATO prevê a in-
stalação dos 48 engenhos de
médio alcance na Holanda como
parte de um programa de esta-

cionamento de 572 mísseis de
«Cruzreiro» e «Pershing-2» em
cinco países da Europa Ociden-
tal.

A Itália já instalou os primeiros
dos 112 mísseis previstos para
Comiso, na Sicília.

Durante a sua reunião de on-
tem, os dois ministros analisa-
ram igualmente as relações
Leste-Oeste em geral, bem
como problemas relacionados
com a Comunidade Económica
Europeia.



Napoleon

D'Aubuisson

NOTARIADO PORTUGUÊS

1.º Cartório Notarial de Lisboa
A cargo da Notária Zulmira da Natividade Martins Neto Lino da Silva

É fotocópia parcial, que vai em conformidade com a parte reproduzida, extraída para efeitos de publicação da escritura de dezasseis de corrente mês, exarada desde folhas oitenta e nove, verso, a folhas noventa e duas, do livro número sete-II, de escrituras diversas deste Cartório, na qual João de Matos, Álvaro de Matos Magalhães e Carlos Augusto Heleno Duarte como únicos sócios que ficaram sendo da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, denominada «Metalúrgica de Carriche, Lda.», com sede em Olival de Basto, concelho de Loures, alteraram parcialmente o pacto social da aludida sociedade quanto ao artigo sétimo, que passou a ter a seguinte redacção:

Lisboa, vinte e três de Dezembro de mil novecentos e oitenta e três.

O Ajudante
Maria Fernanda Igreja Simões

«SÉTIMO — A administração da sociedade incumbe a todos os sócios, que ficam nomeados gerentes, dispensados da caução, e remunerados ou não, conforme for deliberado.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Os sócios-gerentes podem delegar os seus poderes e a sociedade poderá, também, constituir mandatários, nomeadamente nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A sociedade considera-se representada e obrigada, em todos os seus actos, contratos e documentos, com a intervenção conjunta de dois gerentes.

PARÁGRAFO TERCEIRO — É vedado aos gerentes, delegados e mandatários obrigar a sociedade em actos e documentos estranhos ao seu objecto, designadamente avales, fianças, abonações, letras de favor e responsabilidades semelhantes.»

Caminhos de Ferro Portugueses - E. P.

AVISO AO PÚBLICO CONCURSO

Até às 17 horas do dia 14 de Maio de 1984, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração de uma dependência na estação de Beja.

A anuidade mínima a oferecer é de 24 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 4000\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Beja
- Serviço Comercial da Região Sul Barreiro
- Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar Lisboa

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P. Apartado n.º 2733 LISBOA CODEX, acrescentando-se aquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«PROPOSTA PARA A EXPLORAÇÃO DE UMA DEPENDÊNCIA NA ESTAÇÃO DE BEJA»

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccões

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro) - R. Infância 16, 55-C - 1300 LISBOA

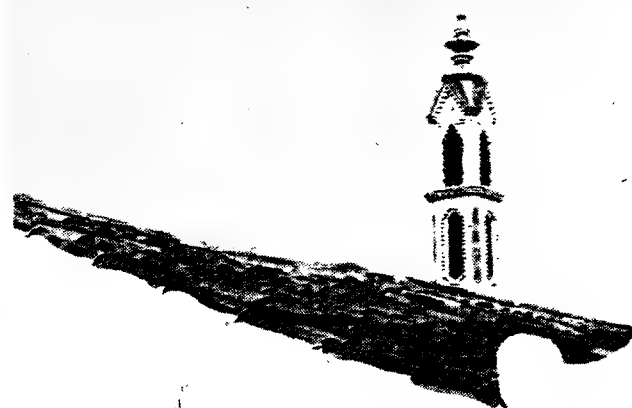
A PRIMAVERA NO ALGARVE

de 15 de Março a 15 de Maio

BILHETE DE IDA E VOLTA
REDUÇÃO DE 50%

Informe-se na Estação mais próxima
ou nas Agências de Viagens

Ações Comerciais de Promoção 84



Colóquio sobre a Literatura da Guerra Colonial

Promovido pela Associação dos Deficientes das Forças Armadas teve ontem à noite lugar em Lisboa um colóquio sobre a literatura da guerra colonial, no qual foi conferente o escritor João de Melo.

Associando a literatura da guerra colonial, de que um dos percursores terá sido Álvaro Guerra com a publicação de romances, contos e poemas, à luta de libertação dos povos das antigas colónias portuguesas, João de Melo questionou a assistência sobre se a guerra colonial teria começado em 1961 ou logo a seguir aos descobrimentos. Para o antigo militar que fez a

guerra em Angola, «os descobrimentos foram a última grande glória portuguesa», manchados pela colonização com todas as suas consequências negativas, em nome «da dilatação da fé de Deus».

Terá sido nesta altura, há portanto 500 anos, que terá começado, segundo o escritor, a guerra colonial. «Há assim dois conceitos de guerra colonial — um aponta para o começo em 1961 quando os primeiros guerrilheiros do MPLA atacaram duas prisões para libertarem camaradas presos e outro que se inclina para a época a seguir im-

ediatamente aos descobrimentos».

Pelos dramas que envolveram as partidas e chegadas de um povo, o escritor considera obrigatório que a literatura se debruce sobre esses 13 anos. Entre os que antes do 25 de Abril escreveram sobre os horrores da guerra colonial, João de Melo apontou Mesquita Brehm, cuja publicação foi imediatamente apreendida em Luanda e o seu autor detido. Fernando Assis Pacheco, que utilizou o estratagem de contar a partida de soldados norte-americanos para o Vietname — mas as despedidas

no cais, as «tascas» junto ao porto, eram referências a Portugal —, Almeida Faria e José Manuel Mendes.

A intervenção do autor de «A Memória de Ver Mourer e Matar» e de «Histórias da Resistência» foi intercalada pela leitura de poemas por José Correia Tavares, autor de «Três Natais», a primeira prosa editada em Portugal antes da revolução de Abril sobre a guerra em África e nove livros de poemas, todos eles reflectindo sobre o mesmo problema: 13 anos de guerra, depois de cinco séculos de colonização.

Universidade Livre comemora sétimo aniversário

A Universidade Livre comemorou ontem à noite o seu sétimo aniversário com um espectáculo no Teatro Municipal de São Luís dedicado a Amélia Rey Colaço e Mariana Rey Monteiro.

A banda da PSP, Suzy Paula, os bailarinos Cristina Maciel e Guilherme Dias da Companhia Nacional de Bailado, o Grupo Boomerang, o Coro de Santo Amaro de Oeiras, Segundo Ga-

larza, Nicolau Breyner e o Duo Cocktail foram os artistas e grupos que participaram nesta festa, que foi apresentada por Teresa Cruz e Artur Agostinho e cuja receita reverteu integralmente a favor da Liga Portuguesa contra o Cancro.

A Universidade Livre foi formada em 28 de Abril de 1977 e oferece actualmente seis cursos aos cerca de quatro mil alunos

repartidos pelas instalações de Lisboa (cerca de 2.200) e Porto (cerca de 1.800).

Com sede na Rua Vitor Cordeiro, em Lisboa, a Universidade Livre lecciona actualmente os cursos de direito, ciências históricas, estudos portugueses, economia, gestão e estatística, informática e investigação operacional.

Amélia Rey Colaço, uma das homenageadas com esta festa,

estudou-se em 1977 como actriz, aos 19 anos, no Teatro da República (precisamente o actual São Luís) com a peça Mariana.

Ou seja, decorridos assim quase 67 anos sobre essa noite memorável que seria a primeira de uma longa carreira, Amélia Rey Colaço voltou agora à mesma sala de espectáculos para ser homenageada pelos estudantes da Universidade Livre.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

9.º JUÍZO 2.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados a executar a execução dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de vinte dias, depois de decorrida a dilação de 20 dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio de execução.

Execução Sumária: — número 43/83 Executado: — Fernando José Martins Executada: — D.M.C. — Projectistas e Construtores de Máquinas, Lda. com sede na Rua Francisco Franco n.º 28 a 34 em Queluz.

Lisboa, 13 de Abril de 1984
O Juiz de Direito,
(António Luís Soares de Andrade)

O Escrivão de Direito,
(António Poças da Cruz)

«D.L.» — 3/5/84 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE COMARCA DO BARREIRO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados a executar a execução dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de vinte dias, depois de decorrida a dilação de 20 dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 36/83 1.ª Secção — 2.º Juízo.
Exequentes — MÁRIO VALADAS FRAGOSO, de Vendas Novas.
Executado — TEJOBRAS — Cooperativa Operária de Produção de Construção Civil, SARL com sede na Rua Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 183 5.º — Barreiro.

Barreiro, 9 de Abril de 1984.

O JUIZ DE DIREITO

João Manuel da Cruz

O ESCRIVÃO DE DIREITO

Joaquim Massos de Campos

D.L. — 3/5/84 — 2.ª PUB

TRIBUNAL DO TRABALHO DO BARREIRO

ANÚNCIO

O doutor FERNANDO DA CONCEIÇÃO BENTO, Maritímico Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho do Barreiro:

Faz saber que pela 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho do Barreiro, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho com processo sumário, registados sob o n.º 75/83 em que é autor AMÉLIA DA CUNHA TAVARES, residente na Rua Dr. Egas Moniz, n.º 45 r/c Dt.º, no Lavradio — Barreiro, e Ré EL COOPERATIVA COOPERATIVA DE CONSTRUÇÕES ELÉCTRICAS, SCARL, com sede em parte incerta, com última sede conhecida na Rua Miguel Bombarda, n.º 313 no Barreiro, e neles correm editos de trinta dias CITANDO a Ré acausa identificada para, no prazo de OITO DIAS, findo o dos editos, comparecer ao autos a partir da 2.ª e última publicação deste anúncio, contestar a referida acção, sob pena de, não o fazendo, poder ser condenada no pedido.

O pedido da Autora é no montante de 355 048\$00 e refere-se a retribuições vencidas e vincendas, subsídio de natal e indemnização por antiguidade.

O duplicado da petição encontra-se à disposição da citanda na secção acima indicada.

Barreiro, 10 de Abril de 1984
O Juiz de Direito,
as) Fernando da Conceição Bento

O Escrivão Adjunto,
as) Luís Manuel R. L. Matias
«D.L.» — 3/5/84 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 2.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados a executar a execução dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de vinte dias, depois de decorrida a dilação de 20 dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do presente anúncio.

Execução Ordinária n.º 7216, 3.ª Secção.

Exequentes — Banco Pinto e Sotto Mayor, EP.
Executado — Manuel Vieira Nogueira, residente na Praceta Luís Reis Santos, n.º 6, em Odiveiras.

Lisboa, 24 de Abril de 1984.

O JUIZ DE DIREITO

Lino Augusto Pinto

O ESCRIVÃO ADJUNTO

J. Marques de Matos

D.L. — 3/5/84 — 2.ª PUB.

POUPE ELECTRICIDADE



RTP
concurso



Nome _____ Idade _____ Tel: _____
Morada _____ Profissão _____
Tem Televisor? _____ N.º Licença _____
Acompanhante _____ Idade _____
Profissão _____

Cupão a enviar colado em bilhete-postal para Concurso «1-2-3», Apartado 4315 — Lisboa Codex



NÃO FAÇA LUME

PROTEJA AS FLORESTAS

As florestas são uma riqueza nacional.

Colebre com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

Com destino

à Europa

Camarão de Moçambique vai passar por Lisboa

Moçambique faz-se representar este mês com missões comerciais em duas feiras internacionais, a de Bulawo, Zimbábue, e a de Lisboa, confirmando uma forte ligação à Câmara Moçambicana do Comércio.

Em ambas as feiras, Moçambique exporá os seus diversos produtos de exportação e tentará encetar uma maior troca comercial com os diversos parceiros, disse a mesma fonte.

A missão comercial para a Feira de Lisboa, a realizar de 9 a 13 e onde Moçambique participe este ano, pela quarta vez consecutiva, é liderada pelo secretário-geral da Câmara do Comércio, João Albasini.

De acordo com João Albasini, em declarações prestadas no Maputo a missão comercial moçambicana entre os vários artigos a expor conta com camarão e mobiliário de madeira, mercadorias com saída nos mercados portugueses e europeus.

Entre os assuntos que a missão moçambicana traz a Portugal está a proposta já discutida entre as duas partes de criação de um entreposto frigorífico de camarão de Moçambique para os mercados da Europa Ocidental.

A ementa francesa para o regresso dos emigrantes

Dez anos depois de ter fechado as suas fronteiras a novos imigrantes, a França, comprometida numa vasta reestruturação industrial, iniciou uma nova fase da sua política de imigração: uma ajuda financeira para os trabalhadores estrangeiros que desejem regressar aos seus países de origem.

Por força da crise económica, o Governo de Crise de Esquerda conta com esta solução para atenuar uma parte dos excedentes de mão-de-obra nos sectores mais atingidos (automóvel, siderurgia, construção civil, esteleiros navais...), na maior parte dos quais os imigrantes são os menos qualificados.

Mas o governo está a avançar com prudência num terreno onde os socialistas, comunistas e Sindicatos próximos da esquerda foram sempre particularmente virulentos quando se tratou de criticar a política conduzida pelos governos precedentes, nomeadamente «o milhão» (10 000 francos franceses) concedido a quem quisesse regressar voluntariamente ao seu país, quando era presidente da República, Valéry Giscard d'Estaing.

O dispositivo decidido esta semana pelo governo prevê uma ajuda tipo «ementa» em três modalidades: um subsídio do governo de cerca de 30 000 francos, uma ajuda da empresa e uma ajuda da Caixa de Seguro de Desemprego.

O auxílio do Estado pode variar

consoante a situação familiar do interessado, consoante o seu país de origem ou o número de anos passados em França.

Esta fórmula será subordinada a uma convenção entre o Estado e a empresa do trabalhador interessado e o subsídio apenas será pago em caso de despedimento por causas económicas.

Os três subsídios acumulados — Estado, empresa e sistema social — poderia atingir uma soma global entre 70 000 e 100 000 francos, segundo o ministro dos Assuntos Sociais, Pierre Bergey.

Esta ajuda para o regresso marca uma viragem na política da esquerda relativamente ao fenómeno da imigração, mas o governo argumenta que deseja desembaraçar-se a qualquer preço de uma mão-de-obra excedentária.

As autoridades insistem, nomeadamente, no carácter estritamente voluntário do regresso, nas somas oferecidas e sobretudo nos acordos em fase de negociação com os países de origem para uma reinserção profissional correcta dos interessados. Estão a decorrer nomeadamente conversações neste sentido com a Argélia, o Mali, Marrocos, a Tunísia e o Senegal.

Parece, de resto, que os países de emigração, reticentes, a priori, acerca do ingresso dos seus cidadãos, estão agora mais abertos, na medida em que os trabalhadores beneficiariam de

uma acção de formação profissional financiada pelo governo francês, como foi o caso do Senegal, para os trabalhadores despedidos das fábricas de automóveis Talbot.

Pela mesma razão, os Sindicatos CGT (inspiração comunista) e CFDT (socialista), à partida reticentes acerca do projecto de ajuda para o regresso, reviram as suas posições mediante a pressão, nomeadamente, de certos imigrantes, favoráveis a esta fórmula.

Todavia, o governo não tem ilusões acerca do alcance real destas medidas que vão interessar apenas uma pequena parte dos 4,5 milhões de imigrantes que trabalham em França.

Uma sondagem feita esta semana na fábrica Citroën, onde a administração anunciou 3000 despedimentos, mostra que os candidatos ao regresso são por enquanto pouco numerosos: um pouco mais de 5 por cento dos cerca de 10 000 trabalhadores estrangeiros assalariados pelo construtor privado de automóveis.

Uma tentativa feita em 1977, sob o governo precedente, não fora conclusiva. Quatro anos mais tarde, 90 000 pessoas somente tinham aceite o tal «milhão» para deixar o país, entre as quais 40 por cento de espanhóis, 26 por cento de portugueses e menos de 4 por cento de argelinos.

Patrice Collen, da AFP

Por exigência da Comunidade

Portugal tem de reduzir a produção vinícola

A Comissão Europeia aprovou ontem um documento em que se propõe a redução da produção de todos os vinhos portugueses e espanhóis à excepção do Porto, Sherry e licorosos — anunciaram fontes comunitárias de Bruxelas.

O documento a ser submetido ao Conselho Europeu prevê uma limitação progressiva da produção vitivinícola em Portugal e Espanha através da atribuição de contrapartidas financeiras e prémios modulados aos viticultores mediante planos de ajuda nacional entre os governos respectivos e a CEE — acrescentaram as mesmas fontes.

Trata-se do primeiro documento da Comissão sobre a questão e tem por objectivo tentar reduzir a cultura da vinha e a produção vinícola de modo a que, após o período de transição, que poderá ser de dez anos a contar da data efectiva da adesão, Portugal e a Espanha produzam os limites mínimos para não provocar excedentes na Comunidade.

“Não é uma boa ideia”

Israel é contra a adesão dos países ibéricos à CEE

O primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir, declarou ao ministro francês dos Assuntos Europeus que a integração de Portugal e da Espanha na CEE em 1986, «não é uma boa ideia».

Fontes oficiais, em Paris indicam que a declaração, feita em Jerusalém ao ministro Roland Dumas, que efectua uma visita a Israel, resume em substância a posição israelita sobre a questão da adesão portuguesa e espanhola ao Mercado Comum.

A dupla adesão ibérica, segundo o Primeiro-ministro Shamir, comportaria para Israel «graves perigos económicos».

Israel e os países do Maghreb (Marrocos, Argélia e Tunísia) e ainda o Egipto, a Síria, o Líbano e a Jordânia representam para a CEE 7 por cento das suas exportações globais.

Contudo como a balança comercial é nitidamente favorável à CEE um estudo recente do Parlamento Europeu indicava que qualquer nova agravação do desequilíbrio poderia limitar as possibilidades das exportações comunitárias para aquelas regiões.

As exportações de produtos agrícolas para a Comunidade Europeia são constituídas em 63 a 70 por cento pelas exportações de Marrocos, da Tunísia e de Israel.

em duas palavras

A QUOTA PORTUGUESA NO FMI passa de 310 milhões de dólares (equivalentes a 258 milhões de direitos de saque especiais) para 450 milhões, segundo foi ontem publicado no «Diário da República».

A autorização para o aumento da participação portuguesa no capital social do Fundo fora objecto de autorização recente do Governo ao Ministério das Finanças.

A 25.ª EDIÇÃO DA FIL vai ser amanhã apresentada em conferência de Imprensa sabendo-se já que participam representações industriais de 20 países.

O mais importante certame anual de negócios no nosso país será este ano acompanhado da realização dos salões Brinca (brinquedos e veículos de duas rodas) e Lubrapex (filatelia).

TURISMO E TRANSPORTES têm a partir desta manhã o seu Encontro Nacional reunindo centenas de técnicos do sector.

A reunião iniciou-se às 9.30 de hoje, no Auditório 1 da Feira Internacional de Lisboa e prolonga-se por todo o dia de amanhã.

A ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE comemora, hoje, o seu 135.º aniversário. Trata-se da instituição pioneira do associativismo industrial, do ensino técnico (fundou em 1882 a primeira escola técnica portuguesa) e das exposições industriais (a primeira efectuou-se em 1857).

A AIP é a mais antiga associação industrial do País e desde o ano passado é considerada pessoa colectiva de utilidade pública em reconhecimento do seu empenho, já secular, na prossecução de objectivos coincidentes com os interesses do desenvolvimento comunitário.

A FATACIL/84, Feira de Artesanato, Turismo, Agricultura, Comércio e Indústria de Lagoa vai decorrer de 28 de Julho a 5 de Agosto.

Embora de realização recente, esta feira começa a ganhar importância e este ano pretende trazer à luz o artesanato típico algarvio e conhecer, por amostragem, os meandros base da sua economia. Lagoa situa-se no coração do Algarve, no triângulo turístico Albufeira/Portimão/Silves.

GESTÃO FINANCEIRA para não financeiros é o tema dos seminários que a Dun & Bradstreet Lusitana organiza em Lisboa (22 de Maio) e Porto (9 de Maio), orientados pelo dr. Carlos Vasconcelos Cruz, professor da Escola Superior de Organização Científica do Trabalho.

Os seminários visam fornecer elementos de decisão financeira a profissionais não especializados nestas questões, nomeadamente responsáveis por análises de balanços, concessão de crédito, aprovisionamento e escolha de fornecedores e gestão global de pequenas e médias empresas.

OS DELEGADOS DA TAP/Air Portugal iniciaram hoje um encontro para debater a estratégia comercial da empresa numa perspectiva de futuro.

Segundo um informador da companhia, participam no Encontro que se realiza num hotel do Estoril, 25 delegados da TAP da Europa, África e América do Sul e do Norte.

O Encontro que termina amanhã, é dirigido pelo comandante Gomes Mota, presidente da TAP/Air Portugal.

QUATRO EMPRESAS PORTUGUESAS participam na Feira Internacional Profissional para Lavores Femininos e Artesanato Têxtil «Handarbeit/84» que se iniciou quinta-feira em Colónia, Alemanha Federal.

Director mais bem pago dos EUA ganhou 140 mil contos mensais

Mais de um milhão e 800 mil contos ganhou só num ano (o que equivale a uns 140 mil contos mensais...) o director de empresas mais bem pago nos Estados Unidos. Trata-se de William Anderson, director da sociedade de informática e de material de escritório «NCR» e segundo a «Business Week» ele ganhou aquela montanha de dinheiro em vencimentos, gratificações e opções de compra de acções durante o ano de 1983.

A NCR é a 101.ª sociedade

Industrial dos Estados Unidos com um volume de negócios em 1983 de 3,7 mil milhões de dólares e um lucro líquido de 287,6 milhões de dólares.

Segundo a «Business Week» os ganhos dos directores de sociedades nos Estados Unidos, têm, paralelamente ao recrudescimento económico, aumentado, em média, de 13,1 por cento em valor nominal contra 5,5 por cento em relação ao ano precedente.

Os nove dirigentes mais bem pagos, no ano anterior, a seguir a Anderson, são os seguintes, segundo a revista.

Philip Caldwell, director da Ford Motor (7,29 milhões de dólares); David Tandler, director da Philbro-Salomon (6,92 milhões); Thomas Murphy, director da Capital Cities (4,34 milhões); Daniel Burke, presidente do Conselho de Administração da Capital Cities, (4,34 milhões); William Cook, presidente do

Conselho de Administração da Union Pacific (4,30 milhões); Edward Telling, director da Sears Roebuck; Gerard Fulham, director de Pneumo Administração da Ford Motor (3,78 milhões) e George Weissman, director da Philip Morris (3,71 milhões).

O director do número um mundial da informática «IBM» John Open, apenas ganhou 2,38 milhões de dólares. Ficou classificado em 24.º lugar, na lista dos dirigentes de empresa.



O acto de assinatura dos contratos da representação da Soporcel em vários mercados europeus

Soporcel vai iniciar a laboração

Está prestes a iniciar-se a laboração na maior fábrica portuguesa de celulose, a Soporcel, de Leirosa, Figueira da Foz, que conta produzir em breve pastas branqueadas para papel na ordem das 300 mil toneladas quando laborar em ritmo normal o que deverá acontecer durante o ano de 1986.

Cerca de 80% da sua produção será exportada com significativa incidência para os mercados da CEE, dada a sua proximidade geográfica e ainda por serem estes os mercados com manifestes ca-

rências deste tipo de produto. Por isso mesmo foi completado o projecto comercial que implicou a assinatura de contratos com os diferentes agentes de vendas nos principais mercados importadores tendo sido nomeados: a UNIFIBRA, para a França, Itália e Suíça; a CENTRAL NATIONAL DA HOLANDA, para a Holanda e Bélgica; a CENTRAL NATIONAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, para os Estados Unidos da América, México, Canadá e Austrália; a CELL, para a Alemanha; a PRICE & PIERCE, para o Reino Unido e Eire; o EKMAN GROUP, para a Austrália.

Barragens estão a 70 por cento

A energia armazenada nas barragens totalizava 1.633,3 milhões de KWH na semana que terminou a 22 de Abril o que equivale a 70 por cento do total do sistema hidráulico nacional e a mais 327 milhões de KWH do que em semana idêntica do ano anterior.

A situação energética, não sendo assim óptima, reflecte de qualquer modo um quadro muito mais favorável do que o do ano passado devido, sobretudo, às razoáveis quantidades de precipitação pluviométrica durante o inverno permitindo baixar os ritmos de produção das centrais térmicas e consequentemente os consumos de combustíveis importados.

As barragens com melhores reservas hidráulicas são as do Cabril (91 por cento da capacidade), Paradelá (87), Salamonde (88), Póvoa (86), Castelo de Bode (83), e Vilar-Tabaço (82). A Aguiar tinha na semana em referência apenas 62 por cento da sua capacidade de armazenagem de água.

DESPORTO

Consternação em todo país

Situação de Joaquim Agostinho: gravíssima apesar de estacionária

Com uma pulsação entre 50 a 60 e uma tensão arterial de 10-5 (valores que poderiam ser normais noutras circunstâncias) o estado de Joaquim Agostinho continuava ao fim desta manhã apesar de anunciado ontem à tarde como «clínicamente morto» a ser considerado estacionário.

As hipóteses de recuperação do indito ciclista são no entanto, como declarou já o prof. Lobo Antunes, praticamente nulas.

Inclusivamente ao ser-lhe perguntado se era de admitir um volte-face na evolução do estado de Agostinho, o médico que o operou disse categoricamente que não.

Referiu Lobo Antunes, a propósito deste caso que está a apaixonar vivamente a opinião pública, que «este drama deve aproveitar-se como exemplo aos dirigentes deste país, para que procedam à distribuição dos serviços médicos necessários pelas várias zonas do País, como fez já notar pessoalmente ao secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha.

Angústia em Brejenjas

A angústia domina hoje todos os habitantes de Brejenjas de Santa Cruz, terra natal de Joaquim Agostinho, perante a gravidade do estado do seu «menino de ouro».

A população de Brejenjas praticamente tudo deixou, nada fazendo, além de procurar saber constantemente, através de todos os meios ao seu alcance, da situação clínica do conterrâneo, amigo e figura máxima de uma pequena localidade que o ciclista tornou conhecida. Brejenjas é de resto o espelho do que se passa em toda a região de Torres Vedras e na generalidade por todo o País.

A opinião do médico de Faro

A demora dos meios aéreos seria semelhante ao tempo que levou a ambulância que transportou Joaquim Agostinho de Faro para Lisboa — disse o médico do Hospital de Faro que assistiu o ciclista do Sporting.

Siragusa Leal sublinhou que «um doente não chega mais cedo a um centro hospitalar de Lisboa pelo facto de ser evacuado por via aérea».

«A situação clínica de Joaquim Agostinho não constituía na altura uma emergência neurológica, embora o doente necessitasse de apoio neurocirúrgico e de ser evacuado para Lisboa» — referiu o clínico.

Siragusa Leal sublinhou que, à sua saída do Hospital Distrital de Faro, Agostinho mantinha o mesmo estado que à entrada, «sem alterações dos parâmetros vitais».

O médico acentuou que o ciclista deu entrada no hospital às 13.25 horas de segunda-feira, quando a queda que sofreu ocorrera cerca das 11.00 horas.

«Apesar da necessidade de uma intervenção neurocirúrgica, esta não poderia ser feita em Faro, por não existirem aqui meios para tal», disse Siragusa Leal.

O caso abordado na AR

O estado de Joaquim Agostinho provocou ontem intervenções de deputados das várias bancadas do Parlamento que elogiaram a figura daquele ciclista e lamentaram o acidente que sofreu.

Vários dos deputados falaram da «morte de Joaquim Agostinho», em termos tais que o presidente da Assembleia, Tito de Morais, lhes chamou a atenção para o facto de o ciclista, naquele momento, ainda estava vivo.

Estas intervenções registaram-se ao fim da tarde já depois de ter sido divulgada, pela rádio, a notícia de que Agostinho tinha recebido a extrema-unção.

Entretanto, no início da sessão, o deputado José Vitorino (PSD) apresentou um requerimento ao Governo para obter esclarecimentos acerca do processo de evacuação de Agostinho para Lisboa.

José Vitorino recordou que Agostinho só foi operado várias



Ana Maria ontem no Hospital: a imagem da angústia

horas depois do acidente, e perguntou por que razão não foi transportado de Quarteira (onde se registou o acidente) a Lisboa, por via aérea.

Citando opiniões médicas, o deputado do PSD recordou que

num caso destes o sinistrado deve ser operado o mais rapidamente possível após o acidente.

Vitorino perguntou, ainda, se se confirma que em todo o sul do País não há equipamento de radiografia para detectar toda a ex-

tensão da lesão e para realizar a necessária intervenção cirúrgica.

Vitorino pediu, ainda, um rigoroso inquérito «com vista a eliminar qualquer suspeita de negligência».

1.º Grande Prémio de Ciclismo da Região de Turismo de Setúbal

Numa organização da Região de Turismo de Setúbal-Costa Azul e a colaboração da Associação de Ciclismo do Sul, inicia-se amanhã o 1.º Grande Prémio de Ciclismo da Região de Turismo de Setúbal.

O prólogo terá lugar em Almada, a partir das 10 horas, com um percurso de 4,5 km (partida e chegada na Avenida Afonso Henriques e passagens pela

Praça 25 de Abril e Praça da Renovação).

A primeira etapa, a correr no mesmo dia, tem 129 km, no percurso Almada-Seixal, com partida às 15 horas.

Sábado disputam-se duas etapas: a primeira entre Tróia e Sines, com partida às 9 horas; a segunda inicia-se às 17 horas, tem 74 km e corre-se entre Santiago do Cacém e Grândola.

Domingo, último dia deste 1.º

Grande Prémio da Região de Turismo de Setúbal, comporta também duas etapas (a quarta e a quinta da prova), sendo a primeira um contra-relógio de 35 km entre Torrão e Alcácer do Sal (partida às 8.30) e a segunda (etapa final do Grande Prémio) tem 152 km e corre-se entre Alcácer do Sal e Setúbal estando a partida prevista para as 14.30.

A organização estipulou os seguintes prémios para os primeiros dez ciclistas da classificação geral: para os três primeiros, taça e 30 mil, 20 mil e 15 mil escudos respectivamente; do 4.º ao 10.º, 8 mil, 6 mil, 5 mil, 4 mil, 3 mil, 2 mil e mil escudos.

O portador da camisola amarela terá direito a mil escudos por etapa, enquanto os vencedores de etapas ganharão 4 mil escudos (três a mil para os 4 lugares seguintes).

Haverá ainda uma classificação por pontos e o Prémio da Montanha. Para as equipas até ao 8.º lugar, a organização anuncia a atribuição de oito taças.

Marco Chagas é chefe-de-fila

Sporting na volta à Colômbia

Partiu já para a Colômbia a equipa de ciclismo do Sporting onde, como estava programado, participará na Volta à este país da América Latina, que decorrerá entre 7 e 20 do corrente mês.

Joaquim Agostinho, que obviamente seria o chefe de fila, foi substituído pelo seu companheiro Marco Chagas, enquanto a equipa seguiu reforçada pelo francês Thevenard, a mais recente aquisição dos «leões» e que ontem mesmo chegou a Lisboa com outros dois compatriotas igualmente destinados ao clube de Alvalade: Charreard e Dithuib.

Compõem a comitiva do Sporting os seguintes elementos: corredores, Marco Chagas, Manuel Zeferino, José Xavier, Eduardo Correia, Benedito Ferreira e



A equipa de ciclismo do Sporting que participa na Volta à Colômbia

Thevenard; dirigente Fiel Fari-

nha, técnico Manuel Graça, mecânico Francisco Araújo e massagista Francisco Silva.

PROGRAME AS SUAS FÉRIAS NA:

REGIÃO DE TURISMO DE SETÚBAL

INFORMAÇÕES: Rua do Corpo Santo, Telef. 24284-29507 Apartado n.º 73, 2901, Setúbal Codex

COSTA AZUL

DESPORTO

Aberdeen
campeão
da Escócia

O Aberdeen sagrou-se campeão da Escócia em futebol, ao derrotar o Hearts por 1-0 e deixando o Celtic a seis pontos na classificação da divisão de honra.

O lateral McKimmie foi o autor do gol vitorioso, o primeiro que marcou pelo Aberdeen e que deu à equipa o segundo campeonato em seis épocas.

O Aberdeen tem agora 54 pontos em 32 jogos, mais seis que o Celtic, que efectuou 34 jogos e a quem faltam por isso só dois.

O campeão Dundee United encontra-se a 10 pontos, depois de empatar (2-2) no campo do Rangers. Tem também quatro partidas por jogar.

Miller, o melhor do ano

O capitão do Aberdeen, Willie Miller, foi designado futebolista do ano na Escócia pela imprensa desportiva.

Miller, internacional escocês, recolheu 60 dos 63 votos dos jornalistas.

Europeu de esperanças

Inglaterra e Espanha qualificaram-se para a final do campeonato da Europa de esperanças em futebol, deixando pelo caminho Itália e Jugoslávia, respectivamente.

Em Florença, os italianos bateram a Inglaterra por 1-0, gol de Mancini, do Sampdoria, aos 12 minutos, mas o resultado foi insuficiente para virar o 1-3 da primeira mão em Manchester.

Em Málaga, a Espanha confirmou o seu apuramento com um triunfo por 2-0 sobre os jugoslavos, depois de já ter ganho 1-0 fora.

Os golos couberam a Lopez, aos 23 minutos, e a Fernandez, aos 62.

Taça da Holanda

O Feyenoord conquistou ontem a Taça da Holanda de futebol, ao vencer na final o Fortuna Sittard por 1-0.

A final realizou-se em Roterdão, perante 40 000 espectadores, e o único gol da partida foi marcado aos 75 minutos por Houtman, a passe de Johan Cruyff.

Foi a sexta Taça ganha pelo Feyenoord, que também está prestes a vencer o campeonato, bastando-lhe a conquista de mais um ponto.

Se tal se verificar, o Fortuna Sittard será o representante holandês na próxima Taça dos Vencedores de Taças, enquanto o Ajax e o PSV Eindhoven participam na Taça UEFA.

Ténis de mesa em Paço de Arcos

Sporting das Caldas justo vencedor

A contratação de um técnico chinês por banda dos caldenses parece estar já a dar alguns frutos, a julgar pelos bons resultados obtidos por aquela equipa durante o fim-de-semana, no torneio do Paço de Arcos, que contou para a classificação nacional dos atletas.

A organização esteve à altura dos pergaminhos deste torneio, onde alguns factos há a destacar, tais como: a vitória colectiva do Sporting das Caldas; o arrear do Casa Pia do (habitual) primeiro posto na classe de veteranos; as vitórias colectivas do FC Porto em juniores; a vitória de José Ferreira (Casa Pia) em cadetes masculinos; a vitória absoluta (três primeiros lugares individuais) do Ramiro José em seniores femininos; a ausência dos componentes da selecção nacional masculina nos primeiros postos da classificação individual.

Passemos às classificações:

Seniores masc. — 1.º Ivanoele Moreira (Benfica); 2.º José Viegas (Sp. Caldas); 3.º José Barroso (Est. Amadora); 4.º Jean-Pierre (Vitória Setúbal); 5.º Carlos Guilherme (Casa Pia). Por equipas: 1.º Benfica; 2.º Estrela Amadora; 3.º Sporting das Caldas.

Juniores masc. — 1.º António Silva (Sporting); 2.º Paulo Cardoso (Porto); 3.º Fernando

Branco (Porto); 4.º Paulo Ribeiro (Porto); 5.º Carlos Agrela (Sporting). Por equipas: 1.º Porto; 2.º Sporting; 3.º Kapas.

Cadetes masc. — 1.º José Ferreira (Casa Pia); 2.º Nuno Ribeiro (Sp. Caldas); 3.º Ricardo Sedas (Kapas); 4.º Miguel Ribeiro (Camarinha); 5.º Paulo Moreira (Sporting). Por equipas: 1.º Sp. Caldas; 2.º Casa Pia; 3.º Kapas.

Veteranos — 1.º Eduardo Moura (Sp. Caldas); 2.º Farinha Gonçalves (Sporting); 3.º Diamantino Madeira (Paço Arcos); 4.º José Louro (Casa Pia); 5.º Arlindo Rosendo (Sp. Caldas).

Seniores fem. — 1.ª Maria Alexandra (Ramiro José); 2.ª Olga Meneses (Ramiro José); 3.ª Odete Cardoso (Ramiro José); 4.ª Anabela Pinto (Philips); 5.ª Branca Campos (Philips). Por equipas: 1.ª Ramiro José; 2.ª Philips; 3.ª Caldas SC.

Juniores femininos — 1.ª Ana Plácido (Sporting); 2.ª Maria José (Porto); 3.ª Mónica Salgado (Ramiro José); 4.ª Maria Paulo (Porto); 5.ª Elsa Marina (Porto). Por equipas: 1.ª Porto; 2.ª Sporting; 3.ª Ramiro José.

Cadetes masculinos — 1.ª Luís Lopes (Sp. Caldas); 2.ª Sónia Mendes (Mosca); 3.ª Natividade Sedas (Sporting); 4.ª Margarida Lopes (Azambuja); 5.ª Maria João (Sporting). Por equipas: 1.ª Atlético de Mosca-

vide; 2.º Sporting Caldas; 3.º Sporting.

Collectivamente, a vitória coube ao Sporting das Caldas.

Torneio de populares

Paralelamente ao Paço de Arcos promoveu também um torneio destinado a populares, que forneceu as seguintes classificações:

Homens — 1.º Luís Manuel (IAPO); 2.º Aménio Pinto (B.º Janeiro); 3.º Fernando Relvas (Bonança); 4.º Armando Maia (Paço Arcos). Collectivamente venceu o Bairro Janeiro, seguido da Bonança.

Mulheres — 1.ª Inês Louro (Porto Salvo); 2.ª Anabela Marques (P. Arcos); 3.ª Sílvia Maria (P. Arcos); 4.ª Vitória Moedas (P. Arcos). Vencedor foi a única equipa, o Paço de Arcos.

Taça de Portugal

Efectuou-se na passada quinta-feira, na sala da Guilherme Cossoul, a final da fase regional da Taça de Portugal, em cadetes masculinos, que opôs o Águia ao Casa Pia. Apesar da excelente réplica dos moços do Águia, a maior experiência dos jovens casapienses impôs-se, acabando vencedores pela diferença mínima: 3-2. O Casa Pia ficou deste modo apurado para disputar a fase zonal da prova, da qual defrontará os apurados da Zona Sul.

Sporting tem treinador britânico

O novo treinador do Sporting chega a Lisboa no fim-de-semana — revelou uma fonte leonina.

Onome do novo técnico não é ainda divulgado devido ao vínculo que o liga a um clube britânico, acrescentou a mesma fonte.

João Rocha, presidente do Sporting, chegou já a Lisboa, vindo de Londres, depois de ter contratado um «técnico credenciado», disse ainda aquela fonte.

Entretanto, a equipa que no próximo domingo defronta o Benfica no Estádio da Luz, será orientada por Marinho.

A direcção do Sporting decidiu segunda-feira rescindir o contrato feito no início da presente época com o técnico checoslovaco Josef Venglos, depois de no dia anterior a equipa ter sido derrotada em Alvalade pelo Braga (1-2).

Peres: o adeus a Leiria

O União de Leiria, da segunda divisão nacional de futebol, Zona Centro, rescindiu o contrato com o treinador Fernando Peres.

A rescisão, amigável, seguiu-se a resultados que a comissão administrativa do clube considerou mau.

Peres substituiu em Fevereiro Cassiano Gouveia e será agora o

jogador Jerónimo a tomar conta da equipa nos dois últimos jogos do campeonato.

O União de Leiria ocupa o décimo lugar da Zona Centro da segunda divisão.

Menos equipas na 1.ª divisão?

O vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol, confirmou à imprensa madeirense que a FPF está a analisar um projecto de redução do número de equipas participantes no campeonato da primeira divisão.

O dirigente federativo acrescentou que se estuda actualmente a viabilidade e interesse de uma tal decisão, que poderá ser extensiva aos campeonatos secundários.

Em declarações ao «Diário de Notícias» do Funchal, Amândio Carvalho defende a necessidade do problema das deslocações das equipas insulares ao continente «ser revisto para que o orçamento geral do estado passe a comportar verbas para esse financiamento».

Revelou, ainda, que a FPF gastou até ao momento 60 milhões de escudos com as equipas da Madeira e dos Açores que disputam a segunda e terceira divisões.



COLISEU

DIA 4 DE MAIO
21.30 horas

PREÇOS DESDE 200\$00

CANTO DE INTERVENÇÃO

Carlos Paredes
Fausto
José Mário Branco
Luis Cília

Associação 25 de Abril

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

representa:

MARAT
DE peter weiss
[MARTIN MAJEWSKI (SUHRKAMP VERLAG)]

* PERSEGUIÇÃO E ASSASSINATO DE JEAN PAUL MARAT
REPRESENTADO PELO GRUPO DE TEATRO DO HOSPICIO
DE CHARENTON SOB A DIRECÇÃO DO SENHOR
MARQUES DE SADE.

ENCENAÇÃO - joão mota

de terça a sábado às 21,30h
domingo matineé às 17h

PRACA DE ESPANHA - TEL 22 08 18

Halterofilia:

Portugal

19.º nos europeus

Portugal foi décimo nono entre 26 países nos quadragésimos terceiros campeonatos da Europa de Halterofilia realizados em Vitória — informou a organização do torneio, concluído terça-feira.

Portugal somou quatro pontos, à frente da Suíça, Irlanda, Bélgica, Noruega, Dinamarca, Islândia e Holanda.

Os últimos pontos para a representação portuguesa foram obtidos por Francisco Coelho, Ginásio Clube Português, com um décimo lugar na categoria de 90 quilos.

Coelho realizou os levantamentos de 155 quilos (arranco) e 185 (arremesso) para um total de 340.

Na classificação por pontos, a Bulgária foi a primeira, com 301, resultantes, entre outras classificações, de 13 medalhas de ouro, 10 de prata e 6 de bronze.

Em segundo lugar ficou a URSS, com 276 pontos (16-5-4) e em terceiro a Polónia, com 182

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tamariz, 14
Cascais, 1-4
1200 Lisboa
Tel. 661515 • 669205

A MISSÃO
de
HEINER MÜLLER
5.ª e 6.ª às 21.30 h.
Sábado às 17 e 21.30 h.
Domingo às 17 h.
ÚLTIMOS DIAS
SÓ ATÉ DOMINGO

GRUPO DE CANTO LUIZ

DIAS 3, 4, 5 e 6
às 21.30
dias 5 e 6 às 17

Retrato
JULIO MARINHO
ENCENAÇÃO
ARTUR RAMOS
CHARRADES
INÉDITAS
COM
REINOLDA MATA
LUIZ VICENTE

FUMO NÃO FUME
EM RECINTOS FECHADOS

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 15.30
memórias de
SARAH BERNHARDT
de John Murrell
com
EUNICE NUÑOZ • JACINTO RAMOS
Encenação de JACINTO RAMOS

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M.12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA TEL. 32 22 10

NA SALA EXPERIMENTAL

HOJE ÀS 21.45 H
«OS IMPLACÁVEIS»
de Manuel Grangeiro Crespo
1.º Espectáculo do Ciclo AUTORES DA GAVETA
De 3.ª a 6.ª feira às 21.45 — Sábado às 18.30 e 21.45 h
Domingo às 15.15 h

Com protestos da esquerda grega

Chama olímpica
arranca dia 7

A cerimónia de ignição da chama olímpica realiza-se em Olímpia, Grécia, no dia 7 de Maio, segunda-feira — informou uma fonte do Comité Olímpico Grego.

O facho será aceso por uma rapariga vestida como uma sacerdotisa da deusa Hera, conforme é da tradição, apesar do boicote à cerimónia deliberado por várias organizações gregas opostas à comercialização da chama.

A chama será entregue a um membro do Comité Olímpico Internacional e passada a um representante da comissão organizadora dos Jogos Olímpicos de Los Angeles. Este transmiti-la-á para Nova Iorque através de impulsos telefónicos, via satélite.

De acordo com a mesma fonte, o Comité Olímpico Inter-

nacional far-se-á representar na cerimónia pelos seus dois membros gregos, Nikos Nissiotis e Nikos Filaretos, e pelo italiano Giorgio di Stefani.

Por insistência do presidente grego, Constantino Caramanlis, o governo de Atenas estará representado na cerimónia por um ministro.

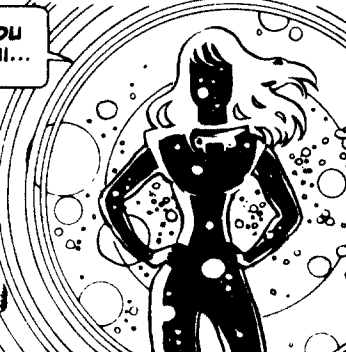
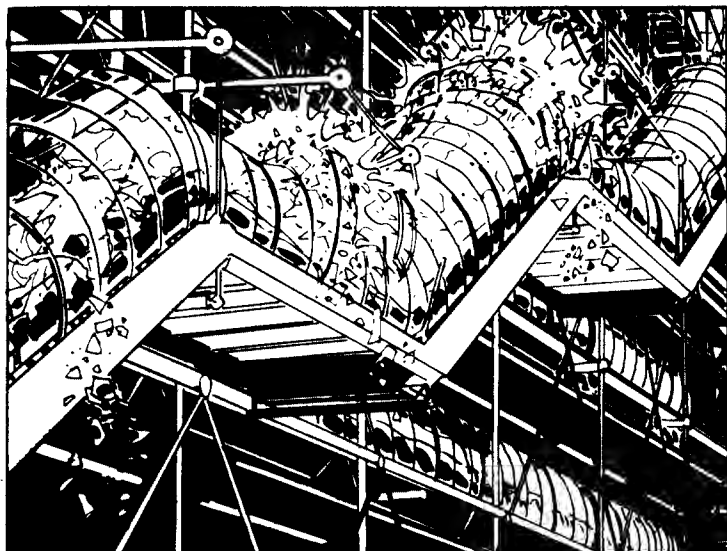
Fontes governamentais disseram não esperar distúrbios causados por elementos de esquerda que se opõem à entrega da chama aos organizadores dos Jogos de Los Angeles, depois de ameaças de que seriam revelados pormenores sobre a forma como os responsáveis dos Jogos de 1980 em Moscovo e dos de Inverno, este ano, em Sarajevo, utilizaram a chama para recolher fundos, como os norte-americanos tencionam fazer.

Uma aventura de Valerian... e Laureline

BROOKLYN STATION, TERMINUS COSMOS

Mezieres
Christin

22



Copyright Dargaud/Meribérica

CONTINUA

Acusação de homossexualidade põe em causa carreira de actor chinês

Um actor chinês, acusado por um jornalista de ser homossexual, bate-se desde há dois anos para tentar salvar a sua reputação, revelou na 3.ª-feira o jornal de língua inglesa «China Daily».

O caso é excepcional na China, onde a homossexualidade, ainda assunto tabu, é considerada como uma doença mental.

Para Da Shichang, o actor que venceu em 1981 o troféu para a melhor interpretação masculina, os aborrecimentos começaram em Outubro de 1982 quando um jornalista de renome o acusou publicamente de ter tido relações homossexuais e de ter tido, por isso, problemas com a Polícia.

Da Shichang lançou uma acção judicial contra o jornalista, que no entanto não deu qualquer resultado, limitando-se o Tribunal de Xangai a propor uma mediação acompanhada por várias condições.

«Como poderei desempenhar um papel respeitável num filme e apresentar-me como um exemplo aos espectadores quando as pessoas me consideram como a personificação do vício», afirma Shichang, antes de explicar o que a sua vida familiar e profissional veio a sofrer com as calúnias do jornalista.

Este último, cuja identidade não é indicada, mas que foi apresentado como um velho profissional trabalhando para uma revista de Xangai, foi alvo, por seu turno, de uma advertência do Partido Comunista. Até agora, contudo, não foi objecto de nenhuma sanção judicial, apesar de as suas acusações terem impedido Da Shichang de prosseguir a sua carreira e terem provocado grandes perdas aos estúdios de cinema onde trabalhava, salienta o «China Daily».

1.º de Maio foi dia de esterilização masculina na Tailândia

O Primeiro de Maio foi na Tailândia o dia anual da esterilização masculina. Os cerca de 500 candidatos à vasectomia foram recebidos em tendas montadas no recinto da Feira de Snam Luan, no centro de Bangkok, onde cirurgiões procederam a esta intervenção cirúrgica que dura sete minutos. A maior parte dos pacientes eram trabalhadores que aproveitaram o feriado do 1.º de Maio para serem esterilizados.

A campanha a favor da vasectomia foi lançada pela Associação para o Desenvolvimento da População e da Comunidade, um grupo que se propôs desenvolver esforços a favor de um verdadeiro planeamento familiar na Tailândia. Os especialistas internacionais atribuem a esta associação uma grande parte da responsabilidade da diminuição de 3,3 para 1,8 por cento da taxa de crescimento da população tailandesa entre 1970 e 1983.

Eleita a direcção da Comunidade Islâmica

As eleições para a direcção da Comunidade Islâmica de Lisboa realizaram-se com o concurso de uma lista única, dada a não aceitação de uma lista de oposição ao actual presidente, Vally Mamede.

Os candidatos da lista liderada por Isaac Sema, apresentaram uma proposta de impugnação das eleições no decurso da assembleia geral que precedeu o acto eleitoral e revelaram que vão «impugnar judicialmente as eleições».

O presidente da mesa da assembleia geral, Karim Boubdellah, confirmou a apresentação da proposta pelos elementos da lista «B» durante a assembleia geral — que foi vedada aos órgãos de Comunicação Social — adiantando que esta «não foi debatida», embora tivesse sido dada a palavra aos seus proponentes.

A apresentação da lista fora do prazo de 15 dias e com um número insuficiente de assinaturas (um quinto dos associados estimados em cerca de 800), argumentos apresentados pela comissão eleitoral para a sua rejeição, foram contestados pela lista B.

Arquitectos portugueses expõem no Japão

Quatro projectos foram já seleccionados pelo júri nacional do Concurso para Jovens Arquitectos para representar Portugal no certame mundial promovido pela UNESCO, que se realiza em 1985 no Japão.

A comissão nacional apresentará à UNESCO, ainda este mês, os quatro projectos classificados para serem inscritos como concorrentes ao concurso mundial.

Os prémios para os projectos seleccionados vão ser distribuídos em cerimónia oficial e prevê-se a realização em Julho de uma exposição de todos os trabalhos concorrentes.

Os quatro projectos seleccionados pertencem aos arquitectos José Morgado e Maria Morgado, Alexandre Freire, Carlos Afonso, Elgar Godinho e Olavo Rios, Eduardo Mendes, Alexandre Burmester e Maria de Fátima Burmester.

Congresso de Andrologia decorre no Funchal

Cerca de 30 especialistas de Itália, Espanha, Alemanha Federal e Portugal participam nos trabalhos do II Congresso Português de Andrologia — o estudo das doenças do homem — ontem iniciado no Funchal.

Um curso subordinado ao tema «A andrologia da criança e do adolescente» ocupou o primeiro dia do encontro, que decorre até amanhã, no Teatro Municipal Baltazar Dias.

«O Laboratório em Andrologia» e «alterações da ejaculação e repercussão testicular das doenças sistémicas», serão temas abordados hoje em mesas-redondas, nas quais intervirão 16 moderadores.

Conferências sobre «o envelhecimento e o eixo hipotálamo-hipófise-testículo» e «Alcool e actividade sexual masculina» serão proferidas por E. Nieschlag, da RFA, e A. Galvão Teles, de Portugal.

No último dia do congresso realiza-se uma mesa-redonda que versará sobre «O casal estéril», uma conferência sobre «Controlo da fertilidade masculina: novos avanços» e debate e comunicações livres.

Conferência sobre alimentos e saúde

A alimentação natural e o papel nocivo de hábitos alimentares errados na origem de doenças cardiovasculares e cancro foram os temas debatidos numa conferência ontem realizada em Coimbra.

O orador, Gomes Ribeiro, do Agrupamento Português de Alimentação Natural, salientou as vantagens que advêm do consumo de cereais integrais, de vegetais e de peixe em detrimento de alimentos gordurosos, de carne, dos excitantes, como o álcool, o café e o açúcar.

A possibilidade de cura e prevenção das doenças cardiovasculares degenerativas e cancro pela alimentação natural e respectivos métodos foi também debatida pelo orador e o público presente.

A iniciativa, a cargo do Agrupamento «Trígrama», insere-se nas jornadas de divulgação da alimentação natural.

Antigos alunos do Liceu de Santarém

Antigos alunos do liceu Sá da Bandeira, de Santarém, reúnem-se no próximo dia 6, mantendo assim a tradição de conviverem no primeiro domingo de Maio.

O convívio começará por concentração à porta do liceu, às 10 e 30, seguindo-se visita às instalações e missa por alma de professores e alunos já falecidos, às 12 horas. O tradicional almoço de confraternização realizar-se-á num dos restaurantes da cidade.

As inscrições poderão ser feitas pelos telefones 23234, de Santarém, ou 2180629 e 2193365, ambos de Lisboa.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Vocês ouviram aquela do vaticano?

Eu sei. Eu sei que não vai ser fácil esquecer. Um homem não é de pau, claro que se dói. O que devia ter feito era, para gozar alguma coisa que se parecesse com férias (embora curtas) escolher um sítio onde não houvesse televisão, afastar-me dessa peste, dessa solidão contagiosa. Mas o terrível sintoma desta maldição que se abateu sobre nós, foi ver, onde quer que me encontrasse, os televisores geralmente orientados — para a televisão espanhola...

Injustamente, claro. O povo português ainda não sabe dar valor ao que tem, ao imenso esforço que se está fazendo para dar uma informação de colidade e uma programação idem, idem, caspas, caspas. Tão boa que até se repete de um dia para o outro: a *Hill Street* passou na segunda-feira em horário juvenil, e logo depois na terça em horário nobre, no segundo canal — parece que a pedido de famílias americanas estabelecidas em Portugal e que gostam muito do Furillo.

Os esforços para a informação de boa cepa são visíveis a olho nu. Mota Pinto vai à China e leva consigo o José Teles; o Jaime Gama vai à África do Sul e leva consigo o Mário Crespo. Os rapazes merecem, pelo trabalho que produziram durante todo o ano. Para o segundo, trata-se de uma espécie de rotagem, de regresso às origens; para o primeiro, será

uma espécie de acção de graças pelo muito que, em sua primária sabedoria de comunicação, deve a Confúcio. Como geralmente não se sabe, foi Confúcio quem disse: «Comunicação é a outra palavra comum com que muita gente quer significar incomunicabilidade».

Os esforços para bem informar estiveram presentes, ora aí está, para não ir mais longe, durante as comemorações do 25 de Abril. Ah, a admirável atenção com que as moscas escutavam as bandas da NATO e similares! Ah, o silêncio que o dr. Mário Soares teve de enfrentar, onde quer que aparecesse! Ah, aquele ambiente de profunda sonolidade da sessão na Aula Magna!

Esguardai: o Tavares cultivava a sua horta de ódios miudinhos e talvez por isso o presidente da Câmara de Sousel disse há dias que gostaria de o ter a ele, ao Tavares, como ministro da Agricultura; o Jean Daniel declara que esteve prali sem perceber patafina do que se disse, coitado do homem; o general Spínola encerrou com um breve, embaciado monóculo-go...

Esforços igualmente desenhados para bem promover, dinamizar e reflectir o Primeiro de Maio. Para mim, uma das gracinhas mais engraçadas que por lá aconteceram foi ouvir César Oliveira dizer que não há um meio para medir a repre-

sentatividade das duas centrais sindicais portuguesas. O César, francamente, um intelectual! Vou dizer-lhe um meio: a CGTP mede do Martin Moniz até à Alameda, enquanto a outra mede a sombra de um arbusto no Parque Eduardo VII. A CGTP mede uma manifestação, a outra mede um piquenique. Uma, vale um ideal; a outra, vale uma tranqüibéria. Houve quem nascesse, artificialmente, de uma misteriosa carta aberta — e houve quem nascesse lutando, naturalmente, contra uma porta cerrada. Podia, enfim, aduzir uma data de razões que medem a representatividade. Mas o que eu pergunto a mim próprio é o motivo por que parece César Oliveira ignorar as que se indicam.

Aliás, o serão do Primeiro de Maio foi outro «monumento» à gloriosa data. Lá estiveram as figuras tão caras (só aquela viagem a Roma por quanto não ficou, santo Deus?!), aos trabalhadores portugueses como são o Albarran e a Elisa, ensoçados num ambiente estatal de carmesim e de ouro. Tratava-se de entrevistar Bettino Craxi, o condutor italiano.

Para além de tudo o mais, até sem querer aconteceu anedota. Foi quando a Elisa mencionou como um dos trunfos de Craxi ter conseguido que a religião católica «deixasse de ser a religião oficial do Vaticano»...

Quanto ao Bettino, ficámos a

saber que é muito da confiança e puridade de Reagan e igualmente amigável de Mário Soares. Conta-nos até como o conheceu: foi em 68 (ou 69, não está bem certo, nem eu, mas creio bem que a segunda data é mais acertada) durante uma conferência, algures na Europa, em que se discutia a «Primavera de Praga». Ricas andanças...

Bettino foge aos encartes sobre a valia eleitoral do seu Partido Socialista, agora tão baixa, depois de já ter sido tão alta. Suponho que daqui a uns tempos alguém fará a mesma pergunta a Mário Soares o qual também não deixará de fugir aos encartes...

Enfim, sobre Bettino pesa a responsabilidade de ter consentido na instalação de mísseis de cruzeiro em território italiano. As razões que invoca vão buscar a lógica a casa do diabo.

Em resumo: o traste sou eu. A televisão faz tudo para festejar o 25 de Abril, para glorificar o Primeiro de Maio, para informar bem e para entreter melhor — e depois eu é que me ponho para aqui a mandar vir. Sem nenhuma razão está visto.

E deixa lá, caro leitor. Tu que estás tão zangado porque a locutora ontem disse, no boletim meteorológico, que «não houveram alterações», deixa lá. Aquilo é bom. Nós é que somos demasiado exigentes...

O futuro do teatro: tema de debate no simpósio «o texto e o acto»

O futuro do teatro na sociedade industrial dos finais do século XX foi um dos temas que ocupou os intervenientes no simpósio «O Texto e o Acto», realizado no final do passado mês de Abril na Fundação da Casa de Mateus.

Esta problemática seria sempre, e fatalmente, um dos temas a suscitar polémica e debate. A afirmação do encenador Adolfo Gutkin de que a «história do teatro é a história da sua rebeldia» constitui, neste ponto, uma referência emblemática que todos os intervenientes trataram de desenvolver.

Na mesma linha, Luiz Francisco Rebelo consideraria que «o teatro não será um dinossauro sem lugar na sociedade industrial enquanto se mover em oposição, enquanto nascer da rup-

tura».

O encenador catalão Ricard Salvat estabeleceria na sua comunicação o confronto entre, por um lado a via autónoma em sua opinião seguida pelos teatros do terceiro e quarto mundos, com estruturas narrativas diferentes das que o «teatro da raça branca» apresenta, e do outro, a limitação das possibilidades narrativas do teatro ocidental, obrigado a procurar novas motivações fora do seu tradicional espaço geográfico.

Neste contexto qual o lugar do chamado «teatro de intervenção»? As intervenções reflectiram as diversas experiências. E se Bernard Dort avançava que «o teatro de intervenção perdera por completo o sentido em França», José Barata frisava ser a intervenção a própria essência

do teatro. Numa tentativa de síntese, o sociólogo Orlando Garcia afirmava que a designação teatro de intervenção é uma designação muito marcada, e introduzia no debate um elemento consensual: a qualidade.

A relação entre texto e cena, na sequência do aparecimento no século XIX do encenador, viria a marcar o fim do teatro de texto prevalecente na época clássica. Segundo Bernard Dort assiste-se hoje a uma emancipação dos diversos sectores da representação teatral, com o desaparecimento de uma concepção unitária de teatro, quer esta estivesse fundada no texto quer na cena.

Por fim, a comunicação de Jean Duvignaud, subordinada ao tema «os limites actuais do teatro no conjunto da Comunica-

ção Social», retomaria a questão central: qual o futuro do teatro na sociedade industrial. Duvignaud consideraria, sem reboço, que «a imagem simbólica mais perfeita do teatro no Ocidente é a do suplício, o suplício do indivíduo no meio da multidão ou de um público».

Fazendo o balanço final da iniciativa, Pedro Tamen, administrador do pelouro dos serviços de belas-arts da Gulbenkian, adiantou que a intenção da Fundação era dar aos participantes uma ocasião de reflexão. Não pensámos que aqui se iria programar o futuro», considerou, para depois sublinhar que o simpósio acabou por transbordar da teorização para abranger questões de carácter prático, associadas ao «dia-a-dia» de fazer teatro.

Emigrantes em França editam «O Conselho»

O Conselho da Comunidade Portuguesa em França (C.C.P.F.) lançou em meados do mês passado o número 1 do boletim «O Conselho», dedicado especialmente às comemorações unitárias do 25 de Abril, que aquele Conselho promoveu em França. No editorial da nova publicação deseja-se que ela venha a ter um carácter periódico e que as comemorações unitárias do dia da libertação sejam «também um meio de arranque para uma maior e melhor participação de todos na defesa da língua e da cultura portuguesa, na defesa dos interesses

da nossa comunidade em França e na defesa dos princípios democráticos do 25 de Abril de 1974».

O número 1 de «O Conselho» insere um texto de Albano Cordeiro sobre o emprego emigrante como «complemento e componente da modernização» e um outro que faz o histórico da criação do Conselho das Comunidades, caracterizando as suas competências legais. Um artigo sobre o ensino do português em França e as suas insuficiências, assim como um outro sobre a fome que «já há» em Portugal, noticiário diverso, designada-

mente sobre as comemorações do 25 de Abril, e um comunicado do secretariado do CCPF completam o boletim.

Neste comunicado tecem-se numerosas críticas à política de emigração do actual Governo e sublinha-se o facto de a secretária de Estado da Emigração e o ministro dos Negócios Estrangeiros (legalmente presidente do Conselho das Comunidades Portuguesas no mundo) terem estado recentemente em Paris sem «se terem dignado contactar» os representantes do Conselho.

No documento afirma-se também que, ao contrário do que a

secretária de Estado da Emigração afirmou, o adiamento da reunião da Comissão Mista Luso-Francesa para o Acordo de Emigração, prevista para 29 de Março, se ficou a dever ao facto de o governo francês ter exigido à última da hora a discussão da questão do regresso dos emigrantes.

A recente atribuição de um subsídio de 1700 contos, pela Secretaria de Estado da Emigração, para a realização de um festival de folclore nos EUA é igualmente denunciada pelo secretariado do CCPF.

Hoje

RTP1



O programa Aplauso, da RTP-1 de hoje, conta com a presença de Lionel Hampton

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.02 Notícias
18.10 Grão a Grão
18.30 Teleregiões
18.55 Memória de um Povo — «Teia Transmontana»
20.00 Telejornal
20.35 «O Bem Amado» — episódio n.º 32.
21.10 Aplauso — Lionel Hampton.
21.15 «Raio Azul»
23.05 Últimas Notícias

RTP2

19.32 Notícias
19.45 Documentário — «Aurélio Paz dos Reis»
20.30 Música Folclórica Argentina
21.15 Jornal da Noite
21.45 «Guerra dos Sexos» — episódio n.º 9.
22.20 Histórias de Mulheres — «Mãe Genoveva». Intérpretes: Adelaide João, Manuela Carlos, José Cid, Tino e habitantes de Terena. Realizador: Lauro António.

Em «Histórias de Mulheres», da RTP-2 desta noite, exibe-se o filme intitulado «Mãe Genoveva»

Amanhã

RTP1

RTP2

18.00: Notícias; 18.10: Grão a Grão; 18.30: Teleregiões; 19.00: É incrível; 20.00: Telejornal; 20.30: «O Bem Amado»; 21.00: Fim-de-Semana; 22.30: «Sob Duas Bandeiras»; 23.30: Últimas Notícias.

19.30: Notícias; 19.40: Presença da Madeira; 20.00: No Ventre da Música; 20.30: RTP/Brasil; 21.15: Jornal da Noite; 21.45: «Guerra dos Sexos»; 22.15: «Contos do Improvável» — «O Conto do Vigário»; 22.45: Clube de Rock.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP1

Lionel Hampton
(21.10)

RTP2

«Mãe Genoveva»
(22.20)

RTP1

O BEM AMADO

Odorico aconselha o médico a abandonar o mais depressa possível a cidade porque sabe muita coisa da vida dele. Levantando-se de um salto e agarrando a gola do perfeito, Juarez avia-o que já está farto dele e dos seus conselhos. Mas, apontando-lhe uma arma, Odorico obriga-o a ouvi-lo até ao fim e adianta que recebeu uma intimidação da polícia da Baía que o anda a procurar. Juarez descontrola-se e agride Odorico; nesse momento aparece Telma.

Odorico diz à filha que tem quase a certeza de que Juarez matou a mulher. Na praia, Telma procura Juarez mas, rudemente, este diz-lhe que não gosta dela e tem horror a mulher chata.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

Exposições

• Uma exposição colectiva subordinada ao tema «A Cidade» é hoje inaugurada na Galeria Ana Isabel, à R. da Emenda, 111, 1.º, em Lisboa. De entre as obras expostas destacam-se trabalhos de Alice Jorge, Eduardo Nery, Gracinda Cadeias, João Abel Manta, João Hogan, Júlio Pereira, Querubim Lapa, René Bertholo, Sá Nogueira e Vespereira.

• No Palácio Foz continua patente ao público uma mostra de pintura de Raul Mendonça.

• «Os Frequentadores do Cabaret Voltaire» é o tema de uma mostra de Albuquerque Mendes constituída por 33 pinturas a acrílico sobre cartão industrial, patente ao público na Livraria do Estado, à R. Marquês Sá da Bandeira, n.º 16.

• No átrio da Imprensa, à Casa da Imprensa, continua presente ao público uma exposição de desenho de Pedro Serrão.

• «Quem perdeu a colher?» é o tema de uma exposição de desenho de Fernando Ribeiro patente ao público na Escola Secundária de António Arroio.

• Uma mostra de pintura de Carvalho e Rego continua presente ao público na sala de arte do Restaurante Escorial, à R. das Portas de Santo Antão, em Lisboa.

• Na Sala Camões da Sociedade de Língua Portuguesa, R. de S. José, 41-2.º, o pintor Fernando Cruz expõe 10 relevos e alguns guaches.

• Trabalhos de Maria Henriques podem ser vistos na Libris, no Largo Trindade Coelho, em Lisboa.

• «Casas com molduras» é o tema da mostra que Graça Dias tem patente ao público no Espaço Inter-Média, à R. Tenente Raul Cascais (a Mamede).

• Trabalhos de barro de Manuela Félix e Vitorino de Sousa e aquarelas de José Ferreira Gueifão continuam presentes ao público na Varandinha de Alfama, ao Beco da Corvinha, n.º 1.

• Desenhos e pinturas de Luís Serpa estão patentes ao público na Galeria Diagonal, ao Hotel Cidadela, em Cascais.

• Desenhos de Armando Alves, Jorge Pinheiro, José Rodrigues, Mário Américo e Zulmiro de Carvalho estão patentes ao público nas instalações da Altamira, à R. Filipe Folque, n.º 48.

• Na Galeria de Arte do Casino do Estoril continua a retrospectiva sobre os trinta anos de pintura de Manuel Cargaleiro.

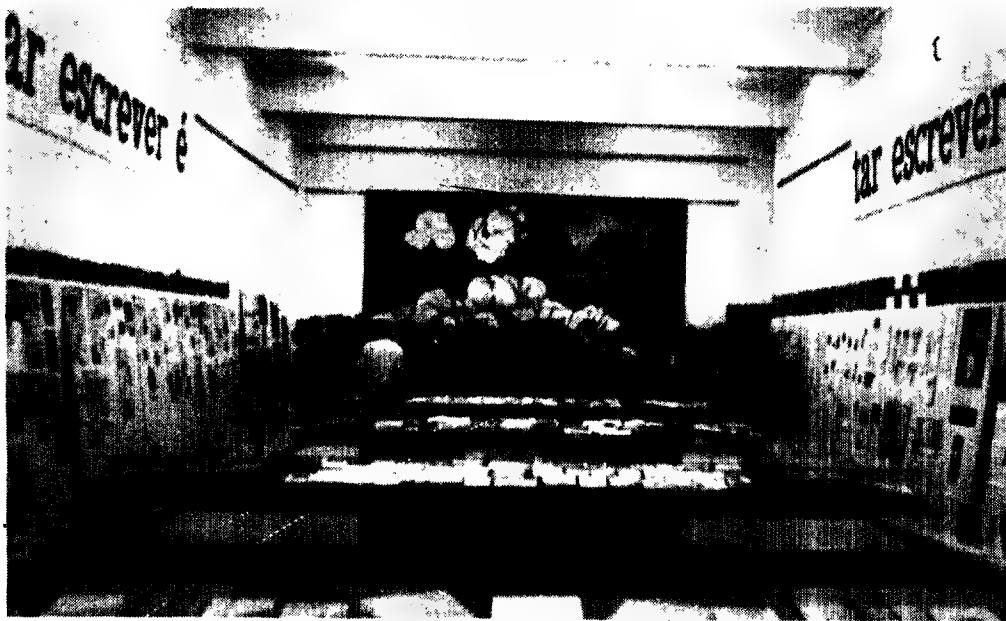
• Uma colectiva de artes plásticas subordinada ao tema «Portugal em Aberto» continua patente ao público na Galeria do Palácio da Cidade (junto ao Clube Naval), em mais uma iniciativa da Associação de Artes Plásticas de Cascais e da Câmara Municipal.

• Na Galeria do Museu Regional de Sintra, Armando Anjos expõe pintura.

• Nas salas da Cooperativa Árvore, no Porto, «pretexto de pintura» é o tema para uma mostra de trabalhos de António Fernando.

• Na delegação em Coimbra de «O Primeiro de Janeiro» Hipólito de Andrade expõe pintura.

roteiro cultural



Um aspecto da exposição bibliográfica e documental subordinada ao tema «25 de Abril - 10 anos de democracia», patente ao público na Faculdade de Letras de Lisboa numa iniciativa da Associação 25 de Abril

Teatro

• Esta noite, pelas 23h30m, na Sala 2 do Quarteto, Lia Gama, Mário Jacques e Filipe Ferrer voltam à cena com «Traições», de Harold Pinter.

• Pelas 21h30m, no Teatro Aberto, o Novo Grupo apresenta «A Boa Pessoa de Setzu», de Bertold Brecht.

• Graça Lobo continua a contar «O Diário de uma Criada de Quarto» no Teatro da Trindade, no novo espectáculo da Companhia de Teatro de Lisboa.

• A peça «Marat», de Peter Weiss, continua em cena no casarão cor-de-rosa da Comunidade de Espanha. • «A Ilha do Rei Sono» é o

espectáculo de marionetes que o grupo de teatro «Lanterna Mágica» apresenta todas as tardes, de terça a domingo, pelas 15h15m na Sala Experimental do Teatro Nacional.

• Margerida Carpinheiro, Mário Rodrigo, José António e Nicholas Moenai continuam a apresentar todas as noites, a partir das 22h30m um espectáculo de café-concerto no Ocarina-Restaurante-Arsanato.

• Pelas 22 horas, a Casa da Comédia apresenta o seu novo espectáculo sobre o poeta António Botto, «Botto-Teatro do Círculo e do Amor».

• No Teatro da Academia Amadense, o Grupo de Campolide apresenta esta noite pelas 21h30m o seu

novo trabalho, «Os Retratos», de Júlio Maurício.

• A Seiva Trupe continua a apresentar «O Amor de uma Mulher», de Mariola Boggio, que marca o reencontro com o público português da actriz Estrela Novais.

• O Teatro de Portalegre continua em digressão pelo norte do país, em espectáculos integrados no 1.º Encontro de Teatro de Autores Portugueses. Esta tarde, com idêntica sessão amanhã, pelas 15h30m, no Conservatório de Aveiro será apresentada a peça «A Esperteza da Raposa e outros Contos».

• No seu Teatro de Bolso, o Teatro Animação de Setúbal apresenta a farsa de Gil Vicente, «O Juiz da Beira».

Cinema

• NO AR.CO prossegue esta noite, pelas 21h45m, o ciclo dedicado ao cinema francês com a projecção do filme «Le Silence de la Mer» de Jean-Pierre Melville.

• A Cinemateca Portuguesa apresenta esta tarde, pelas 18 horas, integrado no ciclo Encontro com o Cinema Português, «R. For Ramson», de Vítor Pomar. À noite, pelas 21h30m haverá mais uma sessão dos Cult Movies com a projecção de «Aguirre, o Aventureiro», de Herzog.

Música

• Inicia-se esta noite, pelas 21h30m, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian os 8.º Encontros Gulbenkian de Música contemporânea com um concerto da Orquestra Sinfónica da Rádio Sudoeste Alemã.

• Esta noite, pelas 21h30m, no Teatro Lethes, de Faro, o pianista Fausto Neves dará um recital que inclui obras de Bach, Beethoven, Brahms, Debussy e Rachmaninoff. Amanhã, à mesma hora, Fausto Neves estará presente na Igreja de Santa Maria, em Lagos.

Colóquios

• Esta noite, pelas 21h30, na Casa da Cultura das Caldas da Rainha, haverá mais uma sessão das «Quintas Feiras Musicais» com Histórias de um afinador de pianos, com José Llorente.

AOS CONDUTORES

“Abandone a marcha ao avistar o sinal de trânsito ‘Crianças’, porque, de repente, pode surgir uma a atravessar a rua.”

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por unidade)	
		COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	87\$25	93\$25	
ALEMANHA FED (marco)	49\$90	51\$00	
ÁUSTRIA (xelim)	7\$00	7\$20	
BÉLGICA (franco)	2\$285	2\$485	
BRASIL (cruzeiro)	\$055	\$105	
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	10\$530	10\$730	
(notas de 5 e 1000)	10\$580	10\$780	
DINAMARCA (coroa)	13\$60	14\$00	
ESPAÑA (peseta)	\$851	\$871	
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	13\$855	13\$855	
(notas de 5 e 1000)	13\$705	13\$805	
FINLÂNDIA (marca)	23\$60	24\$20	
FRANÇA (franco)	16\$25	16\$85	
HOLANDA (florim)	44\$30	45\$30	
IRLÂNDIA (libra)	15\$875	15\$875	
ITALIA (lira)	\$073	\$083	
JAPÃO (iene)	\$574	\$609	
NORUEGA (coroa)	17\$50	18\$10	
REINO UNIDO (libra)	191\$30	195\$30	
SUÉCIA (coroa)	17\$00	17\$80	
SUÍÇA (franco)	60\$70	61\$80	
VENEZUELA (bolivar)	7\$70	8\$70	

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

Antena Um

18.00: Musicomania; 18.00: A galta dos sete foles; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim; 20.25: Informação desportiva; 20.35: Música portuguesa; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Notícias de luar; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 18.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Canções; 16.20: Concerto em dó menor, para piano e orquestra, de Rachmaninoff; 17.00: Curiosidades musicais; 17.45: Dança n.º 4 e dança n.º 10, de Granados; 18.05: «Sinfonia Fantástica», op. 14, de Berlioz; 19.00: Áreas de óperas; 19.30: Música de todos os quadrantes; 20.05: Sonatas; 21.00: «Missa de Requiem», de Verdi; 22.40: Solos; 23.00: Séries; 24.00: Concertos; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Musical; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: o vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Clipes estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Horizonte; 20.30: Programa da LAR; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Ouvir e pensar; 22.00: Hora de música; 23.00: Diário 23; 23.40: Bola branca (3.ª edição); 23.55: Meditando.

Rede Sul de FM

21.00: Paju; 21.30: Pentagrama.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM. Notícias a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 025

HORIZONTAIS:

- Cabelo raro e curto. Abreviatura da palavra inglesa mister.
- História. Rebolei.
- Nome de letra. Freguesia do concelho de Guimarães.
- Imão. Solitário.
- Madeiro grosso para construções. Artigo definido. Raera.
- Artilharia anti-aérea. Costume. Ente.
- Variedade de quartzo que apresenta lindas faixas coloridas.
- Esculca. Antiga capital da Birmânia.
- Derribar (fig.). Curso de água natural e abundante.
- Erbio (s.q.). Artigo definido. Nome de mulher.
- Grande sala. Aqui. Alumínio (s.q.).

VERTICAIS:

- Inventa. Figuras das cartas de jogar.
- Aesania. Cura.
- Barraquão. Nome de letra. Plural.
- Espécie de forragem (Bras). Gema.
- Pronome demonstrativo. Aparente molhos.
- Sufixo que designa abundância. Artigo definido.
- Lavras. Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no Castelo de Fustenberg.
- Imã. Previne.
- O lado do vento. Pertences. Arara.
- Professor. Rádio (s.q.).
- Esteiro. Apre! Alumínio (s.q.).

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9875

HORIZONTAIS:

- Contenda. Adiar.
- Estimas. Cidade do Estado do Paraná.
- Cério (s.q.). Textualmente. Bolsa.
- Língua vernácula indiana. Nome de letra.
- Determinar.
- Autores. Preparava com ópio.
- Intimo. Pegas.
- Habitas. Reis.
- Pronome pessoal. Sadias. Mãe de Rômulo e Remo.
- Rezavam. Cidade de Espanha.
- Esmurramos. Pega.

VERTICAIS:

- Armadiha. Nota musical. Pedras de moinho.
- Ossos do braço. Infel.
- Basta! A Pérsia. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes holandeses e escoceses.
- Tostada. Vossa Alteza.
- Sovam.
- Ave trepadora do Brasil. Ramalhete.
- Clima. Cidade de França. Carta de jogar.
- Nivelaria.
- Claridade. Tempo do verbo ir. Arteria.
- Enterrareis.
- Rato. Cidade de Itália.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 024

HORIZONTAIS:

- Armar. Vagir.
- Reima. Inata.
- Al. Acuda. Al.
- Ara. Eça.
- Ates. Alar.
- Reais.
- QUEM. Arca.
- Un. Cás. Roa.
- Ir. Casas. DA
- Nadam. Rol.
- Amala. Asais.

VERTICAIS:

- Aramá. Quina.
- REI. Urram.
- Mi. Serei. DA.
- Ama. Sem. Cai.
- Raça. A. Cama.
- Urdiras.
- VIDA. Sara.
- Ana. Sós.
- Ga. Clara. La.
- Itaca. Cod.
- Ralar. Araós.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9874

HORIZONTAIS:

- Corpo. Crias.
- Írás. Doente.
- Nas. Pia. Ar.
- Clarão. Assa.
- Ursino.
- Osa. Aproas.
- Uro. Iar. Ea.
- Dras. Mm.
- Ur. Sioba. Pu.
- Remóis. Iara.
- As. Si. Asses.

VERTICAIS:

- Cincho. Dura.
- Oral. Surres.
- Rasa. Ara.
- Ps. Ru. Ossos.
- Para. III.
- Diopiros.
- Coa. Ira.
- Re. Anormais.
- Im. Sa. As.
- Atas. Sempre.
- Serás. Amuas.

Provérbio: Quem dá o rei dá a vida.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MARY POPPINS
3.ª Semana

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
- M. 12 a.
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
UM CASAL EM APUROS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 anos
LAÇOS DE TERNURA
4.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MARY POPPINS

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
CORAÇÕES E ARMADURAS
2.ª Semana

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
WARGAMES, JOGOS DE GUERRA
Às 24
ASSALTO IMEDIATO

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
NINJA, O IMBATÍVEL

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
DEBAIXO DE FOGO
Às 24
MEDO SOBRE A CIDADE

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - Int. men. 18 a.
PECADOS EM FAMÍLIA

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 16 a.
M. 16 a.
OS MALUCOS C/OS GANGSTERS

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
DEBAIXO DE FOGO
c/ Gene Hackman, Nick Nolte
e Joanna Cassidy
Colorido

2000 210055

Av. B. Voluntários, lts 113/4

Às 14.15 - 16.30 - 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
PROMESSAS VÁS

ESTÚDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
**OS DEUSES DEVEM
ESTAR LOUCOS**
94.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
THE DAY AFTER

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- Int. men. 16 a.
DEBAIXO DE FOGO
de Jonathan Taplin
c/ Nick Nolte, Joanna Cassidy
e Gene Hackman

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 18.45 e 21.30
- M. 6 a.
MILAGRE DE AMOR
c/ John Travolta e Olivia Newton John

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15 - 18.30 e 21.30
M. 16 a.
IMPACTO SUBITO

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - M. 6 a.
MOTOS INFERNAIS

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
SEU NOME É NINGUÉM
Às 24
O ESTRIPADOR DE NOVA IORQUE

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
STAR 80, A TRAGÉDIA

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A GUERRA DE TRÓIA

PATRÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 12 a.
MILAGRE DE AMOR



«O CONTRATO» um filme de qualidade realizado por PETER GREENAWAY.
Em exibição no cinema Quarteto.

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.00 - 16.30 - 19 e 21.30
- M. 12 a.
IMPACTO SUBITO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.
DINHEIRO DO CÉU
Às 23.30 - M. 18 a.
A FRONTEIRA DA VERGONHA

SALA 2
Às 14.15, 16, 17.30, 19 e 22.30
- M. 12 a.
ZELIG
Teatro às 21.30 - M. 16 a.
TRAÍÇÕES
de Harold Pinter
SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 18 a.

A MULHER EM CHAMAS
de Robert Van Ackeren
Às 23.30 - M. 18 a.
MANHATTAN
SALA 4
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.
O CONTRATO
Às 23.30 - M. 18 a.
LÁGRIMAS E SUSPIROS

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
**THE DAY AFTER, O DIA
SEGUINTE**
Às 24
A LEI DO ÓDIO

ROMA TEL 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
O acontecimento!
O filme de maior impacto em todo o
Mundo
**THE DAY AFTER, O DIA
SEGUINTE**

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
A TURMA DOS TARADOS
c/ Renzo Montagnani e Carmen Russo
Colorido

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.
FOME DE VIVER
c/ Catherine Deneuve e David Bowie
- M. 18 a.

SALA 3

Às 14.30, 16.30, 18.45 e 21.45
- M. 12 a.
ZELIG
c/ Woody Allen e Mia Farrow

7.ª ARTE 730715

Av. República à E. Entre Campos junto ao n.º 63

Às 14.30 - 17.00 - 19.15 - 21.45 - 24.00
M. 12 anos
YENTL
Domingo às 11.15 - Para Todos
ASTERIX, O GAULES

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A EDUCAÇÃO DE RITA
11.ª Semana

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
IMPACTO SUBITO

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 18 a.
O ANJO MALDITO
3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 - «A Força do Poder», às 21.15 (18 anos)
ALFA-3 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
OLIMPIA - «Clínica do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
MUNDIAL - «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)
CITY-CINE - «Fanny e Alexandre», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - «Grande Bacanal», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
ALFA-CLUB - «Jogos de Guerra», às 21.30 e 24.00 (12 anos)
TIVOLI - «Mary Poppins», às 21.30 (6 anos)
TERMINAL - «No Limiar da Realidade», às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
LONDRES - «Finalmente Domingo», às 21.30 (12 anos)
RETELO - «Um Difícil Adeus», às 21.30 (12 anos)
ESTÚDIO ACS - «No Limiar da Realidade», às 21.30 (12 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «Aguirre, o Aventureiro», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «Crime em Campo de Cebolas», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - Palácio - «A Grande Ba-guicha», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «Feliz Natal, Mr. Lawrence», às 21.30 (16 anos)
ESTORIL - Casino - «Atalhos», às 21.15 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA - Cine-Estúdio - «A Passagem», às 21.30 (18 anos)
ALMADA - Incrível - «A Selva de Ci-mento», às 21.15 (18 anos)
ALMADA - Academia - «Cidade Branca», às 21.30 (18 anos)
SETUBAL - Júpiter - «Fome de Viver», às 21.15 (18 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Oc-topussy», às 21.30 (12 anos)
ERICEIRA - Cine-Estúdio - «Violação», às 21.15 (16 anos)

Porto

CHAPLIN - «Esqueci-me de Viver», às 21.30 (13 anos)
TERÇO - «Os Dois Magos da Bola», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - «As Tardes Frustrantes numa Burguesa Frustrada», às 21.30 (13 anos)
FOCO - «O Ano de Todos os Perigos», às 21.45 (12 anos)
ÁGUA - «Os Punhos de Aço de Sha-olin», às 21.45 (18 anos)
ESTÚDIO - «O Braço Violento de Kung Fu», às 21.30 (13 anos)
SALA-BEBÉ - «Revelações», às 21.45 (16 anos)
JULIO DINIZ - «Os Malucos Atacam», às 21.30 (Todos)
RAIONE - «O Vulcão», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «A Pantera dos Sete Ma-res», às 21.30 (6 anos)
SÃO JOÃO - «Laços de Ternura», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI - «Papillon», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «A Fúria do Guerreiro», às 21.30 (12 anos)
PEDRO CEM - «O Cristal Encantado», às 21.30 (Todos)
LUMIÈRE-A - «O Dia Seguinte», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE-L - «Yentl», às 21.45 (12 anos)
PASSOS MANUEL - «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)
CHARLOT - «Ser ou Não Ser», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE - «Zelig», às 21.15 (12 anos)
OLIMPIA - «A Liceal Seduz o Profes-sor», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

AREIRO - Vera Cruz, P. Afrânio Pei-xoto, 2-B (T. 884941); **BENFICA - ES-TAÇÃO** - URUGUAI: Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **CAIS DO SODRE** - Ultramarina, R. de São Paulo, 99-101 (T. 321771); **CALVÁRIO** - Monge, R. Lusitadas, 30-32 (T. 636704); **CAMPO GRANDE** - Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **CAMPOLIDE** - Oliveira, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); **CORTES** - RATO: Castro, Suc. R. de São Bento, 199-A (T. 660513); **ENCARNAÇÃO**:

teatros

Lisboa

VILLARET - «Super Silva», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE - «Diário de Uma Criada de Quarto», às 21.45 (13 anos)
ABC - «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (16 anos)
VARIEDADES - «Eu Desço na Pró-xima, e você?», às 21.45 (12 anos)
COMUNA - «Marat», às 21.30 (12 anos)
ACADEMIA ALMADENSE - Grupo de Campolide - «Os Retratos», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - «Sarah Bernhardt», às 21.30 (12 anos)
D. MARIA II - Sala Experimental - «Os Implacáveis», às 21.45 (13 anos)
TEATRO IBÉRICO - «Gardel, el Dia que Me Quieras», às 21.30 (13 anos)
BAIRRO ALTO - Comucópia - «A Mis-são», às 21.30 (13 anos)

PORTO

CAMPO ALEGRE - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
MODESTOS - «Lázaro», às 21.45 (13 anos)
POVO PORTUENSE - Selva Trupe - «O Amor de uma Mulher», às 21.45 (13 anos)
REALLEJO - «Memória no Espelho», às 21.45 (13 anos)
TEP - «Eles não usam Smoking», às 21.45 (13 anos)

Ascensão, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **GRÇA** - Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **LU-MIAR** - São Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **PICHELEIRA** - Mar-luz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO** - Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (T. 54424); **ODIVELAS** - Leilão, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 910051); **PONTINHA** - Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453)

REFORÇO

ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO DE SÃO JOÃO** - Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE** - Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **AVENIDA DA REPÚBLICA** - Cardote, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIRRO DE CÉLHAS** - Serejo, Zona J, lote 531, loja B (T. 852611); **BAIXA** - COLISEU: Centro Farmacêutico, R. Portas de Santo Antão, 88 (T. 321211); **BELÉM** - ALTINHO: Gomes, Suc. R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **BENEFICÊNCIA** - SETE RIOS: Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 761035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES** - Urbano Freitas, R. Silva Carval-ho, 1-5 (T. 662838); **CHILE** - ANJOS: Pereira Pinto, Av. Almirante Reis, 121-B (T. 545751); **MARVILA** - Freitas, R. Zólimo Pedrosa, 11-13 (T. 381136); **BRANDÃO** - AMADORA: Correia, Ur-banização Alformelos, célula G, lote 137, loja B (T. 993148); **BURACA** - AMA-DORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO** - Nova, R. Apores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO** - Matos, T. Pnoras (T. 2519939).

Outra banda

ALMADA - Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE** - Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Perma-nente; **LARANJEIRO** - Tovar Chaves, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA** - Carlos, Av. do Mar, 34-A.

farmácias

Quinta de Santo António (T. 2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA** - Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **LA-VRADIO** - Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO** - Pimenta, R. Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANNERIA** - Cardoso, Av. da Liber-dade, 159 (T. 2041044). Até às 19 ho-ras; **CORROIOS** - Universo, E. Nacio-nal, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA** - Nova Amorense, E. N. 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL** - Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO** - Moderna, R. Bu-lhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 19 horas; **MOTA** - União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS** - Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE** - Nunes, L. Cor-nel Ramos Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS - Branco, Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Per-manente; **LINDA-A-VELHA** - Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIRES** - Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÉ** - Carvalho, Bairro Padre P. Correia, 4-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA** - Luz, E. Nacio-nal (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS** - Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Per-manente; **OEIRAS** - Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCVELOIS** - Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Per-manente; **SÃO DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PARADE** - Aielr, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS** - Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE** - Imanl. Até às 22 horas; **MADORNA**:

Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA** - Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL** - Marques Santos, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS** - Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente

Linha de Sintra

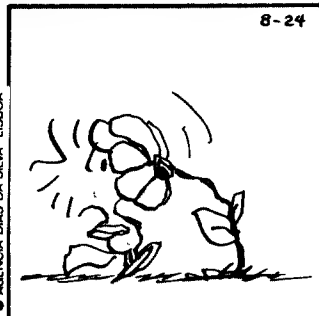
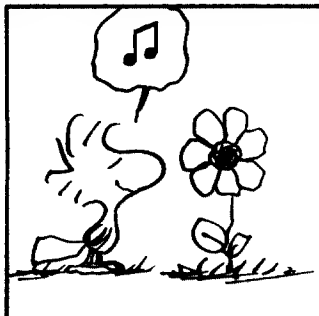
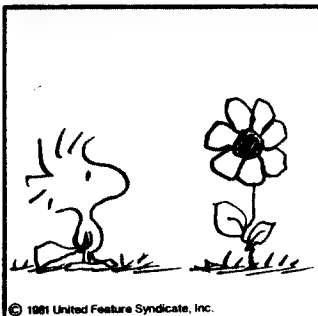
AMADORA - Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149). Per-manente; **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboloira (T. 9

DL

FORTE
PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico: DISBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
4.21 3,8 m 9.52 1,0 m
16.34 3,8 m 22.15 1,0 m
Dia 4
4.56 3,7 m 10.28 1,1 m
17.08 3,8 m 22.55 1,1 m

**TEMPERATURAS DO AR ÀS
SEIS HORAS:**

VIANA DO CASTELO 7°
BRAGANÇA 6°
VILA REAL 6°
PORTO 7°
COIMBRA 8°
CABO CARVOEIRO 14°
PORTALEGRE 7°
LISBOA 12°
ÉVORA 9°
BEJA 8°
FARO 12°
SAGRES -
PONTA DELGADA 11°
FUNCHAL 16°

últimas

**Relatório
de Terronhas
é "pouco
conclusivo"**

O ministro do Equipamento Social recebeu o relatório preliminar da CP sobre a recente colisão na passagem de nível de Terronhas, Paredes, entre uma camioneta e um comboio.

O mesmo informador adiantou que Rosado Correia considera «pouco conclusivo» o relatório que lhe foi ontem entregue oficialmente e que os termos da sua confidencialidade permanecem até quinta-feira, dia em que, em princípio, será discutido na Assembleia da República, apesar de não estar agendado.

O acidente, ocorrido ao princípio da manhã do dia 26 de Abril, entre uma camioneta de passageiros e um comboio, originou a morte de 16 pessoas e dezenas de feridos, alguns dos quais se encontravam ainda em estado grave.

A AGÊNCIA ANOP, por resolução do Conselho de Ministros hoje oficialmente publicada, foi autorizada a celebrar com o Estado um contrato de prestação de serviço semelhante ao já existente com a sua congénere NP. O contrato, no valor de 140 mil contos anuais, consiste na prestação de serviços noticiosos nacionais e internacionais, com especial relevo para o intercâmbio informativo entre o Centro e as Regiões e entre Portugal e os diversos países ou núcleos de expressão portuguesa. Com a celebração deste contrato com a ANOP, é intenção do Governo assegurar às duas agências noticiosas portuguesas o exercício do seu objectivo em moldes idênticos, assentes na auto-suficiência financeira e no rigor da actividade desenvolvida. De acordo com a resolução, que tem a data de 19 de Abril, é determinada a dispensa de realização de concurso «face ao interesse público dos serviços a contratar e à estrutura do mercado nacional».

CINCO ESCOLAS ASSALTADAS numa série que pela habitualidade já não espanta ninguém. Nas últimas 24 horas, na área de Lisboa, foram alvo de furtos e danos as escolas de Caneças, Bobadela, e Quinta do Marrocos a Benfca, a Universidade Técnica de Lisboa e o Liceu da Amora.

FALECEU HOJE CARLOS FERNANDES DE BARROS QUEIRÓS, de 78 anos, natural de Sintra, pai de Tomé Barros Queirós, irmão do dr. Vasco Barros Queirós e tio do jornalista José Garibaldi.

O extinto foi durante muitos anos representante em Portugal dos jornais brasileiros «O Globo» e «Mundo Português». Tinha várias distinções honoríficas, portuguesas e brasileiras. O funeral realiza-se, sexta-feira, às 11 horas, da Basílica da Estrela para o cemitério dos Prazeres.

Falando na SEDES

**Balsemão manifesta
abertura a governos
presidencialistas**

A hipótese de «evolução para um sistema de governo presidencialista» deve ser encarada «sem complexos nem receios», de acordo com afirmações feitas ontem à noite por Pinto Balsemão numa conferência integrada no ciclo promovido pela SEDES, com ex-primeiro-ministros, sobre «Políticas de desenvolvimento económico e social nos diferentes Governos Constitucionais».

«Penso que é necessário debater, sem complexos nem receios, a hipótese de evolução para um sistema de governo presidencialista, mediante o qual se dê ao País a garantia de que um homem eleito pelos seus concidadãos governará com a sua equipa durante quatro ou cinco anos sem ser derrubado ao fim de alguns meses, a meio ou a três quartos do seu mandato, pelo Parlamento, pelo seu partido ou pela desagregação de uma coligação» — disse Pinto Balsemão.

Salientou ainda a necessidade de efectuar esse debate de forma a concluí-lo «a tempo da revisão constitucional de 1987, já que uma revisão constitucional antecipada por maioria de quatro quintos se afigurava inviável, nas actuais circunstâncias

políticas».

Pinto Balsemão sublinhou também a necessidade de um «vasto acordo para a regeneração de Portugal», recordando: «esse acordo nacional formou-se em 1974 quando derrubámos a ditadura e renovou-se em 1975 quando derrotámos o PCP. Não será possível ressuscitá-lo em plena década de 80?».

Na sua intervenção, Pinto Balsemão começou por analisar a situação internacional e a situação interna na altura em que foi chamado ao Governo, em 1981. Abordou a actuação dos executivos a que presidiu ao longo de 29 meses, entre 1981 e 1983, e, por fim, preconizou a necessidade de uma maior libertação da sociedade civil, da assumpção de uma «verdadeira noção de Estado», da estabilidade política, da criação de governos presidenciais e da regeneração nacional.

Depois de afirmar que a experiência da AD veio abrir uma nova era na vida política nacional, Balsemão observou: «Pela primeira vez tivemos uma maioria parlamentar apoiante de um Executivo», sublinhando depois que os princípios de funcionamento do Estado e as teses económico-sociais defendidas

pela AD deixaram «de ser contra-revolucionárias e são abertas ou mal disfarçadamente copiadas pelo poder político actual».

Recordou que ao longo dos 29 meses em que foi primeiro-ministro se procedeu à revisão Constitucional e criticou a dissolução da Assembleia da República em 1983 afirmando que ela originou «a criação de um clima que provocou novas desconfianças e que gerou mais tarde uma espiral inflação-desemprego de consequências difíceis de prever».

Salientou que durante os seus governos se deram passos importantes para o avanço das negociações sobre a adesão de Portugal à CEE e nas relações com os países africanos de expressão oficial portuguesa, provando que «entre Estados se avança mais rapidamente entre partidos e entre pessoas».

A concluir, acentuou a importância de «as posições de Estado serem assumidas em todas as circunstâncias» e disse que «em Portugal tem-se votado mais nas pessoas que nos partidos» sendo por vezes difícil perceber as diferenças programáticas entre os partidos sobre os assuntos mais importantes.



**Noite ao relento para serem
novos pilotos de rallyes**

O programa «Onde está o ás?», lançado pela Ford Lusitana e pela «Diabolique» ultrapassou qualquer expectativa. Milhares de jovens que querem aproveitar a oportunidade de se tornarem pilotos de rallyes acorreram por toda o País aos concessionários Ford.

Muitos passaram mesmo a noite de 1 para 2 de Maio ao relento para estarem entre os primeiros 600 admitidos ao concurso.



Atenção ao urso polar

Perto das pequenas Corwallis: David Hempleman — Adams, um inglês de 27 anos, caminha de espingarda em punho (não vá aparecer-lhe algum urso polar) durante a sua tentativa de ser o primeiro homem a ir, a pé, até ao Polo Norte magnético. (NP/DL).



Joe Cocker preso em Viena

Joe Cocker, conhecido cantor de «rock» britânico, entre dois polícias em Viena de Áustria. Cocker não compareceu a um concerto na capital austríaca porque se embebedara, mas já tinha recebido o dinheiro pela sua actuação... (NP4DL)

Dois dias no Pavilhão dos Desportos

**Oitocentas congressistas
discutem o MDM**

Uma grande festa de solidariedade e luta em que além do debate dos problemas não faltarão apontamentos culturais, exposição de artes plásticas e oficina de arte, deverá ser o segundo Congresso Nacional do MDM, nos próximos dias 19 e 20, no Pavilhão dos Desportos.

Está já assegurada a presença de oitocentas congressistas de todo o País. Em vez de delegadas, optou-se pela participação de congressistas, pois o congresso será aberto a todas as mulheres que nele queiram participar e funcionará em plenário nos dois dias.

Em conferência de Imprensa realizada esta manhã nas instalações do MDM, Maria José Gomes e Isaura Vieira, do Secretariado Nacional e Idalete Monteiro, da Direcção Distrital de Setúbal, expuseram pormenorizadamente a preparação e o programa deste segundo Congresso Nacional (o primeiro foi em 1980).

«Mulheres em movimento pela igualdade e a paz» é o lema do congresso, sendo temas dos

vários painéis «Mulheres em movimento pela igualdade e democracia», «Movimento de mulheres para mulheres, o MDM» e «Em defesa da vida e da paz».

Serão discutidos igualmente alguns documentos fundamentais do Movimento Democrático de Mulheres, como sejam a Carta dos Direitos da Mulher, o documento-base que está entretanto em discussão em toda a organização do MDM como trabalho preparatório e os estatutos do movimento. Serão igualmente eleitos os órgãos de direcção do MDM: o Conselho Nacional, com cerca de 150 membros, a Direcção Nacional, com 45 e o Secretariado que a partir desta eleição será constituído por membros de Lisboa, Setúbal, Porto e, pela primeira vez, de Santarém e Leiria.

Está assegurada a participação na exposição de artes plásticas de Maria Keil, Mett Gauquim e Teresa Dias Coelho e de Maria do Céu Guerra, Eugénia Melo e Castro, Fernanda Lapa e Jo Apoloni, em apontamentos culturais.

PARIS PAS CHER (II)

Arriba Franco

Ramiro S. Osório

25 de Dezembro

Olá Susana

Não te assustes. Não se trata do espanhol nem do suíço — mas muito modestamente do franco francês.

Será necessário um estratagema para falar de massa num página literária? (a propósito: a ANOP já te pagou?)

Quando de um produto de joalheria se faz uma tiragem de apenas dez exemplares, deve ser possível afirmar que se passou da bijutaria à arte.

Assim direi que o grande acontecimento artístico que Paris nos reservou para o fim de 83 foi uma espécie de chave de lata de sardinhas destinada a espremer tubos de pasta dentífrica.

Amolgar por amolgar, a César o que pertence a César: esse tipo de aparelho compressor não nasceu ontem, já há alguns anos que ele é conhecido por uma elite de maníacos cuja obsessão é a economia. A novidade — nestes tempos críticos — é o joalheiro Bulgari ter lançado um modelo em prata maciça, do qual existem apenas dez exemplares. Custo da unidade: 2500 francos, ou seja à volta de 40 contos. Honestamente, cumprimento salientar que a esse preço se deve retirar o valor representado pela pasta dentífrica economizada.

A chave mágica de Bulgari é exemplar. Dir-se-ia que ela foi inventada para simbolizar as consequências paradoxais (?) da crise sobre o comércio francês. Porque, se por um lado o Banco de França anuncia uma redução de 6% no consumo dos franceses em 1983, por outro lado os produtos de luxo encontram-se em tal expansão que não resisto a infligir-te alguns números.

Percentagens do aumento de vendas em 83:

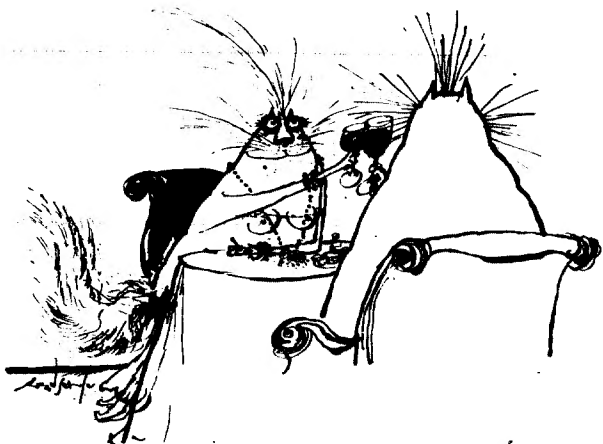
BMW (automóveis): 37%; Bulgária (a já citada joalheria): 35%; Cartier (joalheiro): 32%; Ferrari (Automóveis): 30%; móveis de antiquário, grandes costureiros, caviar: 30%; Porsche (automóveis): 20%; Mercedes (automóveis — foi a venda dos modelos a 3200 contos que mais progressou): 17%.

Poder-se-á dizer que Paris continua a ser uma festa (1) (?) Ou será antes «o dia seguinte» que já começou? E os que têm preferem gastar já o que os outros não têm.

Também aqui estamos longe de qualquer paraíso, mesmo artificial, longe do tempo e do lugar em que tudo é «ordem, beleza, luxo, calma, voluptuosidade». Mais perto de Orwell do que de Baudelaire(2)?

(1) — Talvez convenha atribuir a metáfora a Sara Murphy e não a Ernest Hemingway.

(2) — Não te esqueças que Baudelaire apoiou a repressão da Comuna, porque os communards eram «inimigos dos perfumes e das flores»



Ronald Scarle, Tête-à-Tête, ed. Nouvelles Images

O gótico, os fantasmas e o terror

Foi uma excelente ideia ter-se reunido Le Château d'Otrante de Horace Walpole, L'italien de Ann Radcliffe, Le moine de Matthew Lewis, Les elixirs du diable de E.T.A. Hoffmann e Melmoth de Mathurin. Há entre essas obras-primas do que já se tem chamado «romance negro», ou «romance gótico», conforme as ocasiões, uma segura unidade e um tom comum. Mas, ao mesmo tempo, cada um deles é diferente dos outros e parece-se apenas consigo próprio.

Vemos isso precisamente quando lemos, um a seguir ao outro, Le moine e Les elixirs du diable. Disse-se já apressadamente, que Hoffmann plagiara Lewis e que a sua obra era simplesmente uma cópia do romance inglês. Se é verdade que Hoffmann se inspirou em Le moine, também imediatamente se percebe que fez dele outra coisa: a história, em parte, é a mesma, mas os temas divergem em absoluto. A inquietante crueldade de Lewis sucede-se a inimitável fantasia do «fantasiador» alemão. Aquilo que, apesar de tudo, é comum às cinco obras é a estranha atmosfera que nelas reina: uma atmosfera feita, simultaneamente, de crueldade e de um negro erotismo. E por isso o editor intitulou o conjunto de Romans terrifiants.

Le château d'Otrante, que data de 1764, fez de Horace Walpole um precursor absoluto. Paul Eluard acentua este facto no prefácio que fez para a edição francesa: «Horace Walpole foi o precursor do romance negro: de Mathurin (pela encenação), de Lewis (pela apaixonante precipitação dos acontecimentos), de Ann Radcliffe (pela atmosfera e pelo direito ao absurdo) e até de Achin d'Amim (pela frieza no insólito)». Paul Eluard tem razão ao recordar, de passagem, Arnim, geralmente pouco considerado, embora algumas das suas narrativas — Les héritiers du majorat ou Isabelle d'Égypte — se contem entre as maiores realizações do género.

L'italien é, como Le moine, de 1797. Hoffmann publicou Les elixirs du diable em 1816. Melmoth é de 1820. Os acontecimentos da Revolução Francesa e as guerras imperiais estavam muito frescos. Não devemos desprezar esta circunstância, pois a sombra da guilhotina vagueia nestas páginas e não há dúvida de que, exceptuando Walpole, existe nestes escritores como que um reflexo do Terror (não já mítico mas real e histórico). O dr. Guillotin e o Marquês de Sade estavam à cabeceira do leito em que nasceu esta produção literária na qual as fugas, o rapto, a violência, a astúcia, as protagonistas descabeladas são moeda corrente!

O romance de meter medo é também um romance do lugar fechado: o castelo, o convento, o albergo. Tudo é maquiado da maneira mais estranha. Em Le château d'Otrante há um elmo de dimensões gigantescas que esmaga uma criança — o que despertou o mais vivo interesse dos surrealistas. No início da sua



obra, Ann Radcliffe tinha feito tudo para manter a lógica e para dar explicação racional a todos os fabulosos acontecimentos com que enchia os livros. Mas, com L'italien ou le confessionnal des pénitents noirs, entregou-se também à vertigem — embora o seu fantástico seja uma fantástico dos sentimentos. A sombria grandeza de Le moine deve-se a uma espécie de pano de fundo quase metafísico. Balzac viria a lembrar-se de Mathurin para escrever Melmoth réconcilié. É que Mathurin tinha levado o romance de terror ao cúmulo. De certo modo, pôs ponto final à evolução do género. De Walpole a ele, o ciclo estava fechado.

No fundo, foram reunidos neste volume os cinco arquétipos do romance de terror. São livros inaugurais e, nessa qualidade, são realmente significativos.

HUBERT JUIN

* Romans terrifiants, prefácio de Francis Lacassin. Robert Laffont, col. «Bouquins», 980 p., 89f.

Hoffmann erótico
Os prazeres da
«irmã Monika»

Eis, incontestavelmente, o «fantasiador» essencial: inventou tudo aquilo que nos causa preocupação, se é verdade que nunca se inventa senão o que existe; mas é necessário ainda revelar o real, levantar os véus que cobrem Isis. Ora, numa admirável fantasia que tem por título «Irmã Monika» e cuja paternidade lhe foi por muito tempo contestada, Ernst Theodor Amadeus Hoffmann, sem quem o romantismo alemão não seria o que é levanta as saias de cima e de baixo de Isis e desata-lhe a touca: ei-la nua e toda entregue ao prazer.

Como escreve o autor, ela tinha «o esmalte rosado de uma Psyché francesa». E, à vista de tantas e tão belas criaturas, ele iria ao ponto de perdoar tantas e tão más acções ao imperador dos franceses: «As roupas tinham-me subido todas para a cara e tudo — ventre, vulva, coxas, nádegas — tudo brilhava aos raios do sol

poente, cuja bola avermelhada, quase a desaparecer, roçava os cimos dos arbustos»...

Uma inversão
da moral comum

Portanto, durante muito tempo se contestou o livro, clamando aos quatro ventos que esse escrito licencioso não provinha, de modo nenhum, do gabinete de Hoffmann. Esta opinião foi tão constante que a tradução do livro (muito bela), feita por Madeleine Laval, foi publicada em França por Eric Losfeld em 1966 sem o nome do autor. É verdade que a história do manuscrito é complicada e que o seu desaparecimento tem algo de romance negro. Mas fica a prova extrema, que é a leitura do próprio texto. Soeur Monika é de Hoffmann, sem sombra de dúvida, porque só Hoffmann podia escrever Soeur Monika. Este romance, feito de fantasmas e de assombraamentos, de sonhos eróticos, vem encerrar a iniciativa das Editions Phébus, que nos tinham prometi-

Continua na pág. 2

O gótico, os fantasmas e o t



Desenho de Cagnat

Continuação da pág. 1

do a edição integral dos contos e romances de Hoffmann. Falta um título no conjunto, mas esse podemos encontrá-lo também noutra editora: é o *Chat Murr*.

Acho significativo que esta série termine com o belo fogo-de-artifício e com as roupas levantadas de *Soeur Monika*. André Pieyre de Mandiargues fez para esta edição um prefácio saboroso e justo no qual acentua a simpatia que sente ao ler *Soeur Monika*, por, como ele diz, «uma necessidade de chocar, uma tendência para a provocação que chega a ser furiosa e cujo objectivo, confissão ou não, próximo ou longínquo, seria a inversão da moral comum e a libertação em relação às suas leis». Nada de mais exacto! E é assim que descobrimos, graças a *Soeur Monika*, aquela faceta de Hoffmann que alguns quiseram ocultar mas que em França foi adivinhada por Jean Mistler: já não era unicamente o homem dos sonhos, mas sim, à maneira de Diderot, o «filósofo». É verdade que era a Crêbillon filho que ele atribuía esta espantosa ficção; mas isso não chocará ninguém se se pensar no que a época sabia.

Há melhor, sem dúvida: o que está incessantemente presente em *Soeur Monika* é a leitura de Sade. Falo do «divino marquês», não porque o nosso «fantasiador» de Königsberg tenha grande prazer em levantar as saias e dar nalgadas nos belos modelos de Boucher, mas porque ele se interroga acerca da Lei, do Poder, do Estado — sobre o que é o cidadão e o que é o soberano. Fala de «cu» abundantemente em *Soeur Monika*, é certo, mas esse «cu» é tanto o privado como o público, a organização da sociedade e a existência do indivíduo. Este livro, que esteve escondido durante tanto tempo, aparece-nos como uma das chaves fundamentais não só da obra de E.T.A. Hoff-

mann mas também desse momento da sensibilidade dos homens a que se chamou romantismo. Hoffmann, contaminado por Jean-Jacques Rousseau — eis o que deve ser examinado com atenção: «Aquilo que a nossa natureza e a nossa educação têm de presunçoso ergueu entre os homens uma parede indestrutível: e essa parede é o maior, o único obstáculo para o conhecimento de si». Hoffmann pensava o mundo à sua maneira — e desesperava de refazê-lo.

Temos de acrescentar que *Soeur Monika* é uma narrativa desconjuntada: é feito de parcelas e fragmentos, de onirismo e de irrealismo sexuais. Uma freira transforma-se em homem; um cristão perde o prepúcio; as virgens são insaciáveis; e as sevícias só dizem respeito ao gozo. Hoffmann, músico a envelhecer e pobre, apaixonara-se perdidamente por uma rapariguinha de 14 anos, Julia Marc, casada com outro homem. Certamente que se embriagou com essa paixão a ponto de fazer-se filósofo. É por aí que o livro começa e é por aí que ele acaba: por um desregramento que sublinha e designa, enfim, o surgir das maravilhas: «E é assim, cara Lucile, que eu filósofo de boa vontade. Quanto à maneira como amo e odeio, quero que a conheça hoje mesmo. Venha!», para conhecer tal maneira é preciso acompanhar o autor. Hoffmann é senhor do sonho. Entre a fraqueza da sua pessoa e as suas desgraças, nos vapores do punch, que era a sua bebida favorita, descobriu impudicamente aquilo que conduz o mundo: as mulheres.

HUBERT JUIN

* *Soeur Monika*, de E.T.A. Hoffmann, prefácio de André Pieyre de Mandiargues, tradução para francês de Madeleine Laval. Phébus, col. «Verso», 153 p., 60f.

- Foram já publicados 13 volumes pelas Editions Phébus. Entre eles contam-se os 4 tomos, que até agora estavam incompletos na tradução francesa, da série intitulada *Les Frères de Saint-Sérapion*.
- Gallimard, col. «L'Imaginaire».
- A obra de Jean Mistler *Hoffmann le fantastique* foi publicado em 1950 e reeditada em 1982 pela Albin Michel. Continua a ser indispensável.

No castelo Um número da revista «Europe»

Depois dos *Cahiers de l'Herne* sobre o romantismo negro e dos *Châteaux de la subversion* de Annie le Brun, o romance «gótico» ou de «terror», conservando embora todo o seu encanto, perdeu alguns dos seus mistérios. As invenções de Walpole, de Ann Radcliff, de Lewis e de Mathurian lançaram-nos, todavia, ainda, um desafio que desorienta os exegetas. Vagueiam, com Marx e Freud por viáticos, em busca de uma entrada, de chaves, de sentido.

Um número da revista «Europe» vem, por sua vez, explorar «os meandros e recantos do imenso labirinto». Principia por tirar do esquecimento os autores franceses ignorados e as suas obras frenéticas: *Alexis ou la maisonnette dans les bois*, de Ducray-Duminil, e *Pauliska ou la perversité moderne*, de Révéroni Saint-Cyr. Todo um mundo de máquinas celibatárias, de florestas assombradas, de castelos, de masmorras, sai das sombras de Sade onde dormia.

Ao estudar o «itinerário» em França dos *Mystères du château d'Udolphe* de Ann Radcliff, Chantal Tatu faz luz sobre «um inesgotável campo de símbolos». Alain Faure mede a influência do *Le moine* de Lewis sobre os *Elisirs du diable* de E.T.A. Hoffmann. O «negro» no teatro, o *Souterrain initiatique* de Lequeau, o *Golem* de Meyrink e *Madame Putiphar* de Pétrus Borel são margens do género que a revista explora também sem esquecer o centro.

A leitura de Artaud e de Gracq, lembrada por Jacqueline Chénieux, veio acentuar a modernidade desses escritores, apanhados num «ardente esgarçamento». Cada um deles construiu as suas cidades entre a angústia e a loucura, no vazio, no nada, nas paragens da utopia. Os seus enigmas, cujos fossos, contrafortes, muralhas e portas são apenas figuras intermutáveis, merecem que os resolvamos.

RAPHAEL SORIN

- * *Le Roman Gothique*, Revista «Europe», n.º 659, 220 p., 60 f.
- 1. Garnier — Jean Jacques Pauvert, 1982.
- 2. Reeditado pelas Editions José Corti. 90 f.

Espadeiradas no Além Contos fantásticos da China antiga

Aí está um livrinho discreto, modesto, lindamente apresentado em papel «verge» de cor marfim, admiravelmente traduzido e que nos fará saborear mil mortes!... Fala-nos de mortos incómodos que não são capazes de ficar ajuzadamente nas suas covas e vêm assustar-nos e importunar-nos; fala-nos de fantasmas de todos os géneros que vêm morder-nos os ombros, enterrar as unhas nos nossos joelhos; fala-nos de demónios cabeludos, gulosos por corações humanos, que levam as meninas e os meninos; fala-nos de almas famélicas que rondam mais ou menos perto do seu antigo invólucro físico na expectativa de reincarnação.

Intitulado *Aux portes de l'enfer*, este apanhado de narrativas fantásticas da China antiga é obra de Jacques Dars, cuja tradução do romance de bandidos *Au bord de l'eau* (1) foi unanimemente aplaudida há cinco meses. Desta vez faz-nos descobrir, não um grosso volume de duas mil páginas mas uns contos cruéis e extremamente breves que datam, em geral, da época das Seis Dinastias (22-589) e do período dos Tang (618-907) e que, na sua maioria, se encontram na *Grande Complicação da Era Taiping*

(976-984), enorme colecção reunida por ordem imperial na época dos Song do norte. Podemos fazer ideia do enorme trabalho que o tradutor deve ter tido com os 500 rolos de contos para deles extrair as 60 histórias que diabolicamente reuniu.

Mas que o leitor não imagine, porém, que estes textos se destinam aos especialistas da literatura chinesa! Teriam feito as delícias dos surrealistas com a sua colecção de fantasmas, almas do outro mundo, súcubos, vampiros, lémures, demónios e demónias insidiosamente aterradores, espíritos do Além que nos fazem pensar nos *Contos da Lua Vaga depois da Chuva*. Insólitos fenómenos que em todas as épocas estimularam a imaginação dos chineses (e dos japoneses) e são a tradução simbólica de usos religiosos budistas, especialmente de carácter funerário. Jacques Dars, no seu notável prefácio-pára-raios, inicia com humor o leitor e prepara-o para a convivência com os espíritos, com essas palmas penadas que transpõem, sem parecer, a linha divisória entre o real e o imaginário, entre o morto e o vivo. «Se um morto for inumado segundo os ritos, se lhe tiverem sido feitas as oferendas rituais e se a sepultura não tiver sido violada nem perturbada, não haverá motivo nenhum para que ele se intrometa no mundo dos vivos» — avisa Jacques Dars. «Tudo é muito diferente em caso contrário, e se os mortos felizes não têm história, os mortos infelizes fazem histórias de certeza!».

E que histórias! A manifestação desses espíritos malfazejos para se fazer recordar pela memória dos vivos — e, às vezes, para os matar — é completamente de estarrecer: demónios que aterrorizam a população, aldeias assombradas, demónias que se nos enfiem na cama, raparigas de extrema beleza enfeitadas por um demónio, uma mulher cortada em duas e da qual fica só «metade do corpo, com um braço e uma perna», mas cujo mando cola meticulosamente a outra metade (viveram até à velhice e tiveram muitos filhos!); e ainda aquele fan-

asma que assombrava a residência do comandante-chefe das tropas e se queixava do cheiro nauseabundo provocado por umas latrinas muito próximas da sua cova («Serás general e eu ajudarte-ei», prometia o fantasma).

Nem todas estas macabras narrativas têm final feliz; em poucas linhas é esboçado o cenário e exposto o fulcro do drama; o Yin e o Yang unem-se e

O gosto do s

O defunto Teatro do Grand Guignol um espectáculo de horror, inundado de sangue. Lechner, que salpicaria primeiras filas juntamente com a leitura do romance (?) de Valentin coleção de bolso «L'Imaginaire» efeito, em rios de sangue que escoam libertando um cheiro adocicado. Tanto mais que tudo é verdadeiro e que os góticistas do processo de 1611 atestam além de todas as ficções.

A França teve Gilles de Rais e Bathory, essa condessa sangrenta XVI fez perecer mais de 600 m jovens em torturas infligidas nas câmaras.

Valentine Penrose, que antes de Roland Penrose, amigo dos surrealistas em 1962, no «Mercure de France» angustioso erotismo desafia toda a imaginação. Leva-nos até àquele onde reina o diabo, assistido por bruxas servidas por cães e gatos negros. De Csejthe, nos confins da Eslováquia, ainda há vampiros a aspirar o sangue destinado a ser despejado dessa.

Indo além do livro de história (crianças nem a espíritos sensíveis mulher loira — devido a lavagens de água de cinzas, camomila selvagem contempla num espelho de formas púrpura desenhado, para nele apoiar horas a fio, sem se cansar, a cont. Uma imagem pálida, de um jovem mente se sobrepõe à figura dessa meninas, que sonha brilhar na cortina sombra desfilam as cenas alucinantes. Condenada a prisão perpétua, Er em 1614 com 44 anos, «sem cruz»

La Comtesse sanglante, de Valentine Penrose. Gallimard, col. «L'Imaginaire», 230 p., 26f.

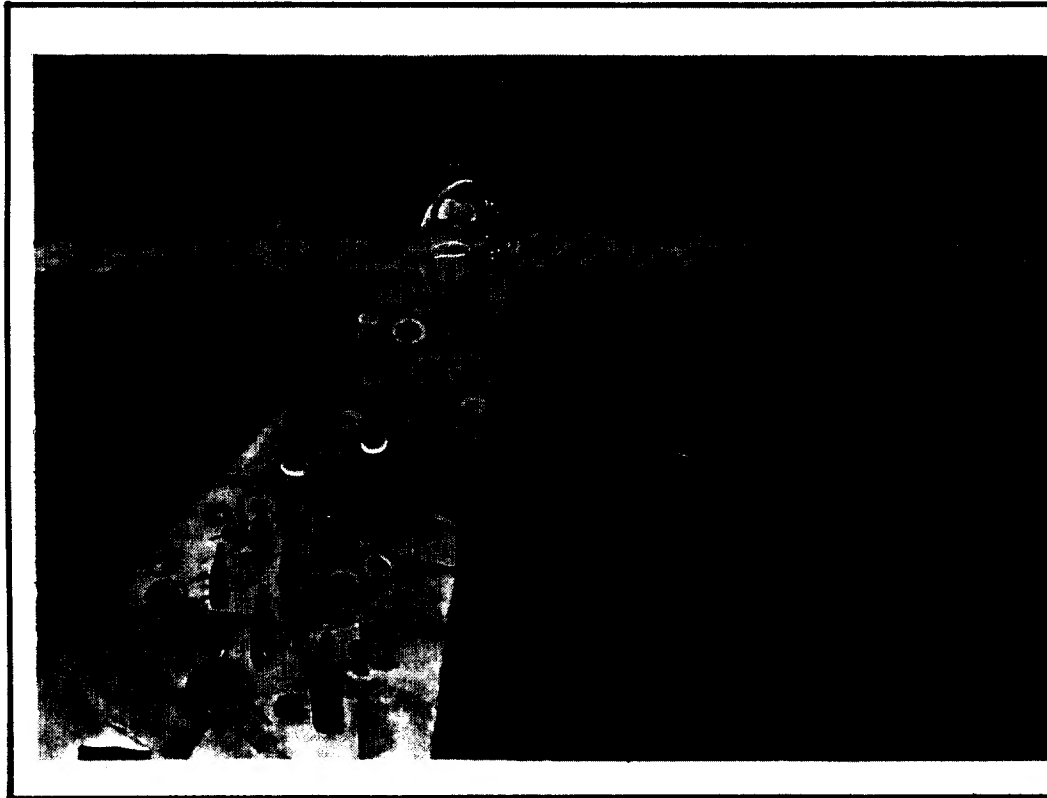
EXPOSIÇÃO

‘A arte búlgara co

Uma importante exposição sobre «A Arte Búlgara», vai ser inaugurada, na Fundação Leria de Exposições Temporárias, n.º 18 e 30. Constituída por pintura, desenho, escultura, nela estarão representados 85 porâneos, com cerca de 200 obras, e apresentados os grandes artistas Svetoslav Dimitrov, Ivan Dinev, e Dimitar Dinev da Academia e da Associação Internacional de Pintores Búlgaros.

O texto do catálogo é da autoria de Valentin Penrose, que em breve chegará a arte búlgara tem um carácter próprio: típica, uma vivência na pintura, na escultura, nas artes dos outros países, traz as tendências, os problemas plásticos, no mundo. Na sua essência e estrutura europeia». Por outro lado, «A formação da arte búlgara é um processo complicado, muito no seu género, no desenvolvimento da arte».

Trata-se de uma importante e signifi cativa definição da Arte da Bulgária, face à Europa. Mostra-nos também a evolução da arte búlgara desde o século XVIII, quando era ainda criada, presa, escravidão de carnificinas e o seu País subjugado.



terror

separam-se e o epílogo chega rapidamente, fulgurante como uma espadeirada que todavia apenas feriu sombras.

NICOLE ZAND

* Aux portes de l'enfer, Récits fantastiques de la Chine ancienne, de Jacques Dars. Editions Nulle Part (distrib. Distique), 118 p., 60.
1. Au bord de l'eau, La Pléiade, 1978, dois tomos.

o sangue

Guignol podia ter tirado disto inundado pelas cápsulas de cariam os espectadores das m a condessa sangrenta!... A entine Penrose, reeditado na aire» (!), mergulha-nos, com escorre por entre as páginas ado que acaba por agoniar. o e que os textos dos interro- atestam uma realidade que vai

is e a Hungria teve Erzsébet rente que no final do século m jovens, espancadas até às câmaras secretas dos seus

es da guerra foi casada com urrealistas e de Picasso, pu- le France», esta história cujo a todas as impossibilidades ueles palácios dos Cárpatos or bruxas que por sua vez são ros. Leva-nos àquele castelo ováquia, onde imagina que vaso de barro que contém o pejado nos ombros da con-

ria (que não é para contar a íveis), a autora mostra-nos a ns dez vezes repetidas com olvagem e açatão — que se mas retorcidas, por ela pró- ar os braços e poder ficar contemplar a sua imagem... vem vampiro, que obstinada- essa bela jovem, mãe de duas corte de Viena, enquanto na cinantes das salas de tortura. a, Erzsébeth Bathory morreu cruz e sem luz».

NICOLE ZAND

ÇÃO

contemporânea'

«A Arte Búlgara Contemporânea Gulbenkian, nas suas Ga- s, n o próximo dia 4 de Maio, às esenho, gravura, aguarela e es- os 85 artistas búlgaros contem- s, e em que estarão também re- Svetlin Russev, presidente da e Detchko Uzunov, presidente emacional de Artes Plásticas. a de Atanas Neikov, comissário gará a Lisboa. Segundo ele, «A r: uma sensibilidade profunda na escultura e na gráfica, dife- s, traz a questão do dia de hoje, icos, e procura da arte plástica utura interna, ela pertence à arte ação da arte búlgara contempo- a, multifacetado e, talvez, único to da arte europeia contempo-

significativa exposição de arte, e à arte contemporânea da Eu- ução do artista búlgaro que, em ravo, pobre pintor de ícones, ví- bjugado». Hoje, é uma arte ver-

II Heyeronimus Bosch: o Jardim das Delícias

fernando Guerreiro

«Vê quanta coisa disforme formosa e quanta coisa formosa disforme.»

RECORDO, antes de mais, o que escrevi num dos textos mais antigos: «O que deve ser o traço poético está bem expresso nas figuras desenhadas por Heyeronimus Bosh para o Jardim das Delícias. Eis-nos face a face com uma lúcida conquista do mistério. Repare-se na caligrafia claríssima que permite, simultaneamente, que o espectador compreenda e se distancie... Coisas há que só se podem saber depois de as ter vivido pela dor e com o físico. A violência e o absurdo da composição são, assim, projectadas para o olhar do outro, que refaz a sua obra na justa medida do conhecimento directo que tem das suas paixões (ou do seu íntimo, sentido)...» (*)

Paro, assim, para o rever (ou o reler: em mim, o sentido da sua pintura). Fixarme-ei, apenas, em alguns aspectos — os que mais me interessam — da sua obra.

Em primeiro lugar o nome de Bosch. Pintor enigmático, moral ou de anedotas?

Em *Les Mots dans la Peinture*, Michel Butor, a propósito da pintura (gravura) emblemática de «exemplos» refere que, quando o emblema surgia só por si, sem comentário/legenda, constituía sempre como que um apelo (nessa situação de dependência) para que, pela legenda, fosse completado ou preenchido de sentido («o quadro tornava-se então um enigma cuja solução poderia ser, por exemplo, o nome do santo que devia ser pronunciado» - op. cit. p.66, cf. tb. pp.70/2).

No caso de Bosch, contudo é talvez mais correcto dizer que o autor usa a alegoria contra as unidades tanto da perspectiva (representação do espaço), como da figuração e do sentido (sobretudo o alegórico) da pintura.

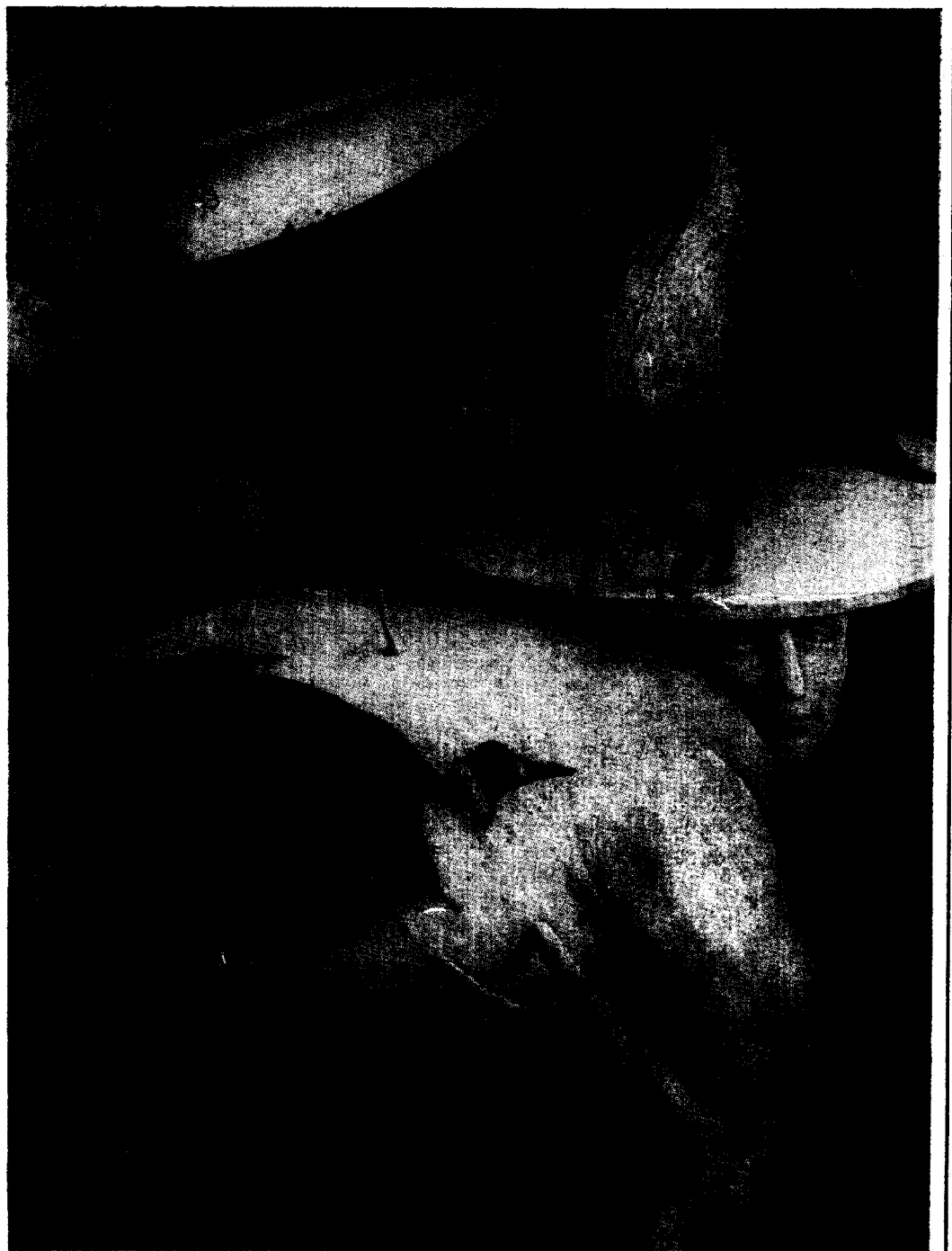
Esta prática de constante ruptura — por deformação, excesso (redundância) ou transgressão (desvio das normas representativas e da alegoria) — leva tanto a uma fragmentação e deperdição, ao longo da tela, do sentido (um sentido que, como unidade — na prática da escrita e da leitura —, se cinde) como a uma inscrição do/e no significante do trabalho do sentido e da pintura.

A «modernidade», como se diz, da pintura de Bosch residiria, assim, nessa tendência desconstru-

tora (das velhas unidades e dos velhos sentidos) que institui, ainda que a um nível experimental e empírico, um novo conceito (possível) de pintura: pintura como prática significativa e não como mero trabalho de transcrição ou tradução iconográfica do sentido.

A leitura mais produtiva das telas de Heyeronimus Bosch não me parece assim ser a que hoje se dedica a inventariar o múltiplo sentido dos seus inúmeros índices figurativos (a que se abisma no problema iconográfico da «representação» do sentido) mas aquela que, aquém e para lá dos sentidos (mais ou menos directamente investidos: o nosso próprio desconhecimento de grande número (de pontos de referência empobrece uma leitura que se atenha à mera problemática do significado dos símbolos), procure sempre, mais do que os «reler», produzir a partir dos materiais da tela (figuras, conjuntos, manchas e traços de estilo) os seus mecanismos de produção e de significância (questão que determina, num plano mais profundo, a própria «produção dos sentidos»)

(*) Dito isto, referirei apenas algumas zonas particulares de inscrição no significante desta deperdição ou inversão (opacizante) do sentido — a saber: a) diferença que na representação alegórica da tela (composição cheia, muito cerrada, miúda) constitui sempre a paisagem e o horizonte (um infinito especular que sobre-determina, em efeito de feedback, tanto a cena alegórica como o espaço irreferível do divino) (2); b) o processo estilístico da deformação (do figurativo) (3); c) a constante instância de inversão e de inscrição no significante que, nos seus quadros, o erótico constitui (o erótico, como processo do significante, produz-se para lá do figurativo — ou seja, a materialização da diferença ou das marcas de uma diferença no signo processa-se para lá da própria deformação quantitativa da figura e portanto da própria problemática da tensão/dialética da censura e do desvio) (4); d) a contradição existente (agora sim, no plano dos sentidos) entre o sagrado e a negação do seu (transcendente) sentido (a questão do heretismo, em síntese) — contradição que, acrescente-se, tal como sucede com as tensões do erótico, pesa no mecanismo



H. Bosch, o Jardim das Delícias (pormenor)

de significância (crítica, em ruptura) da pintura mas que, só por si, apenas determina certas inversões no plano da produção (relativamente mais consciente) dos sentidos (explícitos) da pintura (5).

Deste modo, o que é característico de Bosch não é tanto a inversão ou contestação dos sentidos mas o princípio de reversibilidade que ele institui, no domínio dos sentidos: esta neutralização do sacro — como instância preferencial do sentido limpa, por assim dizer, o campo da tela e da pintura, abrindo-a a um suceder-se cada vez mais livre e produtivo da materialização (e inscrição) dos sentidos (e da pintura).

Assim, a «modernidade» da pintura de Bosch estaria mais na materialidade da sua prática do significante do que nos seus desvios alegóricos ou figurativos.

Uma leitura produtiva, hoje, da obra de Bosch deve não perder-se na sua iconografia mas procurar reformular a sua produtividade específica. O que se pede ao espectador não é paciência para acabar o «puzzle» mas júbilo para formalizar de novo (em termos operatórios) a questão do seu sentido...

NOTAS

(*) LIVROS I e II, p. 111, ed. autor, 1977.

(1) Partindo deste pressuposto, o «plano de leitura» em que hoje

nos interessa colocar não deve ser o da posição do autor no momento em que compôs a obra (ou o do sentido que ele lhe atribuiu...) mas o da leitura actualizante possível (à luz dos novos conhecimentos, experiências e do próprio desenvolvimento da pintura). Assim, se defendemos este «parti-pris» de um décalage no tempo, isso tem a ver com a própria forma egoísta como encaramos a pintura: para nós, o interesse de uma tela (e da prática que a suporta) reside na própria circunstância do significante ultrapassar (estando além/aquém dele ou transgredindo-o) o «sentido» (considerado em determinado momento, do ponto de vista da recepção da obra, o decisivo). Por isso mesmo dizemos, também, que o significante é uma fonte inesgotável de sentidos — na própria medida em que não se resume a ser um repositório de sentido(s), nem é totalmente compreendido, neutralizado, abolido pela leitura. Esta irreducibilidade do significante à sedução ou ao colonialismo do sentido radica no próprio facto da pintura — entendida como prática, matéria e conjunto de processos e signos — materializar um número imenso de sensações, traços (in) significantes e de pensamentos impossíveis de reduzir ao mecanismo da reprodução mais ou menos «fiel» do sentido.

(2) E essa, aliás, a ideia de Francis Bacon, como frequentemente o reafirma nos seus diálogos com David Sylvester, *Thames and Hudson*. Tudo isto, é claro, entronca com a própria posição do corpo (O Significante do indivíduo) na escrita ou na pintura: o que

num determinado momento se materializa como significante é a própria resistência do corpo à ideologia e à alegoria de um sentido (por meio dos quais se procura sempre, de um modo ou outro, cobrir a instabilidade do Sujeito na História e na sua relação com a Ideologia).

(3) O horizonte, em oposição à alegoria e ao divino, é também o espaço de uma utopia (de sentido). Em *Les Mots dans la Peinture*, M. Butor, por exemplo, escreve: «uma das razões que o levaram (a Bosch a renovar a arte da paisagem de uma forma tão profunda, foi essa mobilização hieroglífica que exigia o aprofundamento e a expansão do espaço até ao infinito (... daí essa sistematização da arte dos fundos que já surgira com Van Eyck)» - op.cit.p.67.

(4) Pelo que atrás se escreveu compreende-se que não entendemos a deformação como uma procura de um mais (+) de realismo mas como um verdadeiro traço significativo cujo primeiro «sentido» é o de uma prática que se excede não para tornar redundante, expressivo, um velho sentido mas para o transgredir — i.e. para contra ele ainda produzir outros sentidos. Também aqui nos poderíamos referir a Bacon... «Trata-se de uma tentativa para aproximarmos a coisa figurativa, de uma forma mais emocional e violenta, do nosso sistema nervoso...» — observa Bacon; Michel Leiris, por seu turno, refere-se a uma vontade de poder. (Cf.p.ex. Francis Bacon *Auto-retratos*, col. Caixa de Tintas, Quatro Elementos Editores, 1982).

(5) Note-se, no entanto, que essa tensão existe e é fundamental para que se desencadeiem os mecanismos de produção significante dos sentidos — só que estes não se resumem a



H. Bosch, as Bodas de Caná

Continuação da pág. 3

essa tensão, nem por ela fundamentalmente se explicam: a inversão existente não é, assim, só a de um sentido mas a da própria prática (significante) da pintura — em que o corpo se passa a assumir como o instrumento (pincel) do erotismo (e da pintura).

(2) Não afirmamos que esse plano não exista, pensamos é que, existindo, pelo menos nos seus quadros mais interessantes, ele é sempre um plano secundário, uma zona sobre-determinada pela própria prática (significante) da pintura. Assim, se em *O Paraíso e a Ascensão ao Empírio* temos um dos poucos casos mais evidentes da tentativa de sublimação das contradições inerentes à (e produtivas da) sua pintura, no *Jardim das Delícias* é manifesta a tensão existente entre sublimação e heretismo (englobando neste termo os próprios desvios da representação do erótico). A diferença entre uma obra e outra tem portanto a ver com a própria prática da pintura: no primeiro caso ela ainda está muito censurada pelo sentido; no segundo, constitui o *sem-sentido* do seu sentido explícito.

Folheiem-se, agora, algumas telas de Bosch.

Por exemplo, *As Bodas de Caná*. Tela em que podemos detectar praticamente todos os mecanismos de inscrição do significante e de deperdição (inversão) dos sentidos a que já nos referimos. Comparando-a com a vineta relativa à *Gula* (série dos *Sete Pecados Mortais*, datável de 1475), queremos chamar a atenção para o efeito desconstrutor (ou dissuasor) do sentido que o *grotesco* aqui assume: o grotesco, com efeito, em ambos os casos, resulta fundamentalmente da acentuação de um traço de estilo — neste caso o *contraste de volumes* entre as figuras (e as suas hierarquias de sentido); assim, na *Gula* temos o pequeno homem que junto do personagem principal parece disputar-lhe o «privilegio» de ser o suporte (e o agente) do sentido; nas *Bodas de Caná*, por seu turno, outro pequeno homem, em primeiro plano, à frente da cena, segura numa taça e parece parodiar a figura e o milagre de Cristo.

Relacionemos agora *A Soberba* (outro dos *Pecados Mor-*

tais) com *As Bodas de Caná*. Nestas duas obras é marcante a representação da teia: como uma *dúbia cena*. Esta especularidade (que no caso do «pecado» é assinalada por duas vezes nos espelhos — no primeiro plano e no plano do fundo) tem como principal efeito denunciar a pintura como representação imaginária segunda (nas *Bodas*, aliás, existem diversas cenas duplas: o mágico ao fundo, o próprio tapete que voa, a cabeça que espreita, imprevista...). Ora, esta dupla representação, a representação da tela como pintura, tem como consequências não só atenuar a cobertura da tela pelo sentido da alegoria (abrindo o campo, portanto, a uma produção pictural significativa e à formalização de outros sentidos) como, no plano da leitura, dá a entender ao espectador que ele é em última instância, frente ao quadro, o próprio produtor do seu sentido (e ideologia; o que é fundamental para a libertação dos sentidos — e do sentido — da sua leitura). No seu conjunto, estes traços, extremamente inovadores do ponto de vista da *desconstrução da representação*, parecem-me mais importantes do que qualquer leitura «moralizada» do sentido da pintura (6).

A *Cura da Loucura* e a *Tentação de St. António* (Museu do Prado) permitem-nos chamar a atenção para a função simbólica *distanciadora* (do ponto de vista da representação e da leitura) do *horizonte* (ou da paisagem, ao fundo) e para o significado que ele, como instância da utopia, frequentemente assume. O *horizonte* tem, na pintura de Bosch, um estatuto duplice: por um lado, ele é uma marca do campo do significado (enquanto elemento representativo: a paisagem) que funciona como significante, *adiando e relativizando* o sentido da alegoria (na leitura: produzindo e confrontando-a com a produção de outros sentidos); por outro lado, trata-se de um significante (uma diferença espacial, ao mesmo tempo pictural e cromática) que produz,

implicitamente, um *sobressentido* (a sua serenidade opõe-se ao caos, ao horror e ao grotesco mesmo do primeiro plano do figurativo).

No entanto, se o horizonte desempenha essa função *pacificadora* (e/ou *aglutinadora*) (7), podíamos também citar outros exemplos de *perdição* do senti-

do (da sua fuga, como traço significativo — p. ex., nos grandes painéis «metafísicos»). Referimo-nos, em particular, a *A Epifania* ou *A Adoração dos Reis Magos* (tríptico — e nomeadamente à figura seminua com a coroa, no painel central, interior). Queria sobretudo chamar a atenção para a tendência manifestada nestas telas para produzir inúmeros (outros) sentidos que *reescrevem* o sentido alegórico e explícito (canónico) da pintura. Essa reescrita, no entanto, não é de um sentido por outro sentido, mas a de cada sentido pelo *conjunto* dos sentidos (enquanto unidade de diferenças e de estruturas) e em última instância pela própria prática significativa que coloca noutras bases (radicalmente diferentes) a própria questão da produção do sentido em pintura. A *inversão* fundamental é esta: integrar a produção tradicional dos sentidos (a sua reprodução figurativa) na problemática mais geral da própria produção significativa dos sentidos. A deperdição do sentido é, assim, uma fuga: fuga, num beco sem saída e beco do qual o significante constitui sempre, e ainda, a parede última (a prova material, física, de uma pintura que volta o seu nada, oco, de encontro à tendência especulativa com que sempre a cobre o sentido ou a ideologia da pintura).

Talvez por isso mesmo, nestas telas, o *signo horrível* (lido como «grotesco» ou excesso de realismo) ou *absurdo* (excesso no irrealismo) seja sempre produzido mais como um *excesso* (em si) do que como a redundância de um símbolo. Sendo assim, o interesse da deformação, do ponto de vista da representação, residiria na própria tendência incontrolável da prática (e da pintura) para se *exceder* para lá dos padrões/normas

do alegórico e do figurativo. Essa *violência* é que é significativa da nova teoria da representação em Bosch implícita. Esta violência expressiva — que leva o pintor a produzir o signo para lá do seu sentido — constituiria o índice de uma concepção da pintura como experiência dos limites — como uma fórmula mais económica e do ponto de vista do sentido (preocupação ainda dominante em Bosch, sem dúvida) mais produtiva. Que essa produtividade não se resume a um excesso (não tanto «ilustrativo» como *expressivo* — como Bacon queria) do sentido, mas tenha o sentido da própria noção de *prática* (como uma instância sempre *excessiva*, de transgressão dos limites) é, talvez, uma das induções que mais elementarmente podemos extrair de H. Bosch e da sua pintura (8).

Lisboa, 1977, Antuérpia 1982

NOTAS

(6) O que nos poderia levar a dizer, p. ex., a pretexto de que na *Soberba* é um demónio que segura no espelho em que a figura feminina se mira, que Bosch denuncia como *diabólica* essa prática de maquilhagem, *soberba*, que é sempre a pintura... Claro que dizê-lo seria justo, mas de outro ponto de vista: ou seja, como reformulação ideológica de um momento de corte que com o motivo moral ao mesmo tempo se denega e sutura. Vejam-se também as interessantes *vanitas* de um Antoine Wiertz, em pleno século XIX — em que, como segundo motivo figurativo, surge a referência aos *romances* e à literatura (Maison Wiertz, Bruxelas).

(7) Cf. o que sobre esse aspecto escrevemos em *Alguns Problemas da Representação do Espaço*. IV — *A Representação do Espaço em Algumas Telas Flamengas* (ou dos *Países Baixos*) do Mesmo Período, sup. Ler/Escriver, «Diário de Lisboa».

(8) Haveria aqui também que re-

ferir um outro tipo de violência, agora virado para dentro, *interiorizado*, em que se confundiriam as determinações estilísticas de um gótico tardio (de que Hugo Van Der Goes continua a ser o mais admirável exemplo na pintura dos *Países Baixos*) e de um latente maneirismo (veja-se o carácter por vezes tão seráfico, ou de rarificação, de certos rostos: plano inferior de *O Paraíso* e a *Ascensão ao Empírio*, mas sobretudo o rosto de Cristo, do *Cristo Escamecido* — a contrastar com os rostos da *Ascensão ao Calvário* (Museu de Gand).

Socorremo-nos de novo de Michel Leiris para procurar dar um equivalente dessa *vontade de ser* que se objectivaria num conjunto de índices de *violência*: «Para Baudelaire o belo não é possível se não houver a intervenção de algo de ocasional (o acaso ou as contingências da modernidade) que percipita a evidência do belo do seu estatuto de estagnação inicial: a degradação é o preço pago pelo um mumificado para adquirir a vida do múltiplo. A ideia tradicional de que o belo resulta de uma relação estática de contrários torna-se, deste modo, implicitamente obsoleta. O belo deve conter em si um elemento que possa desempenhar as funções do pecado original. O belo resulta não do confronto dos contrários mas do seu antagonismo mútuo, do modo vigoroso e enérgico como eles invadem os campos um do outro e emergem com os vestígios do conflito, sempre sujeitos a qualquer espécie de mutilação ou ferida... A nossa emoção estética — ou aproximação de belo — depende assim, em última análise, dessa lacuna que representa o outro lado do belo, encarado na sua forma mais elevada: uma inevitável incompletude, um abismo que nunca atravessamos por completo, uma brecha que se abre para nossa perdição». E mais adiante: «Sendo assim, também se poderá dizer da representação do real o que Breton dizia da beleza consulsiva: isto é, que ela será *peroxística* ou não será» (Michel Leiris, citado em Francis Bacon, *Auto-Retratos*. Quatro Elementos Editores, col. Caixa de Tintas, 1982).

Business (a Edie Sedgwich, ou American Biography)

Carlos Leite

Lábios donde soprem os últimos enigmas

todo o conhecimento gelado os últimos acasos

femininos dos últimos 1000 beijos

Aquele lugar comum

onde moraram os corações

Sempre algo a perder desta solidão de homem

ocupado em perfazer solidões perdidas

Ciao! Manhattan

